
A SECOND CHANCE ROMANCE
RISE
INTERNATIONALLY BESTSELLING AUTHOR
PIPER LAWSON

Staff

Moderadoras

Rainha das Sombras, Lilly Draconi & Meghan Williams

Tradução	Mel Dusk
Revisão Inicial	Cassia
Revisão Final	Thays
Leitura Final	Ana Lu
Formatação	Meghan Williams
Disponibilização	Queens of Shadows

2019

Avisos

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs , páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras , digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Rise (Play #3) by Piper Lawson

Eu sou o Riley McKay. O namorado perfeito.
Por quê? Eu sou rico, bonito e posso escalar uma montanha com minhas próprias mãos. Eu me lembro de aniversários e datas especiais. E eu sou um cara seriamente decente.

Sua mãe vai me amar. Seu pai vai me respeitar (de uma maneira relutante de pais quando eles sabem que você está transando com a filha deles).

E quando termina, o que, sejamos honestos, sempre acontece...

Eu também sou legal.

Não há nada faltando na minha vida. Definitivamente não é a garota que foi embora há dez anos sem uma palavra.
Aquela que cai de volta na minha vida como uma bola de fogo quando eu menos espero.

A única mulher que eu não pude ser 'legal'.
Eles dizem que você não pode subir sem a queda.
Com ela, eu já caí. E não importa o quão sexy ela é, quão bonita, ou confiante ou nervosa... Eu não vou me apaixonar por Sam novamente.
Porque a queda é fácil. Levantar, isso é difícil.

1

AMIGOS QUE MOVEM COQUE

—É um cara bonito. Tem certeza que ele é seu? — Eu olhei do bebê para o meu melhor amigo, Max. Seus olhos se estreitaram.

—Há uma lista de visitantes muito pequena na estação das enfermeiras, Ry. Não me lembro por que o colocamos nisso.

Alguns bebês são feios. Não há maneira de contornar isso. Você ainda diz coisas legais enquanto canaliza o seu interior Daniel-Day-Lewis-atuando-para-um-Oscar.

Eu não tive que fingir.

Olhos azuis sonolentos e inteligentes olharam para mim de seu pequeno rosto. Ele era todo de pele rosa pálido, com um punhado de cabelos escuros na cabeça.

Aninhado nos braços de seus pais no quarto do hospital privado, ele parecia extraordinariamente sereno tendo estado no planeta apenas cerca de três horas.

Quanto aos pais, os olhos azuis elétricos de Max eram suaves, o tique de seu queixo era uma característica nova, pelo que conseguia me lembrar. O cabelo escuro de Payton foi empurrado para trás de seu rosto em forma de coração, e ela parecia batida, mas muito bonita.

—Como foi o parto?

—Como você acha que é empurrar uma melancia lamacenta para fora do seu corpo? —Payton perguntou esperançosamente.

Eu segurei a melancia lamacenta.

—Você é um deus, Riley McKay.

—Eu adoro quando as mulheres me dizem isso. — Eu coloquei o enorme buquê de flores que eu comprei no caminho - aparentemente menos popular do que a bebida favorita de Payton - na mesa de aglomerado ao lado da cama. A julgar pelo cartão ao lado do gigante urso de pelúcia, eu fiquei em segundo lugar, depois da mãe de Payton.

Logo o lugar estaria repleto de simpatizantes.

A notícia enviara ondas através dos Jogos Titan, uma vez que eu anunciara que a namorada do CEO havia entrado em trabalho de parto esta tarde. Nossa companhia de programadores peculiares estava sussurrando e rindo como garotas adolescentes em um show de Justin Bieber.

Eu estudei a nova chegada. Ele tinha o queixo do meu amigo, mas tudo mais foi Payton. —Assim. Esse cara tem um nome? Eu sempre gostei de Riley, se você está procurando...

—Tristan. — Eu esperava a palavra de Payton, mas foi o meu melhor amigo que encontrou meu olhar. —Tristan Taylor Donovan.

Eu tinha visto Max em um relacionamento antes - casado, na verdade - mas eles nunca tiveram essa vibração que Max e Payton tinham.

Payton foi tão motivada quanto Max. Uma gerente de conta em um banco ela trabalhava com empresários de todas as formas e tamanhos, que eram como eles se conheceram. Como ela domara meu amigo cínico, mas de bom coração, ainda era um mistério de proporções de Arquivo X.

—O que você está fazendo? — Max perguntou quando eu peguei meu telefone.

—Documentando. Compartilhando. —Payton sorriu, meu amigo franziu a testa, e Tristan continuou a respirar quando eu cliquei no botão da câmera. —Este é o rei leão. Eu sou o Rafiki digital.

Coloquei a foto no canal Slack da nossa equipe e coloquei o telefone no bolso.

—Você é um babão, Ry—, comentou Payton.

—Eu sou um gênio legal endurecido pela batalha. Eu me recuso a ser descrito de outra maneira.

A última vez que estive em uma maternidade foi quando minha irmã mais velha, Grace, deu à luz sua filha há quatro anos. Meus pais, minha irmã mais nova Annie e eu sentamos ansiosamente esperando. O marido de Grace, Jeremy, estava com ela, e eu senti um alívio físico quando meu cunhado enfiou a cabeça para fora e disse que tudo estava claro.

Agora eu estava aqui com meu melhor amigo e a mulher que ele amava.

Eu tinha esquecido como os bebês tinham uma maneira de criar todos os sentimentos.

—Apenas espere—, Payton me disse. —Isso vai ser você em breve.

Eu fingi parecer ofendido, mesmo quando me inclinei para acariciar a bochecha macia de Tristan. —O que faz você pensar que estou atirando para expandir a família McKay? Eu trabalho dezesseis horas por dia jogando Spock no Kirk desse cara. Eu balancei a cabeça para Max. —Quando termino, mal tenho tempo de ir ao ginásio e pagar a hipoteca.

Sua boca se contraiu. —Você diz isso como se 'em um relacionamento' não fosse seu estado natural. Você ama estar apaixonado, mas faz meses desde que você namorou. Alguém tem que ceder.

—Bem, com Max fora do mercado eu posso ser o solteiro mais cobiçado dos Jogos Titan.

Eu não guardo equívocos sobre estar sozinho para sempre. Eu sou alto, eu trabalho e me visto como se desse uma merda. Eu rio muito e amo fazer as outras pessoas rirem. Eu me lembro de aniversários e datas especiais como se fosse o meu trabalho.

O que não é, porque meu trabalho real é o segundo em comando na empresa de jogos mais avançada do mundo. Esse trabalho paga pelos meus ternos, meu Bentley e minha casa de sete dígitos.

Mas nunca tive dificuldade em encontrar mulheres cuja companhia eu goste e que gostem da minha.

Quando Maria terminou comigo meses atrás, parecia do lado de fora como qualquer um dos meus outros rompimentos: civilizado, amigável, mútuo.

Na verdade, eu fiquei chocado quando ela disse que não estava funcionando.

—Você não deixa as pessoas entrarem, Riley.

—Do que você está falando? Nós estivemos em um cruzeiro juntos. Nós ficamos em uma cabine de cem metros quadrados por cinco dias, o quanto mais perto você consegue?

—É o que eu quero dizer. Você é encantador - às vezes é demais - e é fácil de estar por perto. Mas por todo o tempo que passamos juntos, você nunca fala sobre seu passado, seus medos ou o que o deixa triste. E você nunca fala sobre o nosso futuro. Eu quero alguém para dar o próximo passo. Eu sei que você não está pronto para ir lá, mas eu me pergunto se você nunca vai estar.

—Isso não é justo.

—Não é? Há parte de você que você não mostra ao mundo. E mesmo quando estou com você, não entendo tudo de você. Você segura um pedaço de volta. Eu estou nem tenho certeza de que você reconhece isso. E não posso estar com alguém que não me mostre tudo dele.

—O que você quer que eu diga. Que eu te amo? Eu já te disse.

—Eu não quero esse amor, Riley. O tipo que é sempre fácil e sorridente. Eu quero amor que é confuso e honesto. O tipo que te separa e te coloca de volta novamente.

Foi besteira. Nós nunca tivemos uma briga. Não era isso que as mulheres queriam? Alguém para tirá-las, para fazê-las rir? Alguém para cuidar delas e gostar de fazer isso?

O rompimento ainda me incomodou. Eu estava com Maria, mas alguma parte de mim se perguntava se ela estava certa. Se havia algo errado comigo.

Desde que Max e eu começamos o Titan Games anos atrás, como forma de lançar seu primeiro jogo, o *Oasis*, o negócio cresceu.

Exponencialmente

Nós éramos dois caras de trinta anos de idade de Boston que fizeram milhões em três jogos mais vendidos. Nós podemos não ser nomes familiares, mas Titã era.

Mas aqui, neste quarto de hospital com a iluminação ruim e o linóleo amarelado, nada disso parecia importar.

Meu melhor amigo e a mulher que ele adorava mais do que qualquer outra coisa, trouxeram nova vida ao mundo.

Eu poderia ter o carro, a casa, o portfólio de ações.

Eu não tenho *isso*. Alguém que olhou para mim do jeito que Payton olhou para Max.

Tão rapidamente quanto o pensamento veio, eu empurrei para longe. A autopiedade é uma emoção indulgente, especialmente para pessoas que têm dinheiro, sucesso, amigos e família.

—Posso pedir emprestado ele por um segundo? —, Perguntei a Payton.

—Max ou Tristan?

—O antigo.

—Demorou três minutos até a loja falar—, brincou Payton.

—Eu vou tê-lo de volta antes que o rapaz possa piscar. — Ela acenou com a mão e Max me seguiu para o corredor. Deixei a porta fechar atrás de nós para não incomodar Payton e Tristan.

—Eu deixei a equipe saber que as aprovações seriam mais lentas que o normal na nova versão do jogo. — Eu parei vendo seus olhos embaçados. —Max. Como vai você?

—Bem. Realmente bom pra caralho.

Eu abracei seu corpo cansado, batendo nas costas dele. — Parabéns, cara. Ouça. Não se preocupe com Titan. Eu vou cuidar de tudo.

—Temos que continuar seguindo em frente no *Omega*.

—Nós vamos. Eu vou te manter no circuito. Mas qualquer coisa que precise fazer, envie para mim. Eu serei seu CEO interino.

Uma enfermeira de vinte e poucos anos caminhou pelo corredor, sacudindo os olhos em nossa direção - Max, atarracado em seus jeans e camiseta preta, e eu, esguio em meu terno personalizado - antes de olhar para o gráfico debaixo do braço.

—Eu sei que você é um maníaco por controle. Mas nós encontramos ou não esta empresa juntos?

—Sim. Nós fizemos.

Eu assenti. —Boa. Agora, há mais alguma coisa que eu possa fazer?

Max hesitou. —Há um coisa. —Ele enfiou a mão no bolso e tirou um cheque e entregou para mim. Eu olhei para o número de zeros.

—Somos o tipo de amigos que trocam cocaína pelo outro? Acho que precisamos conversar sobre... Meu olhar permaneceu no destinatário. —Uma galeria?

—É um presente para Payton.

—Claro, Kanye. — Sua expressão ficou em branco. —Você sabe, como um presente de empurrar, para... não importa.

—Se eu não largar isso hoje à noite, eu perco meu depósito.

—Considere isso. — Ele me deu o endereço e eu coloquei no meu telefone.

Suas sobrancelhas se uniram. —Há algo que eu deveria lhe dizer primeiro.

—O que, você acha que eu vou te envergonhar? — Eu olhei para o meu terno. —Eu posso me encaixar em uma galeria de arte, Max. Graduados da Ivy League, álcool, piadas e cabeleireiros? É meu habitat natural. Você se preocupa muito. Agora volte para sua namorada. E seu bebê. Você precisa tirar algumas fotos embaraçosas para o anuário do colégio de Tristan.

Quando fiz meu caminho até a garagem, dei outra olhada na foto que tirei dos três. Apesar da expressão estranha de Max, eles pareciam afinados. Conectados.

Apaixonados.

Não é o tipo de amor você cai porque é fácil.

O tipo que você cai porque você não pode fazer nada além de cair.

Eu deslizei para dentro do Bentley, empurrando para longe a sensação no meu intestino.

Eu não quero esse tipo de amor. Porque o que eles não dizem é que depois da queda...

Não há ninguém para buscá-lo.

2

NÃO PODE TE AMAR DE VOLTA

— Red Bull.

—Me desculpe senhor. Nós não temos Red Bull. Posso pegar outra coisa para você?

Eu olhei para o barman.

A ideia de operar por uma noite sem o amigável chute de cafeína na bunda era incompreensível.

Como não ir trabalhar de manhã.

Ou odiar *Star Wars*.

Eu balancei a cabeça para a garrafa de vinho tinto no bar pop-up entre nós e me virei para observar o espaço ao meu redor.

A galeria de arte contemporânea tinha dois andares com um loft. Janelas altas tornavam quase transparentes - uma caixa de vidro iluminada do lado de dentro contra a noite escura. A maioria das telas brilhantes que cobrem as paredes interiores brancas eram quase tão altas quanto eu.

O lugar estava zumbindo com atividade. Era o tipo de elegante que significava que ninguém batia nos cotovelos a menos que quisessem.

Eu estava de repente feliz por ter passado meu casaco e lenço para o atendente perto da porta. O calor me atingiu, e enquanto eu observava a sala, notei a lareira de ardósia gigante ocupando uma parede.

O garçom colocou o copo na minha frente.

—Estou procurando pelo dono.

Ele acenou para o outro lado da sala.

O homem que falava com os compradores era mais baixo que eu, mas igualmente bem vestido. O cinza em seu cabelo estava começando a dominar o marrom escuro por baixo.

—Jonathan—, eu disse quando me aproximei.

Ele se virou e um sorriso se encaixou no lugar. —Sim.

Eu puxei o cheque de meu bolso e segurei. —De Max Donovan.

—Você trabalha para ele?

—Com ele—, eu corrigi quando ele pegou o cheque e guardou. —Ele não poderia fazer isso hoje à noite.

Ele me deu um aceno de cabeça e eu me perguntei se tudo o que ele fez teve o mesmo movimento suave. —Eu terei a pintura enviada amanhã. Eu queria que fosse para a nossa abertura esta noite.

—É um desses? — Eu perguntei.

—Claro. — Ele cruzou para uma tela no centro de uma parede. Era um conjunto de colinas onduladas, salpicadas de casas no crepúsculo. Poderia ter sido algo de um dos nossos jogos.

Eu não sei porque ainda estranho que o Max tenha me surpreendido depois de vinte anos. Comprar arte não era algo que eu teria achado que ele fizesse, e por mais linda que a foto fosse, eu não conseguia ver meu melhor amigo gostando das mudas de laranjas e malvas do céu banhado pelo sol.

—Você sabe por que ele escolheu isso? — Eu perguntei.

—Não foi possível dizer. Mas é um exemplo maravilhoso do alcance do artista.

Meu olhar caiu na etiqueta.

Pôr do sol Samantha Martinez.

Os pêlos do meu pescoço e braços se levantaram apesar do calor.

Eu fiquei congelado no local como palavras como —espaço negativo— e —orgânico— e —saturação— flutuava ao meu redor como o cheiro de postura da classe alta.

—Você está bem, senhor...?

—McKay. Tudo bem. —Eu me virei, examinando o quarto. Tudo o que vi foram grupos de adultos em pares e trios, bem vestidos e agrupados em torno de pinturas.

Em um canto estava um menino vestido como se estivesse lendo para a igreja, sentado no chão de madeira tocando em um tablet. Mas era a mulher se aproximando dele que me chamou a atenção.

O vestido roçava seu corpo, seguindo cada curva lenta de um modo discreto mas sensual ao mesmo tempo. O tecido vermelho subia ao pescoço, mas deixava os braços nus e terminava no meio das coxas. Seu cabelo era uma cortina brilhante que caía direto sobre as omoplatas.

Eu não acredito em Deus. Eu acredito no universo ou no quantum física, ou algo mais deriva de uma alegria sobrenatural de foder com a gente.

Querido universo. Você com certeza não faz as coisas no meio do caminho.

A mulher esperou até que a criança olhasse para cima e depois ofereceu uma mão.

O menino a seguiu até a maior pintura, e eu me esforcei para ouvi-la enquanto ela murmurava para ele, estendendo a mão para tocar a tela. Ele relutantemente fez o mesmo.

—Aiden! — a mulher se apressou até a criança, agarrando seu braço e puxando-o para longe.

—Há a artista agora. — A voz de Jonathan cortou meu pensamento. —Você gostaria de conhece-la?

Bebi meu vinho, as notas mais escuras dançando sobre minha língua e minha garganta. —Sim. Eu acho que sim.

Nós cruzamos para a mulher de vermelho, seu olhar ainda na direção da criança e sua mãe como ela brincou distraidamente com o decote do vestido.

—O que quer que aquela criança estava fazendo? — Jonathan zombou.

—Ousar interagir com arte em vez de jogar em uma tela. — Sua voz era baixa, tingida de desapontamento e alegria em igual medida.

—Eu vou tê-lo removido.

—As pessoas com menos de trinta anos nesta galeria estão de castigo—, eu comentei baixinho. —Ele está fazendo a sua penitência.

A mulher se virou e o rosto que me cumprimentou quando ela se virou não precisou de luz de fogo. Ela foi iluminada por dentro.

Seu rosto era oval, o nariz um pouco pequeno demais. Seus lábios carnudos estavam pintados de vermelho para combinar com o vestido dela. Minha parte favorita dela sempre foram seus olhos, emoldurados por cílios escuros tão grossos que era uma maravilha que ela pudesse levantar as pálpebras.

Quando eles pousaram em mim, aqueles olhos eram enormes e aveludados e cheios de incredulidade.

—Samantha. Este é o Sr. McKay. Ele é um admirador - disse Jonathan, meio distraído por algo do outro lado da sala. Provavelmente procurando pelo pretenso criminoso. — Desculpe-me um momento. — Ele disparou através da multidão.

—Um admirador? — Ela levantou uma sobrancelha. —Acho isso difícil de acreditar.

O sentimento começou no meu peito. Uma expansão impossível, como um balão de hélio. Seu olhar puxou para baixo do

meu corpo e eu abaixei a cabeça para pegar seu olho. —O que – minha calça caiu?

—Não. Eu nunca pensei que veria você sem uma carteira de corrente.

—Eu nunca pensei que veria você em um vestido. — Eu me aproximei dela, permitindo que um grupo de clientes passassem no caminho para a saída. —Eu gosto disso.

—Aparentemente, compra-se mais arte quando o artista não está usando tênis. — Ela me lançou um olhar. —É o meu primeiro show na galeria.Eu aprendei as regras antes de quebrá-las.

Eu olhei de volta para a tela. A paisagem era um campo de flores vigiado por nuvens mal-humoradas. A pintura foi feita com uma mão habilidosa. Aquela que sabia como evocar emoções da plateia. Agarre-os, brinque com eles, torça-os.

—Bem, as pessoas são péssimas—, eu comentei, pensando na mulher que arrastou o filho para longe. —Mas a arte é ótima pra caralho.

Sam soltou um suspiro, olhando por mim. —Eu disse a mim mesma que se vendesse cinco quadros até o final da noite de abertura, celebraria.

—Oh sim? Como?

—Comprando uma torta. A maior que eu posso encontrar. E eu estou comendo a coisa toda sozinha. Eu soltei uma risada que tinha algumas cabeças girando. Eu não poderia ter me importado menos.

A boca de Sam se curvou na esquina, e quando esse pequeno movimento floresceu em um sorriso completo, a nostalgia me atingiu como uma maldita bigorna.

Algumas pessoas estão destinadas a estar em sua vida para sempre. Outros fazem saídas graciosas para a noite.

Agora, perto o suficiente para tocá-la...

Lembrei-me por que demorou tanto tempo para soltar.

—Qual é a sua desculpa? — Ela perguntou, acenando para o meu terno.

—Advogado.

—Eu vejo—, ela murmurou.

—Eu tenho abotoaduras. E, tecnicamente, metade de uma empresa de jogos.

Ela levantou um ombro, arrastando minha atenção para suas curvas sob o vestido. —Estou surpresa.

—Por eu estar tão limpo?

—Que você é o cão de guarda de Max Donovan. O Riley que eu conhecia não teria se contentado com isso.

Antes que eu pudesse responder, Jonathan desceu do nada. — Samantha, há alguém que gostaria de conhecer você.

Eu me perguntei se ele a estaria enganando a cada minuto. Pelo menos até que notei a mão dele nas costas dela.

Talvez eu tivesse chegado perto demais e o lobo acinzentado tivesse vindo defender seu território.

Com um último olhar, ela se virou para segui-lo.

O Riley que eu conhecia não teria se contentado com isso.

As palavras soaram nos meus ouvidos, um zumbido surdo que eu não conseguia afastar.

Por cada padrão objetivo eu fui bem sucedido. Tive uma graduação em Direito pela Ivy League, ganhei meu primeiro milhão aos vinte e cinco anos.

Eu não conseguia lembrar da última vez que alguém me deu um curativo assim. Fora de uma negociação, pelo menos.

Demorou um segundo antes de eu notar meu celular vibrando no meu bolso.

Peguei para desligá-lo, percebendo o número de LA. Provavelmente algum contrato em que estávamos trabalhando.

Eu avaliei o quarto, forçando meu olhar por Jonathan e Sam e vi um homem e uma mulher discutindo se comprariam uma pintura.

Eu cruzei para eles, olhando para a marca discreta na parede.

—Este não está mais à venda—, eu ofereci, agradável.

O homem piscou. —O que você quer dizer?

—Quero dizer, eu estou comprando isso.

—Mas... nós estávamos aqui primeiro.

—Você estava procurando. Eu estou tomando providências. Minha namorada vai amar isso. Coco ama a arte. —Eu pisquei para a mulher em seu braço enquanto colocava minha mão no bolso.

Ele ergueu a mão. —Agora espere um segundo. Eu quero essa pintura.

Eu balancei a cabeça. —Não. Eu entendo isso para a minha mulher, vai valer a pena. Se você sabe o que eu quero dizer. O homem franziu a testa. —Mas eu vou te contar o que. Eu disputo por isso. A senhora pode ser nossa leiloeira.

Ela sorriu, feliz por assumir seu novo papel. —Bem. Vamos começar a licitação em... doze mil?

—Doze. — Eu disse sem hesitar.

—Treze—, disse o leiloeiro improvisado, ganhando confiança.

Com uma andorinha, o outro homem disse: —Feito.

—Quatorze. — assentiu.

—Quinze mil. — Sua testa frisada com suor. Voltei-me para a pintura, com um sorriso no rosto.

—Eu vou ter tanta sorte hoje à noite—, eu disse a ele em minha voz mais sincera. —As coisas que Coco vai me deixar fazer com ela...

—Quinze. — Ele cuspiu a palavra, e eu levantei minhas mãos, graciosamente admitindo a derrota.

—Bem feito. Eu sugiro que você tenha isso embrulhado antes que eu pense em ser menos que um cavalheiro e voltar à minha palavra.

Eu assisti o orgulhoso vencedor cruzar para Jonathan, que ainda estava conversando com Sam.

O homem disse algo que fez com que ambos olhassem na minha direção.

Voltei para a pintura que não tinha intenção de comprar e contei na minha cabeça.

Um.

Dois.

Embora agora que eu olhei para ele, havia uma parede no meu sobressalente

—Que diabos foi isso. — Sam estava ao meu lado, um farol vermelho em uma sala movimentada e cintilante.

—Eu fiz você um extra cinco mil sobre o preço de lista—, murmurei em meu copo de vinho.

—Significado?

Eu sorri abertamente. —Significa que é melhor você fazer uma grande merda.

O queixo dela ergueu, e as luzes do teto encontraram novos ângulos em suas bochechas, seus lábios.

Seu olhar provocou. —Eu retiro o que disse—, disse ela em voz baixa. —Mesmo sem a carteira da corrente, você não mudou nada, Lee.

Uma sílaba inocente não deve ter o poder de sugar a respiração de seus pulmões, ou fazer seu corpo apertar.

Mas ela também vacilou. Uma vez que o apelido saiu, ela parecia tão surpresa ao dizer como eu estava ao ouvi-lo.

Naquele instante, as memórias correram para mim em uma onda. Colidindo, competindo, me afogando com a pura força e sensação deles.

A década que passou se foi.

Ela era a velha Sam.

Minha Sam

Aquela com quem eu tinha um milhão de piadas internas.

Aquela que desenhou tatuagens no meu braço com uma caneta Bic.

Aquela que me ensinou a ser uma rocha quando alguém estava sendo jogado pelas ondas.

Apesar de cada parte do meu corpo dizer que era uma má ideia, eu me aproximei. Seu perfume inundou meu nariz, familiar e novo ao mesmo tempo.

—Max e sua namorada tiveram um bebê hoje à noite.

—Dê-lhes meus parabéns. — Mas seus olhos se arregalaram, como se ela não tivesse certeza de como ela se sentia sobre o fato de que estávamos a centímetros de distância, que ela teve que virar a cabeça para segurar o meu olhar.

Eu coloquei meu copo vazio na bandeja de um garçom que passava. —Você sabia que Max comprou um desses?

Seus dedos encontraram a costura de seu vestido enquanto ela assentia. —Eu encontrei ele em um evento recentemente e enviei o link para o show. Ele perguntou qual deles eu achava que sua namorada gostaria. — Ela olhou suavemente. —Max Donovan apaixonado e pai. Nunca pensei que veria isso.

—E você?

Seus olhos escureceram de caramelo ao chocolate. —Você quer dizer o amor? Estou apaixonada pela minha arte.

Meu telefone tocou novamente, e pela primeira vez eu desejei não ter que sair.

Mesmo que eu não deveria, eu disse: —Há um problema em amar a arte.

—O que é isso?

Peguei meu bilhete de reclamação do casaco, permitindo-me uma última olhada em seu rosto antes de me virar para a saída. —Não pode te amar de volta.

3

AMBIÇÃO

Aqui está uma percepção de que as pessoas que fazem videogames são fascinantes ou ainda vivem no porão de seus pais.

A quantidade de tempo que eu gasto na Comic Con ou em entrevistas na mídia ou realmente jogando é risível em comparação com o tempo que passei a folhear as folhas de cálculo, a rever acordos legais e a participar em teleconferências.

Claro, eu consumo mais Red Bull por ano do que a maioria das pequenas nações européias. Mas não uso calça de moletom, não vivo de pizza na cozinha compartilhada, e meu acne desapareceu bem antes de eu ganhar meu primeiro julgamento simulado na faculdade de direito.

Antes de Titan se tornar uma empresa, era um jogo. Um que Max tinha feito quando ele abandonou a faculdade. Eu ajudei com o lado dos negócios. Quando decolou, olhamos um para o outro e dissemos 'vamos continuar'. Desde então, lançamos um hit de acompanhamento, *Phoenix*, que quebrou todos *os* recordes *do Oasis* como o jogo indie número um de todos os tempos.

Aquele negócio agora pagava por mais de quarenta funcionários em cinco países, muitos dos quais trabalhavam fora do meu escritório.

Nós lançamos para a mídia que nosso mais novo jogo, *Omega,* acompanhou a história da última pessoa na Terra em um mundo pós-apocalíptico, enfrentando toda natureza demoníaca e o inferno que poderia lançar em sua busca para encontrar segurança e finalmente reconstruir o planeta.

O que ninguém sabia era que estávamos investindo em uma jogabilidade nova e de última geração para que isso acontecesse.

Jogabilidade que, aparentemente, foi ainda mais foda caro do que eu pensava.

Pessoas que não são empreendedoras pensam que trabalhar em tecnologia é como viver no Wolf of Wall Street. Dinheiro, cocaína e bunda por dias.

Não é.

Desde o lançamento do jogo da *Fênix*, Max e eu faríamos o banco para rivalizar com alguns CEOs da Fortune 500. Nós também pagamos nossa equipe acima das taxas de mercado, algo não negociável, tanto quanto eu estou preocupado.

Mas é sempre uma dança. Fazendo um orçamento suficiente para nos fazer passar por lançamentos, garantindo que distribuidores e varejistas nos paguem a tempo, e vendendo o suficiente para cobrir as apostas que tomamos.

Com o *Omega*, pensei que tivéssemos.

Pelo menos até eu ver os últimos números de folha de pagamento para desenvolvimento, que pareciam ainda maiores nos incansáveis LEDs da tela do meu computador.

—Que porra, Max? — Por tanto dinheiro poderíamos estar construindo uma nova internet, não apenas um jogo.

O celular na minha mesa interrompeu meus pensamentos sombrios.

—Riley McKay—, eu grunhi.

—Sr. McKay. Eu tenho David Stern com a Epic Studios. Deixe-me colocá-lo completamente.

Eu estava jogando o telefone com o escritório dele em Los Angeles desde que ele deixou uma mensagem de voz crítica na noite anterior.

Recostei-me na cadeira, apoiando os pés na mesa e digitalizando meu escritório de canto em Titã enquanto esperava.

Meu pôster dos Rolling Stones ocupou o espaço da parede ao lado do meu pôster motivacional de um alpinista de pé no topo de uma montanha que diz *AMBITION: Suba o mais alto que você pode sonhar. Então sufoque com a falta de oxigênio*.

Nem a motivação nem a ironia eram reconfortantes.

—Riley. — A voz que veio na linha foi estimulante. O chefe de uma banda de escoteiros preparando-se para a primeira viagem de acampamento do ano. David Stern.

—David. O que posso fazer para você?

—Nossa opção de filme em *Phoenix* está expirando no final de dezembro.

—Se você está procurando por uma extensão, me envie um memorando. Vou revisá-lo com nossa equipe de gerenciamento.

Em outras palavras, eu e Max.

—Não queremos uma extensão. Queremos exercer a opção.

Meus pés caíram da mesa e minha cadeira se levantou com um barulho metálico. —Com licença?

—Queremos exercer a opção—, repetiu ele. —Nós vamos fazer um filme.

Eu não tomara bebidas energéticas suficientes hoje para induzir alucinações, então mudei para o viva-voz para fechar o contrato sem interromper a ligação.

Mais de um ano atrás, eu tinha intermediado o acordo dando eles a chance de transformar o nosso mais recente hit em um filme. Foi um passo no processo, marcando uma caixa de seleção para maximizar os dólares do nosso lançamento. Essas coisas raramente iam a lugar algum, mas eu estava fazendo o meu trabalho.

—Temos alguém trabalhando em um roteiro—, continuou ele. —E estamos conversando com diretores em potencial. Obviamente, pretendemos manter sua equipe atualizada. Nós vamos ter que decidir como envolver Titan em pré-produção. Então há licenciamento, merchandising...

Suas palavras ficaram borradas quando eu puxei um arquivo.

Lá estava. O acordo, assinado por David Stern na Epic Studios e uma equipe de advogados, autorizou o cheque gordo que tínhamos

coletado em troca do direito de colocar nosso conceito em sua grossa pilha de ideias.

—Riley? Você ainda está comigo?

Eu fiz oito ofertas de figura em meu sono, mas por alguma razão desde que ele proferiu a palavra 'filme', eu estava tendo dificuldade em processar.

Eu esfreguei as duas mãos pelo meu cabelo, meu coração batendo forte. —Estou aqui. Uma pergunta, David.

—Certo.

—Você está fodendo comigo?

Max havia comprado o décimo e décimo primeiro andares do prédio moderno de uma vez, o primeiro para Titã e o segundo para ele. Eu sempre preferi ter uma linha entre o trabalho e a vida doméstica, mesmo que fosse imaginária mais frequentemente do que não.

Subi as escadas até o décimo primeiro andar. Não havia sentido em bater na porta da suíte de Max e Payton. A entrada estava sempre desbloqueada.

Desde que Payton tinha se mudado com Max mais de um ano atrás, ela havia acrescentado toques mais suaves à sensação de mármore e industrial do enorme condomínio.

- Vodca ao meio-dia? - perguntei a Max enquanto espiava meu amigo na cozinha, descalço em seu uniforme habitual de camiseta preta e jeans desgastados. Eu olhei para o líquido claro em seu copo baixo. —Diga-me que não vamos lá de novo.

Ele levou um dedo aos lábios. —Água—, ele grunhiu. —Tristan está finalmente dormindo. Então é a Payton. Eu preciso fazer aprovações no MVP atual. Eu pensei que eu iria fazê-los na última noite, mas adormeci no meu computador. — Os círculos sob seus olhos me fizeram dar uma olhada. Normalmente meu amigo trabalhava longas horas, mas eu nunca o vi pronto para aparecer em *The Walking Dead*. — Eu acordei com um monte de código de lixo e dentes em forma de chave na minha cara.

Uma hora antes, eu planejava abandonar a questão do excesso de horas de trabalho do *Omega* a seus pés. Foi sua responsabilidade que estávamos usando muito tempo de desenvolvedor no novo jogo.

Mas isso foi antes de tudo mudar.

—Eu tenho notícias—, eu anunciei.

—Eles estão introduzindo uma vigésima quinta hora do dia.

—Melhor ainda. A Epic está exercendo sua opção de filme. Sua expressão ficou em branco. —Acabei de desligar o telefone. *Phoenix* vai ser um filme. Um orçamento de nove dígitos, o sonho molhado do artista-CGI, Produção digna de Whedon.

Ele esfregou a mão sobre a boca. —Hã.

—Deixe-me ajudá-lo. ' *Riley, você é um gênio. Esta é a melhor coisa que me aconteceu desde a Nintendo 64.* —A adrenalina me invadiu. —Este é um trocador de jogo, Max. Além do fato de que nós apenas mudamos do nonagésimo para o nonagésimo quinto percento das pessoas mais legais do planeta, isso dá visibilidade a

Titã. Oportunidades de licenciamento. Novos fluxos de receita. —Fiz uma pausa para respirar.

Max sacudiu a cabeça, mas o cansaço diminuíra alguns graus, substituído pela descrença. —Merda.

—Bem ali com você.

Dos dois de nós, Max era o verdadeiro jogador e eu era o aficionado por filmes. Eu tinha visto todos os filmes de super-heróis dos últimos vinte anos.

Não, trinta.

Ter alguém fazendo o nosso mais recente hit jogo em um filme seria o culminar de tudo o que eu queria.

Hoje foi como ter um novo filme dos *Vingadores* no Natal, entregue à sua porta por Robert Downey Jr. e Scarlett Johansson.

—Eu só queria dar as boas novas. Ah, e mais uma coisa. Eu deixei seu cheque na galeria. Quando você ia me dizer que você se deparou com Sam Martinez?

Cautela afiada em sua expressão. —Eu tentei no hospital a outra noite. Eu sei que vocês eram... complicados.

Eu cruzei meus braços no meu peito. —O que você acha que aconteceu?

—Se eu tivesse que adivinhar? — Ele deu de ombros. —Depois de viver na cabeça um do outro no último ano, ela partiu seu coração. Ou você quebrou o dela.

Eu enfiei a mão pelo meu cabelo. —Parece correto.

Eu me virei para a porta.

—Bem? — Ele me chamou em meio sussurro, meio grito. — Qual é?

4

Outubro

Último ano

—Quem pode resolver esta equação? Ninguém? Venha agora, acabamos de passar vinte minutos faturando funções cúbicas. Senhorita Taylor e Sr. McKay, você gentilmente pararia de flertar o tempo suficiente para...

Eu olhei para cima quando meu professor de matemática, Sr. Hopper parou.

Lauren, que sentou dois lugares à minha frente, estava debruçada sobre a mesa vazia entre nós, sobre uma festa que eu perdi. Às vezes eu juro que garotas do ensino médio são pagas pela palavra.

Foram suas risadas que atraíram a atenção do nosso professor.

Pelo menos até nós sermos salvos pela garota na porta.

Ela estava vestida de jeans e camiseta, uma mochila pendurada em um braço. Sua pele era quente como caramelo e seu cabelo era escuro, quase preto e mais longo do que qualquer das outras garotas do nosso ano. A cabeça dela subiu até a metade do batente da porta e, por um segundo, imaginei se ela era júnior.

—Miss Martinez. — Hopper leu a folha de papel legal amarelo que ela entregou a ele. —Você gostaria de se apresentar para a aula?

—Acho que você acabou de fazer. — Sua voz era profunda, e ela disse isso como um fato, não como uma alfinetada.

—Tem um assento para você. — Ele apontou e a garota, com um olhar que deslizou por toda a sala de aula em um longo e cauteloso passe, retornou para a mesa entre eu e Lauren.

Eu me desliguei da matemática - eu poderia ter resolvido a equação no segundo em que ele colocou no quadro - e estudei a garota na minha frente.

Ela era fisicamente minúscula. Um dos meus braços provavelmente passaria por todo o corpo dela.

Mas ela não parecia pequena. Talvez fosse o modo como seus olhos brilhavam quando ela se sentou. Como se houvesse algo gigante dentro dela, esperando para sair.

Quando o professor designou a turma para fazer algum trabalho e se escondeu no corredor, eu me movi para fora da minha cadeira para espiar por cima do ombro dela.

—O que você está trabalhando?

Bem maldita. A nova garota tinha uma vantagem.

—Isso é Frank Miller.

Ela cobriu o desenho com as duas mãos em um movimento defensivo faixa preta. —Não é da sua conta.

—Este é o ensino médio. Tudo é assunto de todos. —Eu levei sua sobrancelha levantada como um convite. —Isso é Sin City Gail. E Dwight. Surpresa brilhou em seu rosto. —Os quadrinhos, foi incrível e o filme foi subestimado. Eles poderiam ter feito mais com isso, mas... —Eu dei de ombros. —Eu sou Riley. Esse é Max.

Meu amigo levantou o queixo em olá da mesa ao lado.

Depois de um momento de hesitação, ela respondeu: —Sam.

—Sam de Samantha.

—Sam gosta de Sam.

Agora que eu a vi de perto, ela era o tipo de bonita que minhas irmãs passavam horas na frente do espelho para alcançar. Mas em vez de jogar, ela jogou no chão.

Ela não podia apagá-los completamente. Seus olhos, que não conseguiam decidir se eram verdes ou marrons, eram emoldurados por cílios escuros. Em suas profundezas, havia curiosidade, inteligência e algo que eu não conseguia ler, mas queria.

—Ei. Você tem planos para o almoço? - perguntei por impulso.

Max murmurou algo inaudível em seguida para mim.

Sam olhou entre nós. —Comer. Era o plano.

—Boa. Você está me mostrando isso. Eu balancei a cabeça em direção aos desenhos.

—Eu não estou mostrando nada.

—O que? — Foi sua vez de me surpreender.

—Eu disse não. Você já ouviu a palavra antes? —Algo no jeito que ela disse me fez pensar se ela tinha pegado a exibição de Lauren literalmente curvada para chamar minha atenção.

—Sr. McKay.

Eu me endireitei na minha cadeira, olhando ao redor de Sam quando ela se virou para a frente. —Sr. Hopper. — Eu encontrei o olhar estreito do professor. O resto da sala ficou em silêncio.

—Como essas provas estão chegando?

—Eles são tão bons quanto auto-evidentes.

Eu pensei ter visto os ombros de Sam tremerem, e o prazer passou por mim.

Oh sim. Essa garota era diferente.

Eu queria saber quem ela era. De onde ela veio.

Eu queria saber tudo.

—Epic enviou alguns conceitos artísticos. Supondo que você esteja acordado o suficiente para dar uma olhada, —eu disse a Max no dia seguinte em seu escritório.

Eu abri o anexo no meu celular. Max escaneou a meia dúzia de imagens do personagem-título, a *Fênix,* e seu bando de desajustados.

—O que você acha?

—É porcaria.

—Você percebe que quando um estúdio escolhe seu trabalho, isso lhes dá exatamente isso. *Opções.*

—Lembre-me por que fizemos isso?

Eu rabisquei um número em um post-it. Sublinhado. —Aulas da faculdade de Tristan. Escola de pós-graduação em seu campo de escolha. Um adiantamento em sua primeira casa, dependendo se ele optar por dois anos de estudos de graduação ou quatro, e a vizinhança…

Max me lançou um olhar.

—Payton acha que eu sou engraçado—, eu insisti.

—Payton se preocupa com os sentimentos de todas as coisas vivas. Ela encontrou uma aranha na escada na semana passada e levou-a para o jardim para que não fosse pisada.

Com algumas batidas de tecla, Max puxou as imagens que David havia enviado em seu monitor. —Ainda merda—, declarou ele. —Você iria ver esse filme?

Eu estudei a primeira imagem na tela. Um composto do elenco completo, em glória renderizada em quadrinhos.

Exceto que Max estava certo. Não foi glorioso.

Eu cliquei para a próxima imagem, uma ampla panorâmica de um campo de batalha. Não parecia um mundo surreal.

De fato…

Parecia que o meu tio tinha cem acres espalhados no Kansas.

—E se nós os enviarmos algo melhor? No espírito de colaboração. Lembrei-me do que David me dissera sobre eles estarem abertos à nossa contribuição. —Katie pode fazer isso? — Um de nossos artistas na Cidade do Cabo foi responsável por grande parte do trabalho original em *Phoenix.*

Max sacudiu a cabeça. —Ela está em capacidade em *Omega.*

—E sobre Sam. — A ideia surgiu do nada.

— Que Sam?

Eu pisquei para ele. —O que você quer dizer, que Sam? Sam Martinez.

—Ela pinta paisagens. — Ele olhou em direção a um retângulo branco encapado encostado na parede.

Eu peguei, desembrulhando a tela e levando-a para a mesa de Max.

Esta foi uma das pinturas menores da galeria. Eu poderia segurá-la em meus braços.

Em contraste com a arte no monitor, o trabalho de Sam assumiu formas sombrias e surreais. Mesmo *as árvores* pareciam vivas.

—Ela nem sempre. — Sem esperar por uma resposta, eu abaixei a pintura e corri escada abaixo. Ninguém em suas mesas olhou para cima quando cruzei para o meu escritório, onde eu

procurei no armário por uma caixa de arquivo e voltei para o andar de cima.

Larguei a caixa na mesa de Max alguns minutos depois, folheando fotos e anuários para chegar ao fundo.

—Não deveria essa merda estar na sua casa?

—Não combina com a minha decoração. — Encontrei o que eu queria, então abri a capa do fichário, revelando esboços que foram cuidadosamente guardados em protetores de plástico.

O primeiro foi personagens da *Sin City.*

Os segundos *X-Men.*

O terceiro era um mundo que inventamos em nossas próprias mentes, conversando e sonhando como crianças com a vida inteira pela frente.

Max tirou a última imagem do fichário, segurando-a ao lado da tela.

Os personagens eram diferentes, a qualidade era diferente, mas Sam parecia maior que a vida.

—Eu vou perguntar a ela—, eu decidi.

O olhar cético de Max quando ele substituiu a folha de papel me fez dobrar meus braços. —O que?

—Você espera que eu acredite que isso é sobre ajudar Titan?

—O que mais seria sobre isso? — Minha voz tinha uma ponta de aviso.

—Você não tem namorada há algum tempo. Agora você se depara com Sam, a respiração viva que escapou.

—Eu ainda estou esperando por seu ponto.

—Você sente falta de ter alguém para... woo—, ele disse finalmente.

Eu levantei minhas sobrancelhas. —Você acha que estou procurando alguém para 'conquistar'? Esta não é a Inglaterra elisabetana, Max.

Ele passou os desenhos de volta para mim sem outro olhar. —Se você fosse mais alguém, eu diria que você sente falta de alguém para foder. Mas você não opera dessa maneira com as mulheres. É mais-

—Civilizado? Primeiro, processe-me se eu preferir namorar do que ser martelado e apalpar uma garota em um bar que nem mesmo reconhecerei no dia seguinte. E segundo... eu não estou tentando fazer Sam dessas.

—Você tem certeza disso.

—Sim.

Eu desci as escadas com minha caixa, sentindo energia renovada.

O Pit, formado por mesas, pufes, jogos de fliperama e outras coisas próprias de uma empresa de jogos, estava cheio de codificadores. Mais uma vez, ninguém olhou para cima quando eu deixei cair em uma cadeira na sala de conferências de vidro vazio, olhando para a equipe.

Neste momento, eles poderiam muito bem ter sido sinais de dólar como pessoas. Eu pensei sobre a declaração de fluxo de caixa que eu estava revendo antes da chamada de LA entrar.

O que me trouxe a Sam.

Sam poderia nos ajudar. Se eu pudesse comprar uma fatia do seu tempo, seu talento, isso compensaria muito.

Epic levaria sua capacidade de transformar matérias-primas em energia e emoção e transformar isso em dinheiro. Para eles e para nós.

Isso era tudo o que era. O negócio.

Max foi privado de sono e delirava se ele pensava o contrário.

Eu não tinha visto a mulher em dez anos. Não se tratava de descobrir o que ela queria dizer quando disse que esperava mais de mim.

Nem era sobre o fechamento, embora vê-la novamente me fez pensar se eu já tinha conseguido algum.

Eu atravessei a cozinha, sacando meu telefone e o cartão de visita que eu peguei no meu caminho para fora da galeria.

Em um impulso, eu copiei uma foto que tirei de Max, Payton e Tristan no hospital, sorrindo para o corte da minha amiga e a penugem escura do bebê.

Riley: Achei que você gostaria de ver isso. Tristan é o cara com o cabelo.

Fui até a geladeira, onde havia fileiras de bebidas energéticas bem arrumadas. Eu abri a guia em um enquanto esperava que ela respondesse.

Nada.

Eu desliguei meu telefone e tomei um gole da bebida, encostando um quadril no balcão enquanto um dos codificadores passava para pegar uma barra de granola do armário.

Voltei para o meu escritório e comecei a passar por alguma papelada atrasada.

Foi quase duas horas depois, quando meu telefone tocou.

Sam: fofo

Eu olhei para cima do meu trabalho.

Riley: Há mais de onde isso veio. Eu poderia te mostrar pessoalmente

Desta vez, a resposta veio quase imediatamente.

Sam: Se você está tentando me fazer refém dos meus ovários, não está funcionando. Eu tenho zero instintos maternos

Eu soltei uma risada, o único som no meu escritório além do zumbido da conversa do Poço do lado de fora da minha porta aberta.

Eu comecei escrever, depois apaguei.

Riley: Max e eu queremos te perguntar uma coisa.

Eu deveria ter me sentido culpado por não ter dito a ela que Max não estaria lá. Mas eles não deixam você entrar na faculdade de direito sem um pouco de ambiguidade moral.

Sam: ok

Riley: Como vai amanhã. Tem planos de almoço?

O texto enviado e minha tela ficaram imóveis. Eu fiz uma careta, clicando o botão liga / desliga para se certificar de que não estava congelado.

Finalmente, pontos apareceram.

Sam: doze e meia. Eu estou vindo da galeria

5

UMA SENSAÇÃO

Eu concordei em me encontrar em um restaurante, mas gosto de manter as pessoas adivinhando.

Foi por isso que atravessei o estacionamento até a galeria, meu longo casaco se apoiando contra o vento, quinze minutos antes.

O sinal na frente disse fechado, abrindo ao meio-dia. Mas a porta estava destrancada.

Eu entrei, esperando calor. Em vez disso, houve apenas um leve alívio do vento.

Um homem vestido de macacão estava trabalhando na lareira.

—Algo errado? — Eu perguntei.

Ele lançou um olhar para mim por cima do ombro antes de retornar à sua tarefa. —Apenas um problema com a ventilação.

Eu vaguei ao redor da galeria, tomando um momento para apreciar as pinturas novamente. Em uma sala vazia à luz do dia, elas eram lindas de um jeito diferente do que tinham sido na outra noite. Os campos e jardins que Sam havia pintado deram a impressão de que a galeria inteira estava ao ar livre.

Quase metade das telas dizia VENDIDO em letras discretas nas placas. Eu poderia ter tomado o crédito por uma das vendas, mas o resto tinha sido todo Sam.

O orgulho inchou em mim, embora eu não tivesse o direito de sentir isso.

Ela era talentosa como o inferno. Na superfície, parecia sem esforço.

Não foi.

O domínio de qualquer coisa não era sobre os momentos de inspiração, mas os momentos de empurrar quando as coisas ficavam difíceis.

Quando cheguei ao canto mais distante perto da janela, vozes no corredor me distraíram. —Eu não posso, Jonathan. Estou saindo para o almoço.

—Com quem? — Eu não pude ouvir sua resposta. —Estou te dando o espaço para este show, Samantha.

—Eu já disse que vou pagar por isso. Você se recusa a me dizer quanto custa.

Eu me virei quando as vozes se aproximaram.

—Não é pelo dinheiro. Este é um investimento na sua carreira. Eu pensei que nos entendíamos um ao outro. Eu estou segurando o resto das pinturas como uma demonstração de boa fé.

Eles apareceram enquanto caminhavam pelo corredor, parando quando me viram e perceberam que não estavam sozinhos.

Em leggings pretos justos, um suéter cinza que pendia de um ombro e tênis Converse, Sam parecia cinco anos mais jovem do que na outra noite. Foi como ver um fantasma. Seu cabelo era mais curto, roçando os ombros, mas sem a maquiagem seu rosto estava fresco.

Os olhos que eu passei incontáveis horas lendo, avaliando, me afogando. —Eu disse que te encontraria no restaurante.

Eu dei de ombros sob o meu casaco. —Eu fiquei ansioso.

—Onde está Max?

—Ele não poderia fazer isso.

Com um olhar penetrante para mim, ela se virou para Jonathan. —Nós vamos terminar isso mais tarde.

A boca de Jonathan se apertou em uma linha. —Sr. McKay. — Ele olhou-me como se ele quisesse ter visão a laser e poderia me cortar em fitas com seu desprezo sozinho. — Está acabado, Samantha. Estou mantendo o resto das pinturas até resolvermos isso. *Particularmente.*

—Odeio me intrometer, mas talvez eu possa ajudar. — Fiz um gesto para a parede mais próxima de mim. —Há vinte pinturas nesta exposição. Às cinco para dez mil a pop. Isso é cem grandes. — Eu inspecionei o teto abobadado do edifício. —Alugar nesta parte da cidade… provavelmente quinze. Este show é de duas semanas, incluindo instalação e remoção. Então, vamos chamar isso de outros oito.

Olhei para o bar no canto, onde copos de vinho limpos estavam prontos para a noite à frente. —Eu não sou conhecedor, mas o vinho

não era noventa. Sem ofensa. Como vai minha matemática, Sam? Nós estudamos a matemática juntos—, acrescentei para o benefício de Jonathan.

—Eu não estou procurando por um matemático—, Jonathan disse.

—Boa. Eu não sou um. — Eu tirei vantagem da minha altura e construí, me aproximando de Jonathan. —Mas eu sou um advogado. O que significa que, se você mantiver essas pinturas, eu não seria apenas capaz de processar sua bunda em nome de Miss Martinez, mas feliz por fazê-lo.

Algumas pessoas ficam surpresas quando me encontram pela primeira vez, porque eu não marquei as caixas na *rica* lista de *nerd* em suas mentes.

Em parte, é o fato de eu treinar na academia de escalada cinco dias por semana. As horas de empurrar meus músculos para a exaustão física compensavam os longos dias e noites nos computadores, nos aviões e nas reuniões.

Além disso, é divertido saber que posso arrastar meu corpo a quinze metros de uma parede rochosa.

Jonathan levantou o queixo para encontrar o meu olhar, odiando como ele fez isso. Linhas se enrugavam ao redor de seus olhos, mas não de sorrir.

—Seu idiota impetuoso. Esta é minha galeria e você não tem direito.

—É verdade. Mas se eu *fosse* o advogada da senhorita Martinez... Olhei de relance para Sam, que estava de pé, com os lábios entreabertos como se estivesse assistindo a um acidente de carro. - Eu diria a você que há duas maneiras de fazer isso. Você pode manter as comissões nas pinturas que você vendeu. O que estou supondo é mais do que o custo de manter as luzes acesas e servir vinho barato. Ou você pode devolver as comissões, fornecer uma fatura detalhada para os custos incorridos, e você será compensado de acordo.

—Agora. Eu espero que você tenha tudo isso. Porque eu posso repetir, mas tenho uma tarde movimentada e um almoço para ir.

O rosto de Jonathan ficou mais vermelho.

Ele se virou para Sam. —Então você não vai me foder, mas você vai foder esse idiota?

Ao lado eu poderia até mesmo canalizar o desprezo líquido que surgiu em mim, Sam entrou nele. O fogo brilhou nos olhos que se transformaram em cobre com paixão, seu queixo teimoso inclinado para cima como um escudo contra todos os homens que poderiam tentar domá-la.

—Você sabe o que, Jonathan? eu vou foder quem diabos eu quero. E não importa quanto tempo a lista fique, ela *nunca* incluirá você.

—Eu vou pegar as pinturas quando o show acabar. Envie-me uma conta.

Com um farfalhar de cabelos escuros, ela se virou e seguiu em direção à porta.

Ela era a Sam com quem eu cresci e alguma nova criatura que eu não reconheci. A garota tímida e sarcástica foi substituída por uma mulher guerreira.

E toda a porra do meu corpo *vibrou* em resposta a ela.

Eu levantei um ombro para Jonathan. —Mulheres—, eu ofereci antes de me virar para segui-la.

—Isso é muito bom—, Sam murmurou.

—Melhor em Boston. — Definitivamente celebração digna.

Sam espetou outro pedaço da torta de cereja entre nós e colocou em sua boca, fazendo um som baixo sua garganta.

Eu havia nos prendido em um estande no meu lugar favorito para o almoço. Era o horário de pico, mas eles não se importavam. Eu compraria uma segunda torta para levar para o escritório como fiz na maioria das semanas.

Ela se virou para olhar ao redor do pequeno café enquanto eu esfaqueava para mim mesmo.

Porra, essas pessoas faziam coisas mágicas com cerejas. A massa folhada e o recheio rico derretem na minha língua e eu fecho os olhos em um gemido. —É possível ter um orgasmo que começa na sua boca?

Antes que Sam pudesse responder, nossa garçonete, uma avó de seis pessoas chamada Thelma, chegou à mesa. —Como você pode comer isso e não ganhar um quilo?

—Escalada.

Ela enfiou as mãos nos quadris largos. —Por que na terra de Deus você gostaria de fazer isso?

—Eu tenho esse sonho recorrente que estou sendo perseguido no Monte Everest. Eu quero estar preparado.

—Bem, querido—, Thelma começou. —Eu tenho esse sonho recorrente em que você está naquela janela nu comendo torta. Estou mais do que preparada para isso - ela ofereceu uma risada antes de se afastar.

Sam levantou uma sobrancelha e eu sorri. —O que?

—Você ama a atenção que vem sendo famoso.

Eu levantei meu garfo para ela. —Eu não sou famoso. Thelma não tem ideia do que faço para viver. Então, seja qual for a atenção que ela me dê? É tudo sobre isso. —Eu acenei a mão pelo meu corpo.

Ela revirou os olhos. —Então, onde está o Max.

Foi a minha vez de mudar de lugar. —Como você ficaria louca se eu lhe dissesse que ele nunca viria?

Ela começou a se levantar e eu agarrei o braço dela. —Eu sinto muito. Mas ele sancionou essa reunião. Foi praticamente sua ideia.

O que eu te disse? Ambiguidade moral.

Ela sentou-se, uma expressão de advertência em seu rosto. —Ok, me bateu.

Decidindo que ela não era um risco de fuga, relaxei no estande, esticando meus braços pelas costas. —Me diga uma coisa primeiro. Como você acaba fazendo arte para viver? Na última vez que te vi, você estava destinado a pré-medicina no Nordeste.

—Eu fui. — Seus dedos brincaram com o fim do garfo quando ela levantou, inspecionou. —Mas no terceiro ano não consegui. Eu estava vendo esse cara que era meu médico, e...

—Espere, quando você conseguiu essa coisa para caras mais velhos? — Eu interrompi, pensando em Jonathan.

Ela cruzou os braços sobre o peito e me lançou um olhar. —Não é o ponto. Ele estava na faculdade. Ele trabalhou duro, conseguiu a colocação de laboratório que queria, e tudo o que ele conseguiu foi mais trabalho.

—Você desistiu.

—Meu pai não ficou impressionado. — Sam pegou um gole de água, e eu me perguntei se ela estava empacando. —Eu pensei sobre isso e percebi... quando isso iria parar? Se eu fizesse isso na escola de medicina, tudo que eu seria era uma médica de merda para pessoas que merecessem melhor.

—Quando você começou a pintar?

—Depois de sair da escola, trabalhei em Café por algum tempo e tomei uma aula de pintura em aquarela. Começei a gastar mais e mais tempo pintando. Eventualmente me candidatei para a escola de arte.

—Em Boston?

O leve sorriso em seu rosto me fascinou. —Paris.

—Uau. Metida.

—Dificilmente. Meu pai ainda estava chateado comigo por ter desistido, então eu juntei o dinheiro que tinha e compartilhei este pequeno apartamento com uma garota da Turquia.

—E sobre seus quadrinhos?

O sorriso sumiu. —Eu não faço mais isso.

—Desde quando?

—Desde há muito tempo. — A hesitação de Sam me fez pensar se havia mais que ela não estava dizendo. —Eu quero fazer isso como uma artista. Não há como alguém me levar a sério se soubesse disso. O mundo da arte é exclusivo. Discreto. E cercado por muros altos. Dentro para estar em demanda, alguém que importa precisa decidir que *você é* importante.

—Alguém como Jonathan?

Ela estreitou seu olhar no meu. —Eu conheci Jonathan no ano passado. Ele comprou esta galeria depois de se mudar de Chicago e estava no processo de consertá-la. Ele gostou do meu trabalho, me seguiu por um tempo antes de se oferecer para fazer esse show. Eu deveria saber que ele queria algo de mim, mas todo mundo faz nesta indústria. Como artista, você tem que entrar, pagar suas dívidas.

—E vocês nunca...

—Não—, ela disse enfaticamente. —Foi profissional. Além disso, eu tinha outras prioridades. Ela tomou um gole do café na

frente dela. —Seis meses atrás, meu pai foi diagnosticado com carcinoma de células renais. Câncer de rim - ela continuou com meu olhar vazio.

—Ele fez uma cirurgia para remover todo o rim. Tudo correu bem, mas a recuperação é longa. Então eu mudei para casa para cuidar dele. Foi rochoso no começo, mas passamos por isso.

—Viver juntos ou o câncer?

—Ambos. Agora ele está livre de câncer e mal-humorado pra caralho, porque ele ainda não pode cozinhar para si mesmo.

Agora, pensando em seu pai, ela sorria, e meu intestino se contorcia.

—Sinto muito que você teve que passar por isso, Sam.

—Obrigada. Eu também. Ela brincou com o guardanapo, torcendo-o nos dedos. —De qualquer forma. O que você gostaria de falar?

Puxei meu celular do bolso e coloquei na frente dela, folheando as imagens uma de cada vez para que ela pudesse vê-las.

Um rubor subiu por sua garganta. —Por que você tem esses?

—Porque você deu para mim.

—Eu quero dizer porque você *ainda os* tem?

—Eu os salvei. Todos eles. —Eu continuei, recusando-me a ficar preso no jeito que ela estava olhando para mim. —A Epic Films escolheu a *Phoenix* da Titan, nossa empresa, no ano passado. Está

em pré-produção. Se tudo der certo, será lançado em menos de dois anos.

—Você está fazendo um filme? — Seus olhos brilharam.

—Tecnicamente Épic está fazendo um filme. Eu vendi os direitos. Mas eles têm um roteiro e eles estão trabalhando na arte conceitual.

—Isso é incrível.

Eu segurei seu olhar por um momento muito longo antes de pegar o telefone entre nós e escondê-lo. —O ponto é que a direção de arte da Epic é uma droga. Eu - nós —, emendou, incluindo Max, — - preciso de alguém para ajudá-los a interpretar *Phoenix* para o grande ecrã. Para fazer sobressair. Tomar a visão e eleva-la. No jogo, os gráficos são uma parte importante da experiência. Mas na tela grande, isso importa mil vezes mais. — Limpei a garganta. —Eu preciso de arte conceitual. Desenhos, baseados no jogo e nos personagens. Duas semanas de trabalho. Eu pagarei a você, qualquer que seja sua taxa de juros.

A excitação desapareceu, substituída pela cautela quando ela enfiou um pedaço de cabelo atrás da orelha. —Eu não tenho uma taxa indo. Eu nem faço esse tipo de trabalho. Além disso, eu deveria estar focando no meu show na galeria e em fazer mais arte.

—Por que isso?

—Por quê? — Surpresa cruzou seus traços.

—Não é uma questão difícil.

Sam suspirou. —Certo, tudo bem. Porque quando eu fui para a arte em tempo integral, quando eu rejeitei o que eu teria feito como médico? Eu decidi que precisava significar alguma coisa.

—Eu quero tocar um milhão de pessoas com minha arte. Para mostrar-lhes o mundo através dos meus olhos. Talvez não seja o mesmo que salvar uma vida, mas a arte pode levá-lo a uma jornada. Pode preencher um vazio que você nunca pensou que seria preenchido. Você provavelmente acha que isso é idiota.

—Eu acho que parece que você está falando da experiência.

—Eu estou. — Ela inclinou a cabeça, me estudando. —E se eu quiser alcançar um milhão de pessoas, eu preciso fazer muitas amostras em galeria para que isso aconteça.

—Ou você poderia fazer alguns desenhos para um grande estúdio e inspirar um filme que será visto por milhões de pessoas. Duas semanas, Sam. Missão cumprida.

Ela estreitou os olhos para mim. —Você está negociando.

—Estou tentando fazer você ver o que é perfeitamente óbvio. Que isso é uma vitória para nós dois.

Ela olhou para mim, perdida em pensamentos, e eu estudei seu rosto. As linhas suaves eram familiares, mas eu estava errado na galeria, pensando que ela era a mesma garota que eu conhecia. Esta era uma Sam crescida. Seus olhos tinham nova profundidade. Ela era mais lenta para sorrir e franzir a testa, como se tivesse visto mais da vida.

Ela ainda era bonita pra caralho.

—Duas semanas.

Eu pisquei para ela, percebendo que ela me pegou olhando.

—Sim. Você pode terminar mais cedo. O guardanapo acabou, peguei uma caneta no bolso da minha jaqueta e escrevi um número nele. —Desde que você não tem uma taxa, aqui está a minha oferta.

Suas sobrancelhas se ergueram. —Quão ruim foi o material que o estúdio criou?

—Egrégia. — A boca de Sam estremeceu, e eu não pude deixar de responder em espécie. —Isso lhe daria muito tempo para construir sua carreira artística.

Ela suspirou. —Eu vou fazer isso. Com uma condição.

—O que.

—Eu não quero o meu nome nele.

Eu pisquei. —Você está brincando? — Era uma oportunidade para ela.

Ela balançou a cabeça.

Eu queria discutir, mas eu já havia vencido e precisava voltar ao trabalho. —Bem. Qual o seu email?

Sam me disse. —Você está me enviando alguns materiais para trabalhar?

—Sim. Mais o dinheiro.

Seu queixo caiu. —Você não pode enviar isso agora. Eu não fiz nada.

Eu coloquei meu telefone longe. —Então é melhor você começar a trabalhar. — Sorri lupinamente e seus olhos se estreitaram.

—Bem. Vou pegar alguns desenhos nas próximas quarenta e oito horas. Apenas maquetes. Para garantir que estamos na mesma página. Ela pegou algo na cabine, chegando vazia. —Eu acho que esqueci de pegar meu casaco.

—Teria arruinado sua saída. — Nós mudamos fora do estande, em pé de igual para igual.

Eu tive o desejo aleatório de puxá-la em meus braços e abraçá-la. Estranho como o impulso que tinha sido automático há uma década não parecia ter se desvanecido.

Seu olhar voou dos meus olhos para o meu peito e costas. —Obrigada pela torta. E por ter minhas costas com Jonathan.

—Não parecia que você precisava da minha ajuda. Espero não ter te causado mais problema.

Ela inclinou a cabeça, os olhos brilhando com humor relutante. —A sério?

—O que.

—Você nunca me trouxe nada além de problemas.

6

Outubro

Último ano

Uma semana que eu estava tentando fazer com que Sam me mostrasse o que ela estava trabalhando. Sexta-feira depois da aula de matemática foi meu último esforço.

—Você não pode continuar me segurando. Vai se sentir muito melhor quando você fizer, — eu insisti.

—Você parece um ator adolescente mau em um PSA. — Ela arqueou uma sobrancelha, tão deliberada quanto cada um de seus comentários pontiagudos. —Há trezentas crianças no último ano—, ela disse enquanto colocava seu texto de matemática em cima das outras em sua mochila em sua mesa. —Três vieram até mim esta semana. Um cara tentou me convencer de que havia um novo imposto estudantil. Uma garota me perguntou no banheiro se eu tinha um absorvente ou cocaína naquela ordem. E Tommy Atkinson - —ela apontou a cabeça para o atleta rindo com os amigos - queria saber se era verdade que eu tinha me transferido para cá porque engravidei e tinha gêmeos na Geórgia.

—Seu ponto é...?

Sam se endireitou, puxando a bainha de sua blusa onde ela subiu em suas costas. —Ninguém está interessado na nova garota a menos

que isso os ajude. Então, por que você se importa? o que estou desenhando?

—Porque seus desenhos são lindos. E coisas lindas merecem ser vistas.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, mas ela se recuperou rapidamente. —Você sabe que é completamente cheio de merda, certo?

Eu avistei o que estava em sua bolsa quando ela o colocou de costas. —Uau. São esses textos extras de *matemática?*

Sam levantou um ombro. —Não é grande coisa. Eu caí nas notas de mudar de *escolas.*

—Eu posso ajudar. Eu sou muito bom em matemática.

Ela me olhou, avaliando. —Estou bem. Mas obrigada.

Mas na segunda ela parou de fechar o caderno quando tentei espreitar por cima do ombro.

Foi uma revelação. Seus desenhos podem ter sido em papel pautado com uma lapiseira, mas havia tanta convicção neles que não importava.

Eles eram realistas, mas também maior que a vida. Às vezes, personagens individuais, às vezes cenas inteiras.

O que eu disse com palavras, Sam disse com lápis. Ela era expressiva, derramando pura emoção na página como se fosse um espírito tentando escapar de seu corpo.

Eu poderia dizer que tipo de humor ela estava no que ela estava desenhando.

Personagens brilhantes e energéticos significavam que era um bom dia. Aqueles eram os dias que eu poderia ganhar um sorriso.

Quando as páginas de seu caderno cheio de vilões e destruição... esses eram os dias ruins.

Perguntei a Max uma vez o que ele achava que era o negócio dela, e ele deu de ombros como se nunca tivesse pensado nisso. —Todo mundo tem seus problemas, Ry. Alguns não são para consumo público.

Max estava contente em viver em sua própria cabeça, mas eu queria estar na dela.

A próxima semana depois de uma particularmente diabólica prova em matemática, eu a convenci a estudar comigo depois da escola.

Subimos as escadas da minha varanda e ela deu uma olhada pela rua. —O que é isso? — Eu perguntei.

—Nada. Eu moro seis abaixo.

—Como é possível eu não saber disso? — Eu perguntei, pescando no bolso da minha calça.

—Eu não sei. — Ela viu quando eu deixei minha mochila na varanda, chegando lá dentro até o cotovelo. —Você não tem uma chave de casa de reposição escondida em algum lugar?

—Como em público? — Eu bufei.

—Acredite em mim. Se alguém quiser entrar em sua casa, não vai procurar a chave.

Eu achei a chave e a coloquei na fechadura. —E daí. Você acabou de deixá-la sob o tapete da porta? Esse é o primeiro lugar que eu olharia se quisesse entrar.

—Você não coloca sob o tapete.

—Qual é o seu sob?

Ela piscou para mim. —Eu não vou te dizer.

Eu balancei a cabeça quando empurrei a porta para dentro.

Ela me seguiu pelas escadas até o meu quarto.

Eu me perguntei o que ela achava dos pôsteres de filmes cobrindo todas as superfícies disponíveis, mas embora seu olhar permanecesse, ela não comentou. Nós dois caímos no chão. Ela se encostou na parede enquanto eu debrucei minhas pernas cruzadas para olhar o livro na minha frente.

Eu tentei me concentrar nas perguntas, mas achei minha mente vagando para o que ela disse anteriormente sobre ser a nova garota. Eu olhei para ela. —Hey Sam. Posso te perguntar uma coisa.

—Não me diga que você já fez treze anos.

—Não é isso. Por que você se mudou para cá? Eu estou supondo que não é a gravidez com coisa de gêmeos.

Ela baixou o olhar do meu, equilibrando o lápis na parte de trás dos nós dos dedos. —Minha mãe morreu no ano passado. Meu pai queria um novo começo.

A maneira prosaica que ela disse teve minha garganta se fechando. —Ela estava doente?

—Ela era perfeita—, disse Sam imediatamente. —Alguém invadiu nossa casa no meio do dia. Eu acho que eles ficaram com medo quando perceberam que ela estava em casa e atirou nela. Bem ali na sala de estar.

—O tapete estava arruinado—, ela continuou, sua voz soando como se estivesse separada de seu corpo.

Eu não conseguia lembrar da última vez que senti dor como a do meu peito. Eu me aproximei, forçando-a a tirar a mão do tapete quando meus joelhos bateram nos dela.

—Eu sinto muito.

—Acontece. Você acha que não, mas quando você olha para cima... —ela respirou, seu olhar encontrou o meu e a tristeza me rasgou como um animal. —Acontece com muitas pessoas.

Eu duvidei disso.

—Meu pai estava em um turno no hospital. Ele é um cirurgião cardiotorácico. Ele literalmente conserta corações partidos - ela acrescentou enquanto arrancava as fibras do carpete. —De qualquer forma, depois da mãe ele se candidatou a um emprego no Hospital Infantil de Boston e isto. Então aqui estamos nós.

Eu entendi naquele momento.

Sam chorou na página como as outras garotas choravam no travesseiro. Sua arte era sua saída. Sua maneira de mostrar emoções quando ela não sabia como, ou em quem confiar.

Embora neste momento, eu percebi, ela confiava em mim. Senti o peso dessa responsabilidade como uma pedra nas minhas costas. Mas eu estava feliz por ter isso lá.

—Obrigado por me dizer.

Ela levantou um ombro. —Está bem. Quero dizer, eu não diria a alguém que vai fofocar sobre isso. Mas eu sei que você não vai.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, minha porta se abriu. —Lee. Quer jantar fajitas de frango? Minha irmã Grace não bateu, mas, ao contrário de Annie, pelo menos ela perguntava sobre minhas preferências de jantar.

Grace tinha longos cabelos lisos e escuros e foi construída como um jogador de basquete. Ela costumava se vestir como uma também, até que ela trocou suas roupas de ginástica por saias curtas e tops.

—Sim fajitas são boas. Mas deixe as cebolas...

—Do lado—, ela terminou, revirando os olhos.

—Obrigado. Ei - acrescentei por impulso. —Sam vai ficar também.

Sam começou a sacudir a cabeça. —Eu não preciso...

—Tanto faz.

Sam olhou para a minha irmã muito tempo depois que ela desapareceu, seus passos fazendo as escadas rangeram.

—Sua família te chama de Lee?

—Só minhas irmãs.

—Lee. — Ela disse a palavra cuidadosamente, então novamente com mais determinação. —Soa estranho quando eu te chamo assim?

—Não.

Na verdade, isso soou bem. Como se fôssemos membros de algum clube secreto.

—Ela não se parece em nada com você.

Um músculo do meu lado se contraiu. —Sim. Eu sou adotado.

Minha família nunca falou muito sobre isso. Não porque precisássemos nos esconder, porque construímos algo que não tinha nada a ver com o que veio antes.

Além disso, falar sobre isso inevitavelmente levava as pessoas a fazer perguntas que pareciam muito próximas, muito íntimas. Coisas que eram mais difíceis de se rir.

—Sua mãe biológica desistiu de você? — intensificado.

Cada impulso me dizia para desviar, mas me lembrei do peso nas costas e assenti. —Ela queria viver sua vida e eu não fazia parte disso. Eu acabei em um orfanato por um tempo, então eventualmente aqui.

—Mas sua irmã é sua única irmã adotiva?

Annie também. Nosso pai está na Marinha - continuei sem saber por quê. —Ele foi muito, o que se traduz em grandes presentes do Japão.

—Então, se eles já tinham filhos, por que eles adotaram você?

Normalmente eu era bom em passar por cima dessa parte, mas com Sam, as palavras balançavam livremente, saíam. —Quando eu tinha quatro anos, fui para a sala de emergência. Eu tinha caído da escada, quebrado três costelas e meu braço. —Eu rolei na manga, mostrei a marca branca onde eles tinham que entrar e operar para consertar meu cotovelo. Onde o osso ficou preso na minha pele. — Minha mãe era uma das enfermeiras de plantão quando cheguei.

—Alguém fez isso com você? — Sua voz era nivelada, compaixão correndo como uma corrente sob a superfície.

Eu nunca falei sobre essa parte. Qualquer coisa, chegou a pensar nisso, mas as palavras saíram de dentro de mim.

—Ninguém estava em casa quando isso aconteceu. — Eu virei meu braço, inspecionando a antiga cicatriz só para ter um lugar para procurar. —Eu me lembro que estava claro lá fora quando cheguei ao patamar. Eu não conseguia me mexer, mas os pássaros cantavam do lado de fora, eu podia ouvi-los através da porta. Eventualmente eles pararam.

Sam respirou fundo. —Eles apenas te deixaram lá.

—Sim.

Eu não falei sobre isso para muitas pessoas. Max conhecia apenas partes da história. Mas agora que eu comecei, as

memórias vieram inundando de volta como um pesadelo. O tempo antes das coisas estarem boas.

Deitado lá em pânico. Cada respiração fazendo com que lágrimas escorressem pelo meu rosto enquanto eu me deitava desajeitadamente no ladrilho. Eu não podia chorar. Não aguentei.

—Eu disse a mim mesmo que não poderia piorar, mas aconteceu. Ficou escuro. Eu continuei esperando os monstros virem e me encontrarem. Eu não podia lutar de volta, não com a dor no meu braço, meu peito.

Minha mãe me disse mais tarde que era meia-noite quando fui encontrado pelos meus pais adotivos e levado para o hospital.

O dedo de Sam estendeu a mão para tocar meu braço, seu toque frio na minha pele me trazendo de volta enquanto ela traçava a forma da cicatriz no meu braço. —Todos nós temos nossa merda—, ela murmurou, pegando uma caneta de sua caixa de lápis. Ela segurou meu cotovelo, desenhando. —Está tudo em como você usa-o. Podemos usá-lo como cicatrizes... —Eu torci para ver melhor as linhas que se formavam em minha pele pálida. Um coração com uma espada através dele.. —.. ou como tatuagens. — Seus lábios se curvaram no canto e uma respiração que eu não sabia que estava segurando liberada.

Ela recolocou sua caneta com um floreio e encontrou meu olhar de frente.

Tão rapidamente quanto veio a escuridão desapareceu, a dor, os monstros.

Eu me senti mais leve imediatamente. Mais leve do que antes de me contar sobre a mãe dela. Mais leve que eu tinha em anos.

Eu queria perguntar como ela tinha feito isso, mas sabia que ela apenas olhava para mim como se eu fosse louco.

Em vez disso, perguntei: —Você já pensou em fazer uma tatuagem?

Sua boca se curvou. —Eu não consegui decidir apenas uma. Eu fiquei sem lugares para colocá-las todas. —Eu não pude evitar o riso porque eu poderia imaginar exatamente isso.

—Ei—, eu perguntei. —Você já desejou ter uma vida normal? Como o que aconteceu com você não tivesse?

Ela virou. —Às vezes—, ela admitiu. —Mas então eu acho que o normal é superestimado. Wolverine, Nancy Callahan, Diana Prince... você acha que alguma delas teve uma infância normal?

Eu me inclinei. —Eu penso sobre isso também. Quer dizer, eu tenho um Xbox e amigos e uma espada Samurai que *meu pai me trouxe de sua última turnê. De todas as coisas ruins vieram algumas coisas realmente boas.*

—E a merda ajuda você a apreciar o bem. — Sam estava lendo minha mente.

—Mas você já se perguntou qual é o sentido disso? O que é para impedir que a mesma coisa aconteça novamente?

—Você fica mais esperto.

—Como.

—Eu? — Ela encolheu os ombros. —Quando ela morreu, partiu meu coração. Eu nunca vou deixar meu coração se partir novamente.

Eu soltei uma meia risada. —Então, você nunca vai amar alguém ou algo assim?

Sam balançou a cabeça e um pouco da leveza que eu estava sentindo evaporou.

—Jantar Lee! — Voz de Grace gritou até as escadas.

—Lee—, Sam repetiu. Lee, Lee e Lee.

Suas experiências com o meu nome definiram algo saltando no meu estômago.

—Eu não estou dizendo que não posso aproveitar a vida—, ela continuou, fechando o livro de texto mal tocado. —Só vou aproveitar com moderação. É mais fácil assim. —Desafio encheu seu olhar. — Você tem algum problema com isso?

Eu me levantei, oferecendo uma mão. Sam olhou para ela um segundo antes de pegá-la.

Cada parte do meu corpo acordou com a sensação do seu toque quando eu a puxei para cima. Eu comecei a responder, mas as palavras morreram em meus lábios.

—Pela primeira vez você não tem nada a dizer—, brincou ela. — Eu silenciei você com minha profunda lógica.

Eu estiquei minha mão enquanto a seguia descendo as escadas.

7

NELSON MANDELA

— TIO Lee! Tio Lee!

—Ei, Em.

Eu peguei Emily em meus braços e a girei ao redor. Seus risos de quatro anos soaram estridentes na sala de estar da casa dos meus pais.

—Chame-me de relâmpago!

—Relâmpago?

—Sim. Relâmpago McQueen. De *carros.*

—Isso não saiu há algum tempo atrás?

— *Carros 3.* — Grace emergiu, junto com minha mãe, da cozinha. —Nós vimos nos cinemas e agora temos digitalmente. Então podemos transmitir isso. Todo dia.

—Uma boa franquia nunca morre.

—Jogue carros comigo, tio Lee.

Grace me lançou um olhar. —Está quase na hora de dormir. Você precisa se preparar.

Emily fez beicinho.

—Diga-lhe o que, Em. Se você se preparar para dormir, eu vou te ler um livro.

—Promessa?

—Promessa.

Emily desapareceu subindo as escadas, mexendo em seu macacão, minha irmã a seguindo.

—Vocês têm uma festa do pijama? — Eu perguntei a minha mãe.

—Grace tem que sair cedo amanhã para visitar um cliente e não estará de volta o dia todo. Então pensamos que seria divertido. — Ela secou suas mãos em uma toalha, seus olhos castanhos quentes nos meus. —Eu não quero ser aquela mãe, mas você já pensou em se estabelecer? Você não está ficando mais jovem.

—Espere um segundo. Eu viro trinta e de repente eu sou indiferente? Isso é uma porcaria. Vou ser uma raposa prateada como Clooney. Inclinei-me para pegar um dos brinquedos de Emily que ela havia deixado no carpete e coloquei em uma cesta na mesa de centro. Além disso, apresentei você a três mulheres ao longo dos anos?

—Nenhum delas era certa para você.

As palavras de Maria de meses atrás abrandaram o fundo da minha mente quando cruzei o tapete para pegar uma Barbie há muito esquecida.

—Eu encontrei Sam Martinez na semana passada. — Eu deixei cair a boneca na cesta e me endireitei.

As sobrancelhas da minha mãe subiram e ela fez aquele pequeno som de avaliação apenas mães podem fazer. —Eu sempre gostei dela. Eu nunca vi você trabalhar por algo do jeito que você trabalhou para ela.

Ela se virou e voltou para a cozinha. Eu segui.

—Para sua amizade—, eu corrigi enquanto ela colocava água em uma chaleira para ferver para o chá.

Ela moveu um quadril contra a bancada. —Que pena.

Eu aproveitei isso. —Então Sam é boa o suficiente para mim?

—Talvez boa demais para você.

Eu estremeci. —Ouch. Você arruinou esse momento. E pensar que vim para acender as luzes de Natal.

—Seu pai e eu apreciamos isso. Ele ligou ontem e disse oi.

—Quando ele está de volta?

—Fevereiro. — Eu sabia que minha mãe sentia falta dele, então tentei ficar por perto mais nos feriados. Ele estava na idade em que ele poderia ter se aposentado, mas seu trabalho era parte dele. Apesar dos cabelos grisalhos, eles teriam que arrastá-lo para fora do navio, o que seria um desafio especial, já que ele tinha sessenta e cinco anos e era construído como um linebacker.

—Você quer chá? — Ela perguntou enquanto a chaleira fervia.

—Não, eu estou bem. Mas obrigado. Eu deixei cair um beijo no topo de sua cabeça e encontrei meu caminho até o quarto de hóspedes. Grace estava saindo, deixando a porta entreaberta.

Bati levemente nela.

—Você está pronto, Relâmpago?

—Pronta Lee!

—Ela não parece pronta para dormir—, eu comentei para Grace sob minha respiração.

Grace me deu um aperto de braço armado antes de me passar e descer as escadas.

Eu pressionei dentro. O quarto tinha uma reforma para hoje à noite. Pilhas de brinquedos e livros por toda parte, que Grace fizera um esforço admirável para conter.

Emily era fofa como o inferno, embrulhada em seu pijama vermelho de *carros.*

—Você veio!

—Eu prometi. E quando você prometer algo...

—Você tem que fazer isso! — Ela gritou.

—Então, o que estamos lendo?

—Este aqui. — Suas mãos grossas apertaram um livro de bordo, acenando no ar como uma bandeira quadriculada no final de uma corrida da NASCAR.

—Ok. — Eu mudei para a cama ao lado dela e ela fugiu perto, abrindo o livro entre as nossas voltas, então uma metade estava em sua perna e a outra estava na minha.

—Você não lê isto. Você lê uma página e depois eu leio uma página —, declarou ela.

Porra, ela estava crescendo rápido. O pensamento me atingiu no estômago, mas eu balancei a onda de emoção, limpando a garganta. —Consegui. Mostre-me como se faz.

Ela começou a ler o livro, que era sobre um coelho que queria ser rápido, mas tinha uma perna quebrada.

Alguns psiquiatras provavelmente diriam que meu desejo por família vinha de um lugar de desestabilização. A família que eu tinha era preciosa para mim e faria qualquer coisa por eles.

Minha casa, esta, a única que importava, tinha sido tudo que eu poderia querer. Cheio de apoio e incentivo e amor.

Eu não lembro muito do meu tempo antes de ser adotado. As lembranças mais salientes eram de dor. Mas eu aprendi a mantê-las afastadas. Quanto mais velho eu ficava, mais elas pareciam parte da vida de outra pessoa de qualquer maneira.

Qualquer que seja a borda que eu carregue, fico melhor em me esconder. Isso, como as cicatrizes desbotadas que ainda marcam minha pele, nunca teria verdadeiramente ido embora, mas a escola e então Titan me focou em objetivos como se formar no topo da minha classe, ou fazer o meu primeiro milhão.

Mas quando cheguei aos trinta, parecia que quanto mais eu tinha, mais eu queria. A insatisfação no meu intestino parecia estar crescendo, se espalhando, sem nenhuma causa óbvia.

- O que é amanhã, Lee - Emily exigiu quando fechamos o livro.

—O dia seguinte.

—O que devemos aprender?

—Oh. — Eu franzi o rosto. —A moral é que todos os coelhos são rápidos o suficiente para correr corridas?

—Não. É que você tem que *continuar tentando.* Você sempre continua tentando, certo Lee? Não importa o que?

Abri a boca para dizer sim, mas achei melhor mentir para minha sobrinha. —A maior parte do tempo.

Fazia dois dias desde que eu tinha visto Sam para o almoço. Depois que ela confirmou receber o e-mail que enviei com informações sobre o jogo e as imagens, não ouvi nada.

Nada.

Eu mandei uma mensagem para ela esta manhã para ver como estava indo. Liguei e recebi o correio de voz esta tarde.

Finalmente, recebi uma mensagem dizendo que ela havia recusado minha transferência bancária, com um bilhete dizendo: — Eu não posso fazer isso. Obrigada por pensar em mim.

Algo estava errado. Algo mudara desde que me encontrei com ela.

Ela definitivamente poderia usar o dinheiro. E eu concordei com sua demanda maluca não a creditar com o trabalho.

Então, qual foi o problema?

Emily fez beicinho, mas seu efeito diminuiu quando se transformou em bocejo. —Continue tentando, Lee... — Sua cabeça caiu de volta contra o travesseiro.

Eu baguncei o cabelo em sua cabeça. —Tudo bem, Relâmpago. Obrigado pela conversa estimulante.

É insano como as crianças veem claramente o mundo. Eles não estão atolados em nossa besteira adulta.

Foi por isso que no dia seguinte depois de passar a manhã mantendo Titã correndo, voltei para o bairro dos meus pais, para os seis andares vitorianos.

Eu estacionei o Bentley, deslizando para fora e atravessando a rua até a varanda da frente.

Eu segurei minha respiração quando bati. A porta se abriu antes que eu tivesse a chance de me preparar adequadamente.

—Sr. Martinez.

Olhos castanhos afiados se estreitaram atrás de óculos de aros finos.

Ele ficou rígido, mas não parecia um homem enfraquecido pela doença.

—Riley. McKay. Você pode se lembrar de mim. — Nenhuma resposta. —Ou não. — Eu respirei fundo. —Estou procurando por Sam. — Sua carranca se aprofundou. —Samantha. Sua filha.

A porta se fechou no meu rosto.

Para ser justo, ele provavelmente se lembrou de mim de sucessos tão eternos como 'naquela hora Sam veio para casa bêbada ', ou' o pulso torcido do mergulho do barco do tio de Max Donovan '.

Mas eu cheguei até aqui, então desistir não era uma opção.

Meus pés escorregaram na grama, a umidade da geada da noite passada ainda estava presente enquanto eu contornava a casa e cruzava o quintal. Eu olhei para as janelas do andar de cima, olhando contra o sol.

A casa era enorme, grande demais para apenas os dois deles. Sam e eu brincamos sobre isso no ensino médio. Ainda assim, Sam secretamente gostava porque ela tinha a parte de trás da casa.

Seu quarto - na verdade, suíte - subia as escadas da cozinha. Era o aposento de empregados reformado, mas era perfeito para uma garota do ensino médio pintar, tocar música alta e, geralmente, fazer o que quisesse.

Nós entramos e saíamos da casa um milhão de vezes.

Agora, olhei ao redor da escada dos fundos, meio que esperava que não encontrasse o que estava procurando.

Meu olhar pousou no monte marrom. Eu soltei um suspiro.

Má ideia, McKay.

Levantei o cocô de plástico da loja de brincadeiras e virei, tirando a chave da fita nas costas.

Nelson Mandela disse que o homem corajoso não é o homem que não sente medo, mas aquele que conquista seu medo.

Tenho certeza que ele não estava se referindo a B & E quando ele disse isso.

A chave girou na fechadura e eu entrei.

8

UM PIT BULL. COM UMA COLEÇÃO DE BISTURI

Tempo ficou parado.

As mesmas fotos na escada dos fundos enfeitavam as paredes. Uns de Sam, seu pai, seus avós.

No topo estavam duas portas. O aberto levou a um banheiro. O fechado levou ao quarto de Sam.

Eu alcancei a porta, facilitando-a.

Eu não tinha certeza do que esperar do outro lado. Sam poderia estar fazendo qualquer coisa.

Falando no telefone.

Reorganizando seus móveis.

Ela poderia ter estado na cama, esfregando uma para fora por tudo que eu sabia.

Eu não esperava encontrá-la em pé em seu cavalete em um canto da enorme sala, fones de ouvido em suas orelhas enquanto sua escova se movia sobre a tela de pintura.

Ela estava usando shorts e uma blusa, mesmo que estivesse congelando graças a uma janela aberta do outro lado da sala. Seus

quadris curvos balançaram um pouco para a música, atraindo meu olhar para o corpo dela.

Ela parecia perdida em seu próprio mundo, uma dimensão alternativa, exceto pelo fato de seus pés estarem firmemente plantados no carpete. Uma perna esticada, o pé batendo em qualquer batida que a enchesse, fones de ouvido. Suas unhas eram da cor das cerejas.

Ela sempre teve uma figura. Eu sabia disso no ensino médio e era dolorosamente evidente agora. Peitos pequenos e altos que eu nunca conheci. Ombros magros que eram mais fortes do que pareciam. Uma cintura estreita, queimando nos quadris redondos.

Meu olhar pousou na curva de sua bunda sob o short.

Isso é realmente muito ruim.

Eu estava de pé no quarto de alguém que não era amigo desde o ensino médio. Depois de me deixar defender do meu caso seguindo o conselho de uma criança de quatro anos.

—Sam. — Minha voz era baixa, rouca.

Nada.

Eu limpei minha garganta. —Sam. — Um pouco mais alto.

Eu me aproximei dela, pegando os fones de ouvido.

Ela girou antes que eu pudesse piscar.

Choque registrado antes da dor.

Mas quando isso aconteceu, meus olhos lacrimejaram quando me inclinei, agarrando meu nariz.

—Lee? O que diabos você está fazendo aqui? —Ela engasgou de algum lugar acima de mim.

Eu não podia apreciar o fato de que ela usou meu apelido. Eu mal conseguia abrir os olhos quando me endireitei. —Tentei a porta da frente—, eu consegui, soando como se eu tivesse uma infecção sinusal. —Seu segurança não me deixou

entrar.

Eu segurei a chave em uma mão.

—Então você invade a casa de alguém cuja mãe morreu em uma invasão domiciliar?

Eu jurei. Isso estava piorando a cada segundo.

Ela puxou os fones de ouvido ao redor do pescoço e os jogou na mesa ao lado de seus suprimentos de arte. Ela pegou meu pulso e me puxou pelo corredor até o banheiro.

—Samantha? —, Perguntou o pai dela as escadas. —Você disse alguma coisa?

Nós trocamos um olhar. —Nada, pai!

Seus passos recuaram, e eu me inclinei sobre a pia, apertando a ponte do meu nariz com cuidado.

—Eu quebrei? — Ela murmurou. Sua voz estava mais baixa. Contrito.

—Talvez. Você bateu forte, Martinez. Estou impressionado.

Um tecido apareceu na frente do meu rosto e eu o peguei, pressionando-o contra as minhas narinas.

Eu estendi a mão e Sam passou por mim mais. —Seu pai ainda me odeia.

—Ele é protetor.

Consegui inclinar a cabeça para o lado o suficiente para lhe dar uma olhada. —Ele é um pit bull. Com uma coleção de bisturi.

Quando pareceu que o sangramento diminuiu, me endireitei.

Eu mudei um quadril contra a pia. O banheiro era pequeno e tinha traços dela por toda parte. De aparência suave toalhas cinza. Um banho de chuveiro pendurado no chuveiro. Produtos femininos encurralados na vaidade.

Eu levantei uma garrafa brilhante da bandeja. —Toranja branca e menta de mosaico. O que é o mosaico de hortelã? Por que a hortelã não é boa o suficiente?

Sam se aproximou de mim, seu corpo roçando o meu enquanto ela pegava o recipiente da minha mão.

—Chega de invadir meu banheiro. — Ela voltou para seu quarto, e eu segui.

Dentro, Sam parou na frente da cama, virando-se para mim. —Se você está aqui sobre o conceito de arte—, ela disse baixinho, —eu não posso fazer isso. Me desculpe se eu segurei o seu processo, mas você precisa ir para outra pessoa.

—Isso não vai funcionar.

Ela piscou, brincando com a manga de sua camisa. —Por que não?

—Porque ninguém é *bom o* suficiente. — Eu virei para o ritmo o comprimento do quarto dela, girando no meu calcanhar quando cheguei à parede. —Eu recebi outras amostras. Recomendações do artista que fez o trabalho em Phoenix. Voltei para ela, puxando o braço para fora do alcance dos braços.

—Eu quero você, Sam. Eu preciso de você.

Seu olhar trabalhou sobre o meu, frustrado e confuso. —Eu não posso fazer isso.

Minha atenção pousou na pintura do cavalete, uma cena de flores em um campo. —Parece que você nem tentou.

Ela andou na minha frente, atravessando a mesa e abrindo a gaveta.

Sam tirou uma pilha de papéis, segurando-os na minha frente.

—Eu tentei—, ela murmurou, segurando um e depois o outro e deixando-os flutuar no chão. Eu me inclinei para pegar uma.

Foi bom. Melhor que a Epic's por uma milha.

Mas ela estava certa. Não foi o suficiente.

Eu fui até a cama, sentando-me nela.

Sam pegou os outros lenços e me seguiu, caindo no edredom ao meu lado.

—Algo está faltando—, eu concordei. —Mas eu sei que é algo que você pode encontrar. Eu já vi isso. Eu virei na minha cabeça. —Quanto você sabe sobre o jogo?

—Não muito. Eu nunca joguei isso.

Eu assenti pensando. —É sobre esse mundo pós-apocalíptico e uma mulher que escapou depois de anos de testes genéticos nas mãos de um regime maligno. Ela chegou em casa ilesa, exceto por uma diferença importante... ela tinha asas. Ela acabou de encontrar sua família quando o regime a encontrou e queimou toda a sua cidade no chão. Meu olhar caiu no carpete enquanto eu imaginava. —Quase todo mundo morreu, exceto pelo cara que ela amava. Ele foi forçado a sair, pegar os sobreviventes e levá-los para um lugar seguro, desconhecido. Ela teve que decidir entre ir com eles ou iniciar um levante contra o regime.

Eu olhei para cima para encontrar os olhos de Sam sem piscar, seus lábios separados em antecipação.

—Ela escolhe o regime—, ela murmurou.

—Ela faz. — Sacudi os sentimentos ameaçando me levar, do jeito que uma história convincente sempre fez. —A jogabilidade é insana. Max se superou.

—E a história? —, Perguntou Sam.

—O que você quer dizer.

—Eu quero dizer quem escreveu isso.

Eu esfreguei a mão na parte de trás do meu pescoço. —Eu fiz.

Seu olhar fez meu corpo arrepiar com consciência.

Sempre senti que ela poderia olhar para mim, através de mim, quando a maioria das pessoas só via o que estava na superfície.

—Eu li o seu artigo—, disse ela abruptamente. —O da GQ no mês passado. — O recurso de página única era o que você tinha, a menos que seu primeiro nome fosse Ryan ou seu sobrenome fosse Hemsworth. —Não disse nada sobre você escrever as histórias para seus jogos.

Eu encolhi os ombros. —Só isso. Eu nem tinha planejado escrever isso. Mas foi essa ideia que esteve em mim por um tempo. Puxando os cantos do meu cérebro, nunca me deixando ir.

Eu olhei por cima dela para as telas empilhadas pelas paredes. —Você já ficou assim com sua arte?

—Eu costumava—, ela disse suavemente. —Não desde...

—Desde que?

Ela balançou a cabeça. —Não há muito tempo.

Mas ela olhou de volta para os esboços, perdida em pensamentos.

Sam cruzou os braços sobre o corpo dela. —OK. Vou tentar novamente, —ela disse, sua voz firme.

Eu passei meus braços ao redor dela, sentindo a surpresa de respirar. —Você não vai se arrepender, Sam.

Um barulho no andar de baixo chegou aos meus ouvidos.

—Seu pai ainda mantém aquele bastão de beisebol de Mo Vaughn na vitrine da sala de estar? — Murmurei contra seu cabelo.

—Sim. — Ela se afastou, seu rosto a centímetros do meu. Seus olhos brilharam para mim cauteloso e com uma pitada de humor. — Ele adicionou David Ortiz há alguns anos.

Eu assenti. —Eu tenho que ir agora.

—Isso é provavelmente o melhor.

9

É SEMPRE SOBRE MAMAS

Max está voltando?

Se eu quisesse saber como era ser pai, eu estava aprendendo. Não porque eu passei algum tempo com a nova adição à família Titan.

Porque o resto da equipe - a parte adulta - parecia estar experimentando ansiedade de separação.

Eu cruzei os braços e examinei a sala de desenvolvedores, meu olhar pousando no Muppet. Seu rosto corado estava cheio de saudade e impaciência.

—Quando ele estiver pronto. Já faz uma semana. Nós temos uma sala cheia de profissionais. Vamos nos concentrar em voltar à pista com o nosso tempo para o *Omega.*

—Por ter reuniões de equipe? — Jimmy, o cara mais velho da nossa equipe aos quarenta anos, parecia duvidoso.

Eu lutei contra uma onda de frustração.

No começo, quando eu mandava o e-mail pedindo a todos que se reunissem, houve alguma confusão. Provavelmente porque Max geralmente fazia check-in com as pessoas cara-a-cara, então ele e eu conversávamos.

—Nós vamos parar de ter reuniões quando você pode me dizer que estamos de volta no horário.

Um barulho na porta da suíte de Titan me fez, e a equipe, voltando-se para olhar.

A mulher loira que passeava usava saltos altíssimos no final de suas pernas de um quilômetro e um casaco de camurça. Seu cabelo encaracolado explodiu sobre os ombros.

Charlie atravessou o poço e encostou o quadril no batente da porta da nossa sala de conferências.

—O que aconteceu com o seu rosto?

Algumas risadinhas soaram e eu resisti à vontade de tocar meu nariz. Desde o encontro do meu rosto com o punho de Sam ontem, comecei a ficar roxo.

—Você acreditaria que eu entrei em uma briga?

—Em um bar, não. Sobre se Zelda ou Doom é o melhor videogame de todos os tempos? Sim.

—Super Mario Bros—, eu respondi.

Ela revirou os olhos. —Tanto faz. Esta noite é lenta no clube e eu quero oferecer a vocês um estande. Caso você quisesse tomar uma bebida para Max e Payton.

Antes que eu pudesse responder, todas as pessoas ao redor da mesa fizeram uma versão do 'I'm in'.

Eu olhei para a lata vazia de Red Bull na mesa na minha frente, desejando que a equipe pudesse reunir tanto entusiasmo por fazer seus malditos trabalhos. —Parece que é uma vez.

—Já terminamos? —, Perguntou Muppet.

Eu grunhi. —Sim. Volta para o trabalho.

Eu mudei do meu lugar, enfiando meu computador debaixo do meu braço. Charlie me seguiu até o meu escritório.

Desde que Payton e Max se reuniram, a melhor amiga de Payton e ex-colega Charlie se tornou uma amiga minha também. Ela trabalhava como relações públicas em um clube de comédia local e administrava um lucrativo negócio de mídia social ao lado.

—Então, sobre essas bebidas no LIVE. Mr. Mal-humorado vem? —Eu perguntei.

Ela cruzou para a minha mesa, parando para cutucar uma ponta pontiaguda. estilete contra o pufe no canto.

—Avery está ocupado com as massas no trabalho. Imaginei que quando ele fosse promovido a diretor da Alliance, ele teria mais controle sobre sua vida.

Eu assenti. —Equívoco comum. Quanto mais alto você for, mais as pessoas decidirão que você merece ser fodida.

Para surpresa de todos - exceto de Payton e minha - Charlie tinha saído sobre namoro seu ex-chefe depois de anos atormentando-o. Era como um conto de fadas tão fodido quanto você pode imaginar.

—Você precisa de alguém, Riley.

Eu dei de ombros. —Estou bem.

—Ninguém se mantém nesse tipo de forma para *si.*

Eu soltei uma risada quando Charlie bateu no canto da minha mesa. Eu abri meu telefone para percorrer os e-mails para qualquer coisa urgente.

—O que você tem mal humorado?

—Montamos o email de Max para encaminhar para mim esta semana. Não fazia ideia de que ele recebesse tantas ofertas. Oportunidades de coisas que nos levariam a exposição, parcerias — *Dinheiro.* —Ele nunca os encaminha. É quase como se ele não quisesse evoluir.

Eu parei de rolar quando um novo e-mail chamou minha atenção.

Obrigado pela sua ajuda ontem. Eu fiz mais tentativas. Diz-me o que pensas.

-Sam

Abri o anexo e meu abdômen ficou apertado sob a minha camisa.

A primeira imagem foi o personagem-título e o vilão se enfrentando. A tensão saltou da página e, mesmo sem conhecer a

história, você soube instintivamente que vencer significava vida ou morte.

O segundo foi a personagem-título, sozinha em uma colina.

A postura deveria ter feito ela parecer forte. Em vez disso, ela estava vulnerável. Suas asas dobraram atrás dela como se ela estivesse pronta para dormir ou abaixar sua armadura e descansar para sempre.

Demorei tanto tempo para perceber que as imagens estavam no carvão. Não havia cor, mas, mesmo sem ela, elas estavam *vivas.*

—O que você está olhando? — Charlie perguntou.

Eu limpei minha garganta, tentando sacudir a reação. — *Phoenix* foi escolhida para um filme. Estou tentando criar uma arte conceitual que não faça Max querer esfaquear os olhos.

Ela contornou a mesa enquanto eu puxava meu computador de mesa. Com alguns cliques, os dois esboços engoliram a tela.

—Droga—, declarou ela. —Esses são quentes. Quem os desenhou?

—Alguém que Max e eu fomos juntos para o ensino médio.

—Este alguém tem peitos?

—Não é sobre peitos.

Charlie me lançou um olhar através de olhos conhecedores. — É *sempre* sobre peitos.

—Eu respeito ela—, eu corrigi, e era verdade. —Ela é talentosa pra caralho. E ela tem esse jeito de ver o mundo... como se ela tivesse óculos de raios X ou algo assim. Eu estudei o desenho de novo, tentando explicar. —Ela pode encontrar coisas em objetos, pessoas, que você não vê primeiro. Ela os puxa para fora, captura-os na página. E você se pergunta como nunca viu isso o tempo todo.

—Ela viu seu rosto ainda? — Ela inclinou a cabeça, enviando cachos saltando.

Eu apontei para o meu nariz. —Sua mais recente obra-prima.

A boca de Charlie se curvou. —Oh querido. Traga-a para bebidas amanhã. Rocky e eu seremos grandes amigas. Ela pegou um ursinho de goma na tigela da minha mesa e colocou em sua boca antes de virar para a porta.

Eu estudei as imagens na tela, lado a lado. Os personagens trancados em batalha e a fênix sentada - linda, sozinha e silenciosa.

Era um distópico Da Vinci, feito em carvão.

A validação preencheu meu intestino, uma espécie de triunfo que eu não sentia há muito tempo.

Eu estava certo em insistir nisso. Cem por cento.

Valeu a pena o dinheiro. E as contusões.

Eu peguei meu telefone.

Riley: Isso é bom, Sam. Realmente bom pra caralho.

Pontos apareceram quase imediatamente.

Sam: Estou feliz. Eu acho que algo clicou para mim por volta das 3 da manhã. Se você gosta deles eu posso começar a trabalhar na coisa real amanhã na cor

Sem permissão, meu cérebro imaginou sua pintura às três da manhã.

A luz do teto estaria desligada, decidi. Sua mesa acesa.

Ela usava as mesmas roupas de quando eu a vi?

Ou ela foi para a cama primeiro? Ela estava deitada entre os lençóis, acordada e inquieta, apenas para se levantar de novo e pintar.

O que ela vestiu para dormir?

O fato de que meu cérebro foi lá me incomodou.

Eu olhei para as bolhas de texto.

Charlie estava errada. Eu não estava interessado em Sam. Nós tivemos a nossa chance uma vez, e isso não aconteceu. Por um milhão de razões.

Por isso não havia razão para *não* convidar Sam para o LIVE. Ela estava trabalhando conosco. Ela e Max eram amigos.

Riley: Nós estamos indo para bebidas para comemorar com Max e Payton depois do trabalho hoje à noite.

Riley: Toda a equipe do Titan está chegando. Você está?

Meu coração batia mais rápido no meu peito enquanto eu assistia a tela no meu iPhone. Os pontos começaram. Parado.

Sam: Quando e onde?

10

NEGÓCIOS INACABADOS

As atmosferas podem combinar com a vibe no LIVE. O bar era pequeno e íntimo. Uma sala quadrada com um palco e uma dúzia de mesas que faziam você pensar em cabarés e dançarinas.

Eu fui a primeira pessoa do nosso grupo a descobrir o clube de comédia, Charlie estava agora mais familiarizada com os co-proprietários, Jack e Mia desde que ela dirigia seu PR. Mia também era uma atração principal uma vez por semana, embora ela trocasse a cada dois meses para fazer shows em Los Angeles, Nova York ou

Montreal. Seu cabelo curto, tingido de rosa quente este mês, estava em desacordo com seu humor seco. Não importava. A mulher arrasava.

Eu olhei ao redor do círculo na cabine do canto do bar que Charlie tinha marcado para nós. Foi um ajuste confortável para oito, mas quando Max e Payton apareceram com a transportadora a reboque, um aplauso subiu.

Max parou em frente ao estande, colocando o suporte na mesa. Nós olhamos para o pacote dormindo.

—Isso não o incomoda aqui? — Thea perguntou.

Payton sacudiu a cabeça. —Ele tem fones de ouvido de bebê— - ela apontou para o aparelho sobre as orelhas do bebê - —e está escuro aqui. Infelizmente ele tem os hábitos de dormir de Max - não o suficiente.

Charlie inclinou-se sobre estacas de couro que passavam por pernas. Ela colocou uma bandeja cheia de copos, mais um saleiro e uma tigela de limões na mesa com um floreio. —Na casa.

—Quem vai consumir esses? — Payton refletiu enquanto Charlie se inclinava para abraçá-la.

—Não você, querida. Então todo mundo — Charlie disse quando ela se afastou.

Ela desapareceu tão depressa quanto veio, e a equipe apimentou Max com perguntas sobre a vida dos pais.

—Deve ter sido uma semana estranha—, uma voz disse ao meu ouvido.

Eu me virei para encontrar Payton me estudando. —Eu deveria estar dizendo isso para você. A Alliance está derrubando sua porta pedindo para você voltar ainda?

—Eu pensei que seria estranho ser fora do trabalho, mas honestamente tem estado tão ocupado que mal notei. Quando você tem um filho, todo mundo tem uma opinião. Questões. Mas a realidade é que as pessoas entendem. O tempo que leva o não está dormindo. A incerteza. Eles não conseguem o que é preciso para administrar uma empresa.

—Sim, bem. Esse é o mundo em que vivemos.

—Max também sabe disso. Mesmo que ele nem sempre diga isso. Obrigada por cobrir a folga.

Eu passei um braço ao redor de seus ombros e a puxei para um abraço de lado, seu cabelo escuro enfiando sob o meu queixo. —Seja bem-vinda.

O nó no meu peito aliviou um pouco, e eu relaxei na música que tocava no sistema de som.

Durante a hora seguinte, o grupo se aproximou. Algumas das cenas foram derrubadas.

Eventualmente Payton se desculpou para alimentar Tristan no escritório de Charlie. Eu a observei ir, e meu olhar pousou em uma figura pairando perto da porta.

Eu vi Sam um momento antes de seu olhar se fixar no meu. Com o casaco debaixo do braço, ela usava calças de couro marrom e um suéter da cor da neve com uma gola no pescoço.

—É bom ver você, papai Donovan—, ela comentou quando se aproximou da nossa mesa.

—Você também—, disse Max. —Obrigado por ajudar com *Phoenix.* Quando Ry me contou sobre os protótipos que você enviou, eu não conseguia imaginar que eles viveriam até o hype. Mas eles fazem.

—Obrigada. — Ela me lançou um olhar. Eu ignorei, apresentando-a ao redor da mesa.

—Esprema—, eu disse quando terminamos, e ela olhou para o único lugar vazio ao meu lado. Foi um ajuste apertado, e seu corpo pressionou contra o meu.

Amigável, eu me lembrei de quando fizemos apresentações ao redor da mesa, e a conversa pegou de onde parou.

O grupo discutiu tudo sobre o novo jogo, o filme, a música e, claro, a vida como novos pais. Sam parecia interessada em tudo isso, nunca olhando perdido e entrando na conversa algumas vezes.

Uma hora depois, Payton e Max disseram seus agradecimentos antes de atravessar para a porta, Tristan seguro com firmeza na mão.

Os codificadores seguiram em uma série de desculpas de sexta-feira à noite, variando de —necessidade de chegar em casa para a esposa— a —ir a um concerto— e —brincar com um amigo.

—Você tem algum lugar para ficar? — Eu perguntei quando o resto deles tinha ido e era só eu e Sam. Percebi que queria que ela dissesse não.

—Só checando meu pai quando eu chegar em casa. Cuidar não exatamente se presta a uma vida social cintilante. Ela sorriu.

—Ele tem sorte de ter você. Eu espero que você saiba disso.

Ela revirou os olhos, limpando minhas palavras. —É só o que você faz. — Ela mudou para me encarar, seu joelho batendo contra o meu debaixo da cabine. —Então seu time é legal. Mas há uma coisa que não consigo descobrir.

—O que é isso.

Ela tomou um gole de refrigerante. —Onde você se encaixa dentro.

Eu soltei uma risada. —Bem-vinda ao clube.

Quando terminei a faculdade de direito, recebi uma oferta da empresa com a qual eu havia me comprometido. Eles me visitaram nos escritórios, uma estranha dança de cortejo significava imediatamente convencê-lo que este era o lugar para estar, e também, prepará-lo para o trabalho pesado de começar do fundo.

A oferta foi tudo o que eu poderia querer para uma criança que, uma vez, não tinha um lar. Salário de seis dígitos. Supervisão de alguns dos melhores parceiros no contencioso corporativo.

Eu recusei.

Porque na mesma semana, Max me mostrou a primeira versão de seu jogo, *Oasis.*

O que eu vi naquele jogo me fez sair da oferta como um associado do primeiro ano, e tudo o que veio com ele.

(Ok, eu mantive o terno.)

—É estranho—, ela continuou. —Você poderia se encaixar em qualquer lugar que você quisesse. O que implora a pergunta.

Eu levantei uma sobrancelha e ela se inclinou.

—Por que você quer?

Eu olhei para ela em direção ao palco vazio. A configuração de banco e microfone que seria usada amanhã para a noite dos amadores. —Por que eu quero o que?

—Faça isso. Titã.

Quando Max me mostrou essa primeira demonstração do *Oasis,* eu não vi apenas entretenimento. Um desafio para ocupar sua mente e dedos por algumas horas.

Eu vi um império.

As barreiras para nós, dois caras sentados em um sofá olhando para uma tela, chegando lá eram apenas isso; paredes a escalar. Obstáculos ao cofre. Escadas para escalar.

E apesar de Titan sempre ter o nome de Max, ele terá minhas impressões digitais. E a cada hora eu coloco, cada decisão que tomo, todo trabalho jurídico corporativo que eu poderia ter tido, ao invés disso... vale a pena quando vejo quem somos.

Ela se mexeu. —Ontem na minha casa você disse alguma coisa. Que escrever a história por trás de Phoenix foi um projeto de paixão. É isso que você realmente gostaria de estar fazendo?

Eu balancei a cabeça. —De jeito nenhum. *O Omega* vai ser o nosso primeiro jogo com reconhecimento facial. O que significa que quando você franze a testa o jogo fica mais fácil. Quando você sorri, fica mais difícil. Max também está fazendo algum R & D para captura de movimento. Controlando os avatares com seus movimentos.

Seus olhos se arregalaram e percebi que eles estavam cheios de algo porque seus cílios pareciam ainda mais escuros do que o normal. —Soa como merda de *Star Wars* Jedi.

—Exatamente. Deveria acertar nosso próximo jogo depois desse.

—Intenso.

—Sim e não. É fácil ser pego em fazer o jogo mais recente, tornando-o mais rápido ou mais barato, ou uma experiência mais louca ou qualquer outra coisa. Nós poderíamos ser muito mais do que uma empresa de jogos, Sam. —Eu hesitei, tentando colocar meus sentimentos em palavras. —Se um jogo é um show de mágica, a jogabilidade é apenas a fumaça. As luzes. As explosões. Reconhecimento facial, captura de movimento, VR... nada disso é o que tem pessoas na borda de seus assentos. O que causa arrepios na espinha.

Sam me observou, lábios entreabertos como se ela quisesse beber tudo.

Eu tinha esquecido como era viciante ser o centro do mundo dela, mesmo que por um momento.

— *Phoenix* não é sobre asas, ou explosões, ou batalhas. — Eu me inclinei para frente, meu bíceps flexionando sob a minha

camisa. —É sobre ser humano. É sobre a jornada. Perdendo tudo apenas para reconstruí-lo das cinzas. Percebendo que você só pode se levantar depois de cair.

Eu não tinha querido dizer as palavras, mas elas saíram de mim, como as coisas sempre tinham ao redor dela. Se eu estivesse me perguntando se eu havia acumulado algum tipo de imunidade depois de todos esses anos, agora eu sabia.

Seus lábios se curvaram em um sorriso lento. —Uau—, ela demorou. —Muito poético. Eu vejo como você consegue garotas.

Eu alcancei para um dos nachos restantes, solitário em um enorme prato que estava cheio há uma hora atrás, e o coloquei na boca. —Vamos. Estou abrindo meu coração para você e você está me dando merda.

Ela inclinou a cabeça. —É por isso que você nunca deve abrir seu coração—, ela disse, sua voz soando diferente do que tinha um momento antes. —O mundo pode rasgá-lo pela metade.

Antes que eu pudesse responder, o telefone dela vibrou na mesa à nossa frente.

Fodendo Jonathan.

—Você abriu seu coração para ele? — Eu perguntei.

—Eu não abri *nada* para ele—, disse ela, a ironia de volta. —Eu não sou o tipo de namorada. Eu nunca fui. —Quando ela se inclinou em uma polegada, eu podia sentir o cheiro do xampu dela. —E se você? De acordo com a GQ, você é solteiro.

—Mas eu sou definitivamente o tipo de namorado. Aniversários, aniversários, datas românticas... esse cara entregue. Eu prefiro conhecer alguém antes de *conhecer* alguém. — Eu sorri. —Se você souber o que quero dizer.

Sua risada baixa a fez sacudir a cabeça. —Você diria isso.

—Bem, vocês dois não são adoráveis?

Sam se virou para a voz, e eu me inclinei para trás no estande quando Charlie bateu um quadril na mesa.

—Sam, isso é Charlie. Charlie, Sam.

—Você é quem fez aqueles desenhos. E quem bagunçou o rosto de Ry.

Sam olhou para Charlie de cima a baixo. —Foi um mal-entendido.

—Foi inspirado. Ele parecia quente com hematomas. Eu atirei-lhe um olhar de aviso, mas Charlie pressionou. —Conte-me. No colégio, todas as garotas secretamente tinham uma queda por ele?

—Nem *toda* garota. Ouvi dizer que o nível de interesse subiu consideravelmente depois que ele passou o verão trabalhando no barco do tio de Max.

Eu cruzei meus braços. —Então foi o que aconteceu? Merda. Eu não tinha ideia de que meninas do ensino médio eram tão rasas.

—E você? — Charlie perguntou, voltando sua atenção para Sam. —Vamos. Não me diga que você nunca...

—Não, — Sam disse a palavra rapidamente. —Nós éramos amigos. — Seu olhar encontrou o meu. —Apenas bons amigos.

O fundo desapareceu embora e eu me perdi novamente. Repetindo noites de nós deitados em sua cama, tendo guerras de lanterna no teto e conversando sobre filmes ou livros. Nossas piadas internas na escola. O jeito que ela esperaria por mim no almoço, desenhando no meu armário em caneta.

Calor se espalhou pelo meu corpo, como se tivessem aumentado o calor e a umidade de uma só vez.

Parecia ontem, e me perguntei se ela estava pensando a mesma coisa.

—Soa como negócios inacabados. — Charlie interrompeu meus pensamentos. —Sabe o que é ótimo para negócios inacabados? Tequila.

Charlie gesticulou para os três tiros restantes na mesa.

—Eu não posso colocar de volta na garrafa, crianças. Então faça-me um sólido e coloque-os em bom uso.

Eu a vi desaparecer, seus passos largos levando-a através do quarto e pelo corredor em direção ao seu escritório e aos banheiros em questão de segundos.

—Eu deveria ir—, disse Sam, endireitando-se em seu assento e esticando os braços.

—Você dirigiu?

—Uber

Eu balancei a cabeça, percebendo que não queria que ela fosse. —Eu vou deixar você. Se você me ajudar a limpar isso primeiro. Eu deslizei uma das fotos no meio da mesa para ela.

Ela levou o tiro, cheirou. Sam pegou o sal e o limão, olhando para mim e por um momento achei que ela ia bater.

—Você não acha que eu vou.

—Eu não conheço a nova Sam. Diz-me.

Com um olhar travesso, ela jogou de volta. Em seguida, pegou o limão como uma reflexão tardia.

Estou impressionado, Martinez. Eu nunca vi você beber no ensino médio.

Ela respirou fundo para se livrar do queimando. —Bem, boa coisa que *não* estamos no ensino médio.

—Não. Nós paramos de falar depois do ensino médio. Por que isso, Sam?

Eu não pretendia ir lá, mas sair desse jeito parecia muito pessoal de repente. Eu não podia deixar passar.

Ela piscou para mim, incrédula. —Passei meses trabalhando com coragem para contar o que lhe contei naquela noite, Riley. E você me surpreendeu.

—Você sabe quantas vezes tentei entrar em contato com você depois? Eu te enviei trinta e quatro textos. De um *telefone flip.* Onze e-mails. Cinco chamadas telefônicas. Duas cartas presas na sua porta. Você foi a única que me cortou.

É incrível como a dor pode permanecer latente em você por meses, anos. Quando é descoberto, ganha vida tão viva como sempre.

Eu me forcei a respirar, evitando meus olhos para não olhar para ela, esperando que a dor diminuísse.

Dessa vez Sam pegou o sal, ela apertou na minha mão, não na dela. Seu olhar encontrou o meu sobre a nossa pele unida. O desafio nele aqueceu meu corpo, o sangue pulsando em minhas veias.

—Ela está errada, você sabe. Charlie.

—Sobre o que. — Minha mão formigou da dela.

—Que há negócios inacabados entre nós.

Antes que pudesse perguntar o que ela estava fazendo, ela puxou minha mão para seus lábios.

Sua língua passou pela minha pele. Minha visão borrada, a umidade quente de sua boca enviando um choque de desejo direto para o meu pau.

Nós nunca fomos adultos juntos. Nunca fiz fotos do corpo que não tinham apelo para mim na faculdade.

Agora, a ideia de ver Sam em uma mesa de casa de fraternidade, um limão em sua boca, me fez sentir algo que eu não queria olhar muito de perto.

Ela largou minha mão, jogou o tiro de volta e pegou o limão com os dentes.

—Diga-me uma coisa—, ela murmurou quando terminou, sua voz suavizada pela tequila nas bordas. —Ainda é o pior beijo que você já teve?

Meu peito se apertou. —Sam...

Seu polegar acariciou minha mão, enviando espinhos no meu braço. —O que você estava pensando? Quando te beijei?

Eu respirei fundo, uma sensação perigosa se elevando. —Acredite em mim. Você não quer saber.

Seus olhos escuros brilharam. —Se você quisesse provar algo, você deveria ter feito o que qualquer outro cara teria feito no último ano. Foder-me, então dizer aos seus amigos.

Peguei um copo de água meio cheio na minha frente - alguém, eu não me importei com quem - e isto. —Eu estou dirigindo você para casa, Sam.

Sam estendeu a mão para mais um tiro e eu arranquei da mão dela, levantando-se da mesa. —Se você beber, eu estou levando você para dentro de sua casa e subindo as escadas.

Ela fez um barulho na garganta. —Isso é humilhante.

—Pode ser necessário.

Eu ajudei a colocar em seu casaco e a levei para o meu carro.

—Whoa. — Ela parou perto do Bentley, franzindo o nariz. —O que você está compensando.

—Baixa autoestima. Meu pau é enorme.

Seu ronco ecoou na noite quando a peguei no lado do passageiro e contornei o capô.

—Está tudo bem—, ela murmurou enquanto eu deslizei para o banco do motorista. —Porque não importa o que você faça, use ou dirija... eu ainda te conheço.

—Oh sim?

—Sob o dinheiro, o sucesso, as roupas... — A onda de consciência me atingiu quando eu prendi meu cinto de segurança. —Eu conheço você, Riley McKay. Você foi meu primeiro.

Ela enfiou a cabeça nas mãos cruzadas e fechou os olhos.

Eu olhei para sua forma adormecida por um longo momento antes de ligar o carro.

12

dezembro

Último ano

—O que Alex queria hoje?

—Huh? — Sam olhou para cima do texto de química que ela estava estudando no lado oposto de sua cama.

—Ele estava falando com você no seu armário.

—Oh. Ele queria que eu fosse a uma festa com ele.

Eu levantei uma sobrancelha. —Espero que você o desaponte fácil.

—Por que eu deveria decepcioná-lo? — Ela perguntou. —Não é uma ideia maluca. Meninas te convidam para sair.

—Mas eu não digo sim. — Provavelmente porque Sam estava se tornando minha pessoa favorita. As garotas com quem eu flertava, beijava, brincava, desaparecia.

Na verdade, quanto mais tempo se passava desde que Sam se transferira, mais parecia que ela sempre esteve lá. Às vezes, Max vinha à minha casa para jantar quando eu conseguia arrastá-lo para fora do computador, mas Sam estava se tornando um grampo, sorrindo das piadas de Annie e elogiando a comida da minha mãe.

Ela voltou para o livro e eu cutuquei meu pé. —Sam, vamos lá. Você já tem A em todos os cursos de ciências. Você vai entrar em qualquer escola que você quiser para a pré-medicina.

O que quer que ela tenha ficado para trás por conta de sua tragédia familiar e o movimento subsequente, ela mais do que superou desde então.

—O que você quer que eu faça.

—Desenhe-me—, eu disse, aproximando-me dela.

— Não. — Ela brincou com o punho no suéter fino da cor das amoras. Ela sempre preferiu roupas folgadas, mas ultimamente, pelo menos, ela começou a comprar coisas em seu tamanho.

—Por que não?

—Eu não desenho modelos ao vivo.

Eu me movi de joelhos, cobrindo os olhos com as mãos. —Então me tire da memória.

Ela tentou esconder o sorriso, suas mãos indo para os meus pulsos. —O que. Você acha que eu fico sentada pensando em você?

—Por que não? Eu penso em você.

Ela puxou minhas mãos para longe. Eu assisti o rubor subir até o rosto dela até que ela quebrou meu olhar. —Eu preciso estudar.

Esse flush me fez pensar bem depois que fui para casa naquela noite.

Durante semanas eu me deitei na cama olhando para o teto, imaginando o jeito que ela mordia o lábio quando estava distraída. Como seus dedos giravam um lápis. O jeito que ela ajustava sua mochila na escola quando estava tentando não comentar algo ridículo.

Esta noite foi a primeira vez que um pensamento maluco entrou o reino da possibilidade...

Ela pensou em mim?

Eu estava acostumado a garotas interessadas, mas essa era Sam.

Na minha cabeça, ela era muito legal para qualquer cara. Definitivamente para o Alex.

Mas vê-la com ele hoje me lembrou que ela ainda era uma garota.

E talvez um dia ela decidisse que não era legal para alguém.

Eu consegui segurar meus sentimentos por semanas depois disso, precisando o momento certo para contar a ela. Mas ter dezessete anos e passar todos os segundos em torno de alguém que se parecesse com ela, que me fazia sentir como ela, era um tipo especial de inferno.

Quando eu vi o pôster para o inverno formal, eu sabia que tinha que me mexer. Eu senti isso, como uma onda cósmica.

O pai de Sam e eu nunca trocamos mais do que algumas poucas palavras de passagem. Hoje, quando eu bati na porta, Ele quebrou todas as regras quando disse: —Há algo que eu quero falar com você.

Eu sentei no sofá em frente a sua cadeira, cauteloso. —Claro, Sr. Martinez.

—Tem sido um momento difícil para Samantha. Com a morte da mãe dela. Você esteve lá por ela.

—Eu faria qualquer coisa por ela.

—Samantha disse a você que ela foi a única a encontrar sua mãe quando ela morreu? — insistiu. —Ela chegou em casa da escola cedo. Ela chamou a ambulância, ficou com ela até os paramédicos chegarem, embora já fosse tarde demais. Engoli em seco, tentando processar. —Nenhuma criança deveria ter que ver a morte. Para sentir esse tipo de sofrimento.

—Ela é forte, Sr. Martinez.

Esfregou o polegar sobre o bigode aparado, como se estivesse se assegurando de que ainda estava lá.

—Antes de tudo, Samantha era uma excelente nadadora. Durante semanas depois, ela não queria nadar. Não queria fazer nada, falar com ninguém. No primeiro dia em que ela pediu para voltar para a piscina, fiquei aliviado por ela estar demonstrando interesse. —Ele se mexeu na cadeira, cruzando um tornozelo sobre o joelho oposto. —Quando o salva-vidas notou que ela estava deitada de bruços na piscina, ele a arrastou para fora. Ele teve que usar compressões para fazê-la respirar novamente.

Meu coração parou. Eu não podia imaginar Sam propositalmente se machucando.

Mas ela teve momentos sombrios. E talvez uma vez, logo depois da mãe dela...

Eu poderia descartar que ela estava naquele lugar?

—Ela precisa de um amigo. — A ênfase na palavra amigo cortou a dormência que me levou. —Alguém para estar lá para ela. Quem cuida dela de uma maneira saudável.

—Eu nunca machucaria Sam.

—Os relacionamentos podem ser desestabilizadores, especialmente os complicados. O ensino médio é complicado o suficiente para Samantha dar tudo o que ela passou. Ela tem um futuro brilhante à sua frente, se conseguir encontrar o caminho de volta ao seu caminho. Você sabe o que estou dizendo?

Eu balancei a cabeça, devagar. Ele estava errado sobre Sam. Ela estava bem. Estável. Ela tinha que ser.

—Eu estou pedindo para você ser o que ela precisa, em vez de pedir a ela para ser o que você precisa.

Não. *A reação passou por mim quando seu significado ficou claro.*

Este homem que teve sua família despedaçada estava me pedindo para cuidar da única pessoa que significava mais do que alguém seguro.

Mantendo meus sentimentos sobre Sam para mim mesmo senti vontade de segurar o vapor em minhas mãos. Se ele me pedisse para engarrafar por causa dele, eu teria rejeitado.

Mas ele estava me pedindo para fazer isso por ela.

12

QUANDO AS APOSTAS SÃO ALTAS

Dezembro tem uma maneira de transformar o mundo obcecado por férias. Claro, depois do Halloween você vê pedaços disso. Vermelho e verde nas lojas.

Em seguida vêm os elfos nas prateleiras. Em seguida, os artistas pop que cobrem os clássicos em todos os saguões corporativos.

Agora, com duas semanas até o grande dia, a árvore de Natal do tamanho de uma mesa na cozinha de Titan havia surgido. Foi decorado com bolas vermelhas e coroado por um ornamento de Darth Vader onde o anjo deveria estar.

Em Titan, meu ritmo não tinha nada a ver com canções natalinas que passavam pelas lojas. Ou a repentina frieza no ar.

Eu passei o final de semana trabalhando, trabalhando e terminando minhas compras na Amazon antes do prazo de envio.

Eu me perguntei o que Sam estava fazendo desde que a deixei na sexta-feira.

Eu não tive que esperar muito para descobrir.

Segunda à tarde, Sam me enviou cópias eletrônicas de cinco pinturas em aquarela.

As imagens que ela criou para mim - para Titan - eram impressionantes. Desenhos coloridos da Fênix e seu bando, além dos vilões do regime que tirou tudo deles.

Nós passamos dez minutos no telefone enquanto ela explicava sua visão para mim, uma ponta de nervos na voz baixa tão familiar quanto a minha.

—Eu pensei que a Fênix seria mais interessante com um lado vulnerável. Porque o contraste é importante. A força não é tão forte sem fraqueza. A luz não é poderosa sem escuridão.

—Eu queria o mundo deles ser pós-apocalíptico, mas com pequenos vislumbres do que poderia ser novamente. Na versão da Epic, tudo era cinza. Eu queria mostrar ervas daninhas crescendo nas bordas do complexo. Porque a natureza sempre encontra um caminho.

Foi foda perfeita.

O que não era fodidamente perfeito foi que eu enviei as imagens para a Epic Monday night. Agora, na quarta-feira, eu ainda não ouviria nada.

Finalmente, como eu estava pegando um Red Bull da geladeira, meu telefone apitou com uma resposta.

—Merda.

Comecei a atravessar o poço até meu escritório, vendo uma reunião na sala de conferências. Duas semanas após a chegada de Tristan, Max começou a fazer aparições semi-regulares aqui.

Os três codificadores espalharam-se pela minha aparência e eu sentei-me ao lado do meu amigo.

—Epic's viu os conceitos. Eles não vão usá-los. Mostrei a ele o e-mail.

Esperei que ele grunhisse, ou olhasse, ou bufasse. Em vez disso, ele apenas cruzou os braços sobre o peito. —Então eu acho que é isso.

—O que você quer dizer.

—Se você não percebeu, temos uma interface de reconhecimento facial para completar o *Omega.* Na linha de negócios, isso é realmente nosso negócio.

Eu soltei uma meia risada. —Então estamos apenas tocando fora.

—Estou tocando fora. Eu não posso fazer isso, Ry. Eu só tenho tantas horas por dia e entre o novo jogo e Tristan e Payton... Eu não posso mais trabalhar contra o relógio.

Eu estava grato por Max ter descoberto algum tipo de equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Por que diabos ele não poderia ter encontrado um mês a partir de agora?

Eu empurrei para fora da cadeira e espreitei de volta ao meu escritório.

Depois de tudo o que fiz para colocar Sam nisso, Epic estava dizendo *obrigado, mas não, obrigado.* Não era sobre o dinheiro. Era que estávamos em uma milha de uma corrida de cem milhas, e a Epic tinha desistido antes mesmo de começar.

Eu tinha visto minha parte de blockbusters fracassados. O pensamento de *Phoenix* se tornando um deles me deixou doente.

Eu prometi deixar Sam saber quando eu ouvi de volta. Ainda assim, eu odiava digitar o texto para que ela soubesse.

Dois minutos depois, meu telefone tocou.

—O que aconteceu? — Sam começou sem dizer olá.

Desde segunda-feira, eu estava querendo ouvir a voz dela. Mas eu esperava fazer isso com boas notícias, nada mal.

—Eles não estão usando-os.

Eu esperava que ela jurasse ou lamentasse.

Em vez disso, ela disse: —Você parece nervoso como o inferno.

Eu olhei para a pilha de latas de Red Bull na minha lixeira. —Por quê você se importa.

Ela hesitou. —Conhecer a todos na LIVE na sexta-feira... mostrou-me o que você e Max fazem parte. E eu me importo com isso.

—Incrível. — Eu estava sendo um idiota, mas não podia convocar Riley legal hoje. Eu não sabia se eram as notícias da Epic, ou a voz de Sam no telefone, ficando sob a minha pele como um elétrico atual.

—E daí. Você só vai se sentar em seu escritório e ficar de mau humor pelo resto do dia?

—Os homens não ficam de mau humor. Eles calam. —Mas eu não queria que ela concordasse, desligasse e decidisse que não valia a pena. —Tem uma ideia melhor?

—Na verdade eu faço.

—Quando você pegou isso? — Eu perguntei enquanto carregávamos nossos arcos compostos alugados em direção ao conjunto de alvos.

—Depois do ensino médio. Depois de pegar o jeito, você não pode vencê-lo para aliviar o estresse. Eu não estive desde que meu pai ficou doente, mas eu costumava ir uma vez por semana.

Nós escolhemos um alvo vazio na área coberta. Não é difícil encontrar no meio do dia. —Então, o que—, ela começou. —Você pensou que algum estúdio grande levaria minha arte e e-mail de volta para dizer 'com certeza não haverá problema, vamos usá-lo, obrigado por apontar que o nosso é péssimo?

Fiz uma careta, olhando para ela enquanto puxava meu arco alugado para fora de seu contêiner com zíper.

—Bastante.

Sam tirou sua jaqueta de couro curta, revelando um suéter preto de manga comprida. Isso, juntamente com a maneira como o cabelo dela estava enrolado em uma bola no topo de sua cabeça, me fez pensar em garotas francesas e bailarinas mal-intencionadas.

Que não estava ajudando meu humor.

Ela tomou um lugar na fila. —Você sabe melhor do que esperar que algum estúdio de cinema caia a seus pés.

—Na verdade, muitas pessoas caem aos meus pés. Eu me acostumei com isso.

Um sorriso começou em seus lábios carnudos.

Ela deixou a primeira flecha voar, uma prática, e ela caiu no segundo círculo do meio.

—Você quer algumas dicas? —, Ela ofereceu.

Eu grunhi. —Estou bem. Eu já fiz isso antes. —Duas vezes, na aula de ginástica.

Eu segui o exemplo, meu pouso perto da borda externa do alvo.

Ela apontou para o alvo. —Vamos tornar isso interessante. Cinco flechas, eu ganho, você vai para LA e vende o estúdio usando minhas imagens em vez das deles. E você não volta até você conseguir.

Eu atirei-lhe um olhar incrédulo. —Eles já estão em scripts. Diretores. Está feito, Sam.

Ela baixou o arco e se virou para mim. —Você quer que eu diga que você está certo e não tem como você mudar isso.

—Eu *estou* certo. Está acabado. —Ela não tinha ideia do que estava falando.

—Você é teimoso. Quase tão teimoso quanto Max. Mas eu não vou desistir de você.

—Por que não.

—Porque você não desistiu de mim. Você me disse que eu poderia fazer essa arte e você estava certo.

—Você tem assistido muitos filmes da Disney. Isso é diferente. Não é um negócio de —cavar fundo e você vai achar. — Sou eu contra um estúdio de Hollywood.

—Você tem algo do seu lado. Algo que eu acho que a maioria das empresas de jogos não tem.

—O que é isso?

Sam entrou em mim, inclinando o rosto até o meu. —Encanto. — Minha respiração ficou presa quando ela acariciou meu peito. Seus olhos brilharam em diversão e desafio. — Então, *encante*- os, Riley.

Eu gostaria de ter uma camisa social em vez da camada extra do suéter de cashmere, porque a sensação de sua mão demorando em mim estava fazendo meus músculos pularem.

Mas o toque dela foi embora tão rápido quanto veio.

—Tudo bem—, eu decidi, meu coração ainda batendo engraçado depois que ela recuou. —Mas se eu ganhar, você faz algo por mim.

—O que é isso?

Eu esfreguei o arco com o polegar. —Me desenhe.

—O quê? — Suas sobrancelhas subiram. —Não.

Foi a única coisa que ela nunca fez e percebi que ainda queria.

—Vamos. Do que você tem medo? —Eu murmurei.

Ela finalmente ofereceu uma mão magra. —Combinado.

Meus dedos se fecharam dela. —Combinado.

O calor espalhou meu braço. Um aperto de mão, o toque mais inocente possível, me fez querer puxá-la contra mim. Para ver se em qualquer outro lugar, ela era tão suave quanto suas mãos.

Para ver se tocá-la lá a faria corar, como se ela estivesse corando agora.

Com o tipo de esforço necessário para pausar um filme de Spielberg para o jantar quando faltam dez minutos, eu pisei costas.

—Damas primeiro.

Nós nos alinhamos e eu a observei recuar, a mão descansando na curva de sua boca enquanto ela olhava para o alvo.

Quando ela soltou a flecha, ela voou pelo ar e bateu no alvo.

Relutante, desviei os olhos e olhei para o alvo.

Eu balancei a cabeça. —Voce é boa. Mas eu sei de algo que você não faz.

—Qual é?

—Quando as apostas são altas, eu sempre entro.

Eu alinhei meu tiro. Eu poderia ter sido um pouco enferrujado, mas me lembrei do pouco que eu sabia. A pitada entre meus ombros. A força e o controle.

Lento.

Mais devagar.

Eu soltei a flecha com dedos macios. Como pastando a pele de um amante.

A flecha cortou o ar e aterrissou alguns centímetros fora dela.

—Não ruim. —Surpresa subiu na voz de Sam.

Dei de ombros. —Sempre que o time do Titã joga o *Oasis,* eu sou sempre o arqueiro. Então, se você acredita em toda essa coisa de visualização como prática.

—Você é basicamente uma profissional—, ela terminou.

Nós nos revezamos alinhando nossos tiros. Atirando no alvo.

No quarto tiro, estávamos pescoço a pescoço. Ela me batera duas vezes e eu a batera duas vezes.

Nela tudo foi lindo. Tudo a partir da força em seus braços quando ela recuou, o foco em seu rosto. A bolsa de seus lábios e a intensidade de seus olhos.

A flecha cortou o ar com precisão cirúrgica e bateu no alvo a uns cem metros de distância.

O próprio Orlando Bloom ficaria sem fala, onde quer que ele estivesse agora.

Eu montei para o meu, dando uma olhada dela. O sorriso arrogante vacilou e por baixo havia algo como medo.

Eu alinhei o alvo, sentindo os músculos do meu braço trabalhando.

Então liberado.

Observamos a flecha velejar e bater no alvo.

A satisfação aumentou através de mim e uma corrente de descontentamento que eu não esperava.

—Estou disponível para posar para o meu retrato a qualquer momento. — Eu peguei o meu equipamento antes que ela pudesse responder, embalando o arco de volta em sua caixa para retornar à recepção.

Depois de trocar nossos equipamentos, virei-me para a porta e a peguei olhando para seu cotovelo interior.

—Você vai ter uma contusão—, eu disse, escovando meu polegar sobre a marca que já estava começando a se formar em sua pele.

—Eu vou ficar bem—, ela murmurou.

Eu esperava irritação em seu olhar, mas havia outra coisa também. Meus dedos apertaram seu braço, apenas o suficiente para sentir seu pulso.

—Como você se sente? — Ela perguntou.

—Sinta. — Seu corpo era um imã, me aproximando. Eu queria saber onde mais aquele pulso batia, firme e insistente abaixo do suave cetim de sua pele.

—Após o exercício.

Quando uma mulher se moveu para nos passar, eu soltei o braço de Sam, quebrando o feitiço.

—Melhor—, eu admiti.

Eu olhei para ela enquanto caminhávamos para o meu carro. —Para o registro, eu estaria pronto para mudar a mente de Epic, mas isso significa ir pessoalmente. O que é uma perda de tempo.

—A menos que você os convença. Então não há melhor uso do seu tempo - Sam respondeu, deixando-me segurar a porta para ela enquanto ela deslizava para dentro. Eu circulei até a minha porta e me mudei.

Talvez ela estivesse certa. Sam não sabia nada sobre o meu negócio, mas eu tinha que dar a ela. Ela não estava pronta para desistir.

13

VIVA OU MORRA

— Quer uma bebida?

O cara atrás da mesa me perguntou quando me sentei no elegante sofá de couro vermelho. —Café? Chá? Suco verde?

Eu coçava por uma dose de cafeína, mas decidi esperar até depois dos negócios. —Eu estou bem.

Eu pulei meu joelho e olhei em volta enquanto esperava ser introduzido no santuário interior.

Eu sempre quis ver os estúdios da Epic. Não foi assim que imaginei que aconteceria, mas agora que eu estava aqui, fiquei feliz por ter a chance.

—Sr. McKay, —o homem que saiu disse para mim. Seu uniforme de jeans de duzentos dólares e um casaco esportivo acompanhavam os dentes brancos e retos.

—Riley. — Eu estendi a mão.

Ele sacudiu. —David. Entre.

Ele me mostrou um corredor. David bateu um crachá contra a porta e eu o segui para uma sala de conferências.

—Foi bom de você voar para nos ver. Você começa a turnê do estúdio?

—A caminho. É impressionante.

Eu tinha sido levado para o que era claramente a turnê de pessoas de fora, projetada para chocar e surpreender.

E isso funcionou.

Onze pés corredores estavam cheios de arte de filmes passados. Os figurinos usados por atores de primeira linha enfeitavam manequins em bolhas de plástico transparente.

O foyer foi dedicado à última jóia da coroa da Epic. *Ninja,* baseado no aclamado romance gráfico, estava previsto para ser lançado em apenas algumas semanas.

Eu tive a noite de abertura no meu calendário por um ano.

Vendo em primeira mão aumentou minha convicção que este era um outro mundo inteiro - um mundo que eu queria subir e nunca sair.

Titã poderia estar no ramo do entretenimento, mas nós éramos um pequeno canto dele.

Epic era um leviatã.

—Então vocês têm um novo jogo? — David perguntou uma vez que nos instalamos em uma sala de conferências. Minha cadeira cromada parecia algo saído de um filme de ficção científica. Como se pudesse sair sozinho em uma enxurrada de bipes descontentes e pings se eu não estivesse sentado nela.

—Sim. *Ómega*. Está saindo em junho.

—David. — Um homem enfiou a cabeça na porta. —Posso te emprestar um segundo?

—Desculpe-me. — Ele me lançou um olhar de desculpas e saiu.

Eu tentei reunir meus pensamentos. Eu tinha algumas ideias no avião para poder convencê-lo. Mas a realidade era que eles não tinham contrato obrigação de tomar nossa contribuição.

Eu estava acostumado a recorrer a uma combinação de lógica, regras e razão.

Neste caso, os dois primeiros foram inúteis para mim.

Quando ele retornou um momento depois, ele caiu de volta na cadeira, acariciando suas mãos na frente dele. —Então, Riley. O que posso fazer para você?

—A arte conceitual que enviamos. Você viu isso?

Ele franziu a testa, sua olhos vidrados. —Sim. Você enviou e nós olhamos para isso.

—Eu posso te mostrar de novo— Eu peguei meu telefone, mas ele me dispensou.

—Riley. Eu aprecio seu interesse neste projeto. E eu entendo, é o seu bebê. O que você precisa entender é que estamos todos no mesmo time aqui. Queremos que este filme seja um sucesso. E aqueles corredores que você visitou estão cheios de escritórios, escritórios de pessoas cujo empregos são exatamente isso - fazer

esses filmes serem bem-sucedidos. E coordenando todas essas partes móveis...

—Deve ser um trabalho infernal.

—Exatamente. — Ele pulou sobre ele, como eu afirmei toda a sua existência. —Na verdade, é incomum para a Epic ter informações sobre a direção de arte daqueles que estão fora do grupo.

Interrupção número dois veio para a porta na forma de uma mulher estressada, e com isso David estremeceu. —Eu preciso atender o telefone. Me dê dois minutos.

Eu bati meus dedos na mesa quando ele saiu, olhando para o espaço.

Isso não estava indo como eu queria.

Eu estava me afogando.

Venha, pense.

Max sabia que a arte que a equipe de David tinha feito não era boa o suficiente. Eu fiz também. E não foi porque nós tivemos algum tipo de proteção sobre como Titan estava representado.

Isto foi porque Max sabia que recursos visuais atraíam pessoas o suficiente para jogar um jogo por semanas, e eu sabia o que venderia.

Eu precisava que ele visse a mesma coisa.

David voltou. —Então estamos na mesma página? Nós vamos a todo vapor nisso, e manteremos você no circuito.

Eu me mexi de volta, cruzando as mãos. —Eu entendo que ambos investimos na sensação desse filme. Queremos vender uma tonelada de merda bilhetes de cinema, greve o tipo de licenciamento e estender os acordos de parceria que terão seus bisnetos estabelecidos para a vida e, essencialmente, terá o mundo inteiro espumando na boca para ver este filme.

Os olhos de David acenderam como eu imaginei que iriam. —Você sabe como isso funciona.

Eu me mexi da cadeira e ele se endireitou também, estendendo a mão.

—Só mais uma coisa, — Eu disse enquanto balançava. Ele ergueu as sobrancelhas. Indulgente. —Perguntei ao meu guia de turismo quantas adaptações de jogos e filmes de super-heróis serão lançados nos próximos três anos. Você sabe o que ele disse? Cinco. E isso é apenas épico. Adicione isso aos outros grandes estúdios, você sabe quantos são?

Ele estreitou os olhos, mas não respondeu.

—Dezesseis. *Phoenix* precisa se destacar de uma forma saturada de mercado. Essa batalha não será vencida nos cinemas. Acabou antes de abrir o fim de semana. O trigésimo segundo trailer tem que ser pornografia cinematográfica pura, se vamos ter cada homem de dezoito a vinte e cinco anos para ver isso. O mundo, os personagens, as sequências... E se fizermos certo, não serão apenas os caras que saem. Mas, —eu disse, parando para

respirar—, isso significa que nós dois vamos viver ou morrer na arte deste jogo.

—Então me conte. O que vai te levar ao teatro? Isso? —Eu balancei a cabeça para o lençol na mesa entre nós, puxando meu telefone e apertando algumas teclas. —Ou isto.

Ele pegou o telefone da minha mão, olhou para ele. —Quem fez isto?

—Meu artista. — David estava ocupado demais estudando a imagem para captar a possessividade em minha voz.

Eu cliquei no meu celular para mostrar outra imagem. Então o próximo. —O que você diz, David?

—Você assinaria os direitos sobre isso para nós na íntegra? — As palavras saíram em um staccato, ao contrário do sotaque que eu tinha me acostumado.

—Nós manteríamos os direitos dos personagens conforme estipulado em nosso contrato anterior.

Ele olhou para a imagem na tela. —Eu acho que nós podemos colocar isso no encanamento.

—Fico feliz em ouvir isso. — Eu enfiei meu telefone no bolso e comecei a andar em direção à porta.

Compromisso é uma coisa linda. Mas às vezes é bom vencer.

Abri meu laptop no segundo em que me acomodei em meu assento de primeira classe, com um clique no pacote de internet superfaturado.

Quanto mais eu olhava para os desenhos que ela tinha feito, mais eu não podia acreditar que Sam não tinha feito esse tipo de trabalho por anos. Seu trabalho estava no mesmo nível da arte que eu tinha visto na turnê do estúdio da Epic.

Meus dedos voaram sobre as teclas enquanto eu tentava procurar por Sam Martinez.

O primeiro resultado que surgiu foi o seu website. Nenhuma imagem. Apenas uma pequena biografia e imagens digitalizadas de alguns de seus trabalhos no show da galeria e mais uma dúzia de outras peças.

Eu tentei abrir um site onde artistas indie poderia postar seu trabalho.

Eu procurei pelo nome de usuário —Sam Martinez. — Nada surgiu.

Eu posso não ser um gênio como Max, mas no colégio eu aprendi que era muito bom com nomes de usuário e senhas, abrindo caminho para um suprimento de alcaçuz e um iPod usando mensagens de texto embaraçosas de Grace e Annie sobre esmagamentos como alavancagem.

Ainda assim, depois de tentar dezenas ou mais combinações do nome de Sam, suas bandas favoritas, filmes, livros e até mesmo palavras, eu estava prestes a desistir.

Você não a conhece mais. Pode ser qualquer coisa. Algum id de usuário gerado automaticamente que você nunca vai quebrar.

Eu tropecei em um último perfil. Minha respiração ficou presa no meu peito.

Eu sabia que era ela a partir da primeira imagem, embora houvesse algumas páginas delas.

A maioria recente foi há seis meses. Os quatro anos mais antigos.

Havia quadros cômicos como os que ela fez no ensino médio, além de suas próprias adaptações de franquias populares. Outros personagens eram os que eu nunca tinha visto. Ciclistas. Cavaleiros do dragão

Todos eles eram decididamente mais ousados do que o que ela desenhara no ensino médio.

Eu me movi para frente no meu lugar para estudar os desenhos na tela.

Esta era uma Sam crescida. Confiança atravessou todas as linhas e me fez pensar no que ela estava pensando quando as entregou ao papel.

Clique.

Clique.

Folheei uma imagem para a próxima, sentindo-me mais como um voyeur a cada toque.

E não fui eu? Ela não queria que eu visse esses desenhos, ou ela os teria mencionado.

Clique.

Minha garganta apertou minha mão coçando parou quando uma nova imagem encheu a tela.

Uma jovem sentada em uma pedra no meio do oceano, com as pernas dobradas na frente dela. Ela olhou para fora como se estivesse procurando por algo.

Ou alguém.

A mulher no cabelo escuro da imagem caiu sobre um ombro em uma trança solta, pedaços escapando para provocar a pele exposta pela parte superior de um sutiã de renda. O inchaço redondo de um seio.

Ela estendeu a mão, envolvendo-me em torno dela. Sussurrando segredos no meu ouvido.

Meu olhar arrastou-se sobre os ângulos de suas pernas nuas, seus quadris. Lábios cheios, separados como se ela estivesse prestes a falar.

Ou para implorar.

Ninguém podia ver meu notebook graças à parede de privacidade do meu assento, mas eu me sentia culpado de qualquer maneira.

Eu esfreguei minhas palmas contra a minha calça, a coceira ardente de luxúria serpenteando pela minha espinha.

Apenas uma garota me deixou com esse sentimento.

Eu não a reconheci por causa da saudade em seus olhos. O olhar decididamente sensual de necessidade não satisfeita em seu rosto.

Foi um auto-retrato. Eu teria apostado minha maldita vida nisso.

Foi arte.

E sexy pra caralho.

Esta Sam era linhas e carvão, não carne e sangue.

Ainda de alguma forma, ela encheu o ar viciado em torno de mim, expandindo-se até que cada pedaço de oxigênio na cabine de primeira classe fosse embora.

Sua presença como a artista e o assunto se entrelaçaram em mim, dentro de mim.

Foi o mais sujo três caminhos que eu nunca soube que queria.

Eu esfreguei a mão no meu pescoço, os cabelos em pé.

Eu precisava de uma tarde no ginásio de escalada, onde eu poderia me levantar tantas paredes quanto foram necessárias para me deixar sem fôlego, meus músculos doendo.

Eu precisava tirar essa vantagem que estava construindo há semanas.

Meu olhar vagou, com fome, sobre a tela até que senti meu pau pressionar o zíper da minha calça social.

Fechei a tampa do computador com um clique, fechando os olhos enquanto minha cabeça caía contra o encosto de cabeça de couro.

Eu me lembrei da Sam e sua expressão quando derramada me tocou no intervalo.

Não importa o quanto eu tenha tentado manter isso profissional, mantenha-o amigável...

Houve negócios inacabados entre nós.

Nós íamos fazer isso. Tudo isso.

Começando o segundo eu aterrei.

14

Pode

Último ano

—Você acredita que a escola quase acabou? Em um mês seremos graduados. Seremos adultos - disse Sam quando nos sentamos na fileira de trás do cinema independente esperando o filme começar.

—Somos adultos. E você é a partir de... — Eu fingi considerar — ... hoje.

Ela sorriu. —Dezoito anos, baby. Parece loucura.

—O que você vai fazer com sua nova vida adulta? —

Seus olhos seguraram os meus. —Eventualmente. Primeiro, vou levá-lo para me levar a todos os meus filmes favoritos e comprar minhas comidas favoritas e me dizer o quanto sou incrível.

Eu olhei para o rolo de Sweet Tarts na mão dela. —Eu pensei que é o que estávamos fazendo. — Meu comentário me rendeu um sorriso.

As luzes se apagaram e nos voltamos para o filme, mas concentrar-me no Cassino Royale foi mais difícil do que deveria ter sido.

Quando ela me pediu para levá-la para o aniversário de dezoito anos, não sonhei em dizer não. Depois de passar a maior parte do ano,

os filmes neste teatro eram um ritual para nós. A fileira de trás vazia era uma segunda casa.

Tínhamos o mesmo gosto em filmes também, preferindo super-heróis e filmes de ação sobre comédias ou dramas.

Mas algo havia mudado esta noite, e não era a idade dela.

Eu sabia disso quando a levei para o seu lugar favorito para o jantar. Quando nós caminhamos até aqui no ar fresco da primavera. Quando ela estava ao meu lado na fila curta para conseguir ingressos, seu rosto radiante para mim com uma combinação de felicidade e determinação.

Peguei o rolo de doces e desembrulhei um.

—Cherry—, dissemos em uníssono.

Ela abriu a boca obedientemente e eu joguei para cima. Ela se abaixou para tentar pegá-lo, mas ele ricocheteou.

—Merda. Essa foi a última cereja. Para onde foi? — Ela exclamou no escuro.

Eu o vi logo acima do decote de seu top. —Segure firme.

Eu me inclinei e peguei com os dentes. Quando eu puxei de volta seus olhos estavam arregalados nos meus. Então eu peguei entre os meus dentes e ofereci a ela.

—Está bem. Você pode ficar com isso— ela murmurou.

—O que? Porque está na minha boca?

Ela balançou a cabeça.

Você pode ficar bom em qualquer coisa se praticar o suficiente. Por meses eu tenho praticado esconder meus sentimentos por Sam. Eu ficaria com ela nos braços quando saíssemos. Eu retornaria seus sorrisos, mas desviei o olhar quando meu coração começou a bater no meu peito.

Seu pai estava certo de que ela precisava de um amigo.

Mas na semana passada, eu percebi que ele estava errado sobre uma coisa.

—Como está o seu pulso? — Eu perguntei, minha voz baixa sobre a trilha sonora do filme.

Seus dentes brilhavam brancos no escuro. —A dor quase foi.

Duas semanas atrás eu, Max, Sam e um par de outros amigos da classe tínhamos saído no barco do tio de Max, amarrado no cais, depois de escurecer.

Eu voltei para o carro para pegar lanches e quando voltei e ouvi um barulho, corri para a beira do barco.

Eu tirei meu suéter, tremendo. Chutei minhas botas.

Max agarrou meu braço. —Foi um desafio. Ela acabou de mergulhar. Ry, o que você...

Eu a segui para baixo.

A água era negra e o tipo de frio que o pegava pelo peito. Mas o medo no meu intestino sobre ela superava os nervos.

Eu olhei ao redor no escuro, me forçando para baixo, mesmo quando todas as células do meu corpo gritavam para subir.

Algo puxou meu braço e eu o sacudi.

Novamente.

Sem fôlego, subi para a superfície.

O rosto de Sam ao meu lado, lançado nas sombras, era a visão mais linda que eu já tinha visto.

—Sam. Você está bem?

Ela estremeceu. —Eu machuquei meu pulso mergulhando. É mais raso do que eu pensava.

Nossos amigos nos tiraram da água.

Ela começou a tremer pelo ar frio e eu agarrei sua mão e a puxei para baixo do convés, pegando toalhas de Max no caminho.

Comecei a desabotoar a camisa encharcada que ela usava, mas ela me parou. —O que você está fazendo?

—Você está congelando.

—Então é você.

Eu queria torcer o pescoço dela.

Eu queria agarrá-la para mim, envolvê-la com tanta força que ela nunca mais me assustaria assim de novo.

Para não fazer as duas coisas, virei minhas costas começando a me despir.

—Por que você pulou dentro? — Ela perguntou atrás de mim.

Ela se virou e estava fazendo a mesma coisa. Eu olhei para baixo para ver seu jeans cair no chão.

—Eu estava preocupado.

—Você sabe que eu posso nadar.

—Sim. Seu pai me disse uma vez na piscina... — minha respiração ficou presa no meu peito. —Ele disse que você quase se afogou.

Ela se virou para mim. Eu tirei minha camisa e fiquei lá com meu jeans encharcado.

—Foi logo depois que minha mãe morreu—, ela murmurou. — Isto parece loucura, mas eu pensei que poderia vê-la lá, no fundo do poço. Eu tentei nadar até ela. A próxima coisa que eu sabia era que estava sendo arrastada para fora da piscina.

Sua toalha enrolada em torno de seu corpo, amarrou sobre o peito. Peguei minha toalha e a envolvi em volta dos ombros, precisando de algo para fazer que não estivesse olhando para ela.

—Seu pai pensou... ele estava preocupado que você pudesse ter feito isso de propósito.

Ela agarrou minhas mãos, forçando meu olhar para o dela. Olhos escuros brilharam para mim. —Ry. Eu nunca me machucaria. Não antes, não agora. Eu não faria isso comigo mesmo, com meu pai... — ela parou. —Para você.

Se tudo o que eu poderia ter era momentos como estes - vislumbres de suas pernas nuas, curvas e molhadas; seus lábios cheios se separaram do frio; o jeito que ela balançava sob minhas mãos através da toalha - eles seriam o suficiente.

Mesmo que eu quisesse prender sua boca debaixo da minha. Para arrastá-la até o chão, tocá-la e abraçá-la e dizer a ela como eu estava com tanto medo que a perderia. Para provar para ela, enquanto ela me deixasse o quanto eu precisava dela...

Ela sorriu fracamente, seu olhar perdendo nada de sua intensidade. Seu cabelo pingava água no chão a seus pés.

—Minha mãe e eu costumava nadar juntas, desde que eu era criança. Foi a nossa coisa. Ela me chamou de serenita. 'Pequena Sereia'.

—Serenita—, repeti.

Os olhos de Sam caíram para o meu peito nu. —Você estava realmente preocupado?

Eu balancei a cabeça, firme.

Ela sorriu. —Eu não estou indo a lugar nenhum.

Eu sempre pensei que estar apaixonado seria bom.

Parecia assustador.

Como a viagem em família que n*ós tínhamos feito para o Grand Canyon um ano. Pisando perto da beirada, observando as pedras se agitando enquanto seu coração martelava em meus ouvidos.*

Agora, na última fileira do teatro em seu aniversário, as luzes se apagam e o gosto de Sweet Tarts na minha língua, uma percepção tomou conta.

Nos últimos seis meses eu estava obcecado por uma garota que eu não poderia ter.

Pela primeira vez, eu oficialmente era o amigo cuidador.

Eu poderia estar lá para ela assim, como amigo dela, e seria o *suficiente.*

—Riley—, ela murmurou no meu ouvido. —Eu tenho que te dizer uma coisa.

—O que é?

Então a boca dela estava na minha. Eu estava tão completamente desprevenido que não resisti quando suas mãos entraram no meu cabelo.

Jesus.

Ela tinha gosto de doce e tentação e tudo que eu tinha me negado todo ano.

Seus lábios acariciaram os meus, hesitantes no começo. Em seguida, abrindo em convite.

Eu estendi a mão para ela, para afastá-la. Em vez disso, meus dedos permaneceram em seus ombros.

Forças opostas se chocaram em meu cérebro. A parte virtuosa de mim que cuidou dela. Protegendo-a.

A outra parte de mim que queria puxá-la para mais perto, para provar uma teoria que estava à espreita as partes mais escuras do meu cérebro o ano todo.

Levou tudo em mim para puxar de volta, especialmente quando ela fez um pequeno som de protesto que tinha a minha mão segurando o braço do meu assento.

Meu coração batendo ecoou em meus ouvidos, o volume do filme se tornando ruído de fundo. O erro disso se apoderou de mim, como uma onda ameaçando nos afogar quando eu me afastei para olhar para ela, corada e atordoada.

Eu lutei por palavras. —Sam, isso é um erro. Ouça. Eu me preocupo com você. Muito. Mas...

—Pare de falar—, ela sussurrou. Mesmo nas luzes fracas, eu podia ver o horror em seu rosto, a traição. —Eu prometi a mim mesma que não faria isso. Que eu não me sentiria assim de novo, nunca. E eu me deixo ir lá, mas algumas noites você é tudo em que consigo pensar. Você é a única pessoa que me pega. — Dor encheu seus olhos. —Porra, Lee. Isso realmente é uma droga, você sabe disso?

A luz do filme tocou em seu rosto, sua pele lisa em contraste acentuado.

Isso tudo estava errado. Eu precisava de um minuto. Inferno, eu precisava de uma semana. Para recuperar o atraso, para pensar...

Eu peguei o braço dela. —Sam...

—Não. — Ela empurrou para fora de seu assento, derramando doces. Eu não posso acreditar. Eu fiz isso. Eu fui tão idiota. Eu pensei

em ir para o Nordeste, e seria você e eu, e talvez pudéssemos esquecer toda a merda que aconteceu no passado. Como esta foi a nossa chance de colocar tudo para trás. Para fazer isso juntos.

—Você não é idiota—, eu disse, minha voz subindo. —Mas...

—Apenas esqueça sobre isso. Tudo. Essa noite toda nunca aconteceu.

Ela pegou sua bolsa e saiu do teatro.

—Porra! — Eu gritei, não me importando com os olhares furiosos que eu recebi. Saindo do meu lugar, comecei a descer pelo corredor e sair pelas portas.

O saguão estava vazio.

Eu fui para a rua. Nenhum sinal dela lá também.

Perguntei à mulher que vendia lanches para verificar o banheiro feminino enquanto eu andava de um lado para o outro. Ela retornou um momento depois, as mãos erguidas.

Sam foi embora.

15

ALGUMA COISA DO TITANIC

—ONDE está todo mundo? Sam perguntou enquanto montava seu cavalete no meu escritório em Titan.

—Os desenvolvedores trabalham todas as horas durante a semana, mas eu os faço ir para casa aos sábados.

A luz da manhã brilhante que entrava pela minha janela iluminava o lugar. Durante a semana me deu energia, mas hoje me senti em paz.

—Assim. Como você está impressionada com a minha vitória? —, perguntei.

—Talvez você deve ser o único que está impressionado—, ela jogou, montando seu cavalete. —Foi a minha ideia para você ir vê-los.

—Mas foi minha estratégia que fez funcionar. — Eu considerei. —Talvez façamos um bom time.

Desde o avião de volta na quinta-feira, eu planejava o que aconteceria quando eu a visse em seguida.

Eu mandei uma mensagem pedindo para ligar para o nosso acordo. Ela sugeriu hoje e nas últimas quarenta e oito horas, eu estava coçando com antecipação.

—Estou surpresa que você ainda tenha jeans—, ela comentou, endireitando e colocando uma caixa de carvão na minha mesa.

Eu olhei para o Sevens e camiseta branca. —Você sente falta de fato?

—Eu não disse isso.

Eu caí no sofá que Payton tinha insistido que eu instalasse no ano passado porque eu estava dormindo na minha cadeira e assisti Sam descompactar seus suprimentos.

Meus olhos encharcaram sua aparência, da trança bagunçada que estava sobre um ombro até o suéter e as leggings que mostravam cada curva.

—Isso vai se transformar em algo do Titanic, não é? Um segundo você está me pintando, e eu estou lhe dando olhos latentes, depois cortei as mãos suadas nas janelas do carro.

Ela me lançou um olhar. —Boa tentativa. — Ela sacudiu os olhos sobre mim, o sofá. —Relaxe um pouco. — Eu cruzei um tornozelo sobre o joelho oposto e estiquei meus braços ao longo do topo do assento. —Isso é bom. Sente-se assim.

O tempo tem um jeito de suavizar as coisas. Deveria ter sido nada entre nós depois de todo esse tempo. Sem amargura ou tensão. Nenhuma atração ou saudade.

Mas desde que me encontrei cara a cara com ela novamente, não pude negar.

Nós poderíamos lutar ou jogar fora.

Eu sabia o que queria.

O que ela queria era outra questão.

—Como você faz isso? — Eu perguntei abruptamente.

—O que você quer dizer?

—Sua arte. Você disse que é sobre como você vê as coisas através dos seus olhos. Explique isso para mim.

Ela começou a desenhar, seu olhar estudioso se movendo entre mim e o papel. —Eu não posso explicar isso. É como tentar explicar uma cor.

—Experimente.

Ela colocou o carvão lentamente e deu alguns passos em minha direção. —Bem. Na escola, costumávamos fazer muitas naturezas-mortas. Você sabe. Frutas, vasos de água, cabides, seja qual for o que nosso instrutor sentiu. O primeiro mês eu apenas copiei o que vi. Eu realmente não entendi.

—O que há para conseguir entender?

Sam pegou uma estatueta de Yoda na minha prateleira e sentou-se ao meu lado no sofá, deixando apenas um pouco de espaço entre nós.

—Por um lado, você não precisa desenhar o objeto. Existem outras opções. Você pode desenhar o espaço ao redor - chamado espaço negativo. — Ela arrastou um dedo ao redor do perímetro das orelhas pontudas de Yoda.

Inclinei-me uma polegada, perto o suficiente para sentir o cheiro do xampu dela. Mas eu mantive minha atenção focada em Yoda.

—OK. O que mais?

Tanto quanto eu gostava de ficar sob sua pele, eu adorava ouvir sobre o que ela aprendeu. Foi como ter uma conversa com Sam, minha ex-amiga, depois que ambos estivemos fora em uma longa viagem. Havia infinitas coisas para se atualizar, um milhão de histórias para contar.

Eu queria ouvir todas elas.

—Você pode usar todos os seus sentidos. Veja algo, toque-o, até mesmo prová-lo ou cheirá-lo. Flores, frutas ou até mesmo um pedaço de metal. Todos eles têm seu próprio perfume.

Eu segurei a estatueta até o nariz e fiz uma careta. —Talvez não seja Yoda.

Sam riu. —Talvez não. Mas desenhar algo é sobre como comprometer sua experiência com o papel. Não se trata de recriar as linhas.

—Tudo bem então. Vá em frente.

Sam levantou uma sobrancelha.

Eu me mexi de volta no sofá, minhas pernas esticadas na minha frente, minhas mãos cruzadas atrás da minha cabeça. —Toque-me, prove-me, cheire-me… *Experimente*- me.

—Não, obrigada. — Ela empurrou do sofá, tentando parecer legal e falhando enquanto seu olhar descia pelo meu corpo. Eu adoro ternos, mas há um trabalho duro que não aparece debaixo de camadas de lã. Às vezes, uma camiseta e jeans simplesmente funcionam.

—Estou falando sério. A menos que tenha medo de alguma coisa.

Sua atenção voltou para o meu rosto. —Eu não estou com medo.

—Então não há mal em se aproximar.

Eu me senti como o lobo em Chapeuzinho Vermelho, e nós estávamos no meu relvado agora.

Ela fechou a distância entre nós, parando quando seus joelhos bateram em minhas canelas.

—Eu disse *mais perto,* Sam.

Sam olhou para baixo, apontando para onde nossas pernas se encontravam. Em um movimento enganosamente lento, eu agarrei atrás de seus joelhos e puxei. Seus olhos se arregalaram quando ela caiu para frente, apoiando as mãos contra o meu peito quando ela caiu no meu colo.

—O que você está fazendo? — Sua voz pegou nas bordas e seu olhar trabalhou sobre o meu, chocolate derretido disparado com caramelo.

—Ajudando você a ver.

Sua mão demorou no meu peito e senti a marca através da camiseta fina.

Sua outra mão alcançou meus ombros, seus olhos seguindo o caminho que seus dedos traçavam através dos músculos ali. Sobre o meu bíceps, abaixo do meu antebraço, e eu me contorci quando sua pele nua conectou com a minha.

Eu queria que ela me tocasse. Para me sentir.

Para me querer como eu a queria.

Suas coxas estavam em ambos os lados da minha, e eu peguei a palma da mão e coloquei debaixo da minha camisa.

Ela deixou manchas de carvão na minha camisa.

Eu não dei uma única foda.

Eu precisava que ela admitisse que ela olhou para mim um pouco demais. Que a pele dela formigou depois que eu a toquei. Que ela se lembrava de que uma vez nos beijamos e desejamos não termos parado.

Minhas mãos encontraram seus quadris. Eu me perguntei se ela poderia sentir o quão duro eu estava sob o meu jeans. O pequeno ruído em sua garganta me apertou.

—Bem? — Eu murmurei.

—Lee...

Foi concebido como um aviso, mas a maneira como ela parou no final parecia mais um apelo. *Porra,* isso foi bom o suficiente.

Meus polegares traçaram círculos na pele lisa acima do cós da calça e o estômago dela tremeu. Fiquei impressionado com a vontade de virá-la, colocar minha boca em cada centímetro daquela pele, para entrar nela até que ela estivesse tremendo ao meu redor.

—Eu estava pensando ontem à noite sobre o seu aniversário de dezoito anos. — Minha voz era áspera. Sua mão se elevou mais, seus dedos roçaram meus peitorais.

Eu estendi a mão e escovei meu polegar em seu lábio inferior, sentindo-a tremer. —Você me beijou. E eu deveria ter te beijado de volta.

Ela começou a puxar a mão para trás, mas eu agarrei seu pulso, segurei sua palma contra o meu peito.

—Eu sei que te machuquei. Mas você estava errada sobre alguma coisa. Eu não parei por falta de interesse.

—Então por que.

Fechei os olhos, concentrando-me na sensação de seu toque, seu corpo sobre o meu. —Eu fiz uma promessa para proteger você. Eu pensei que se as coisas entre nós mudassem, poderia ser perigoso.

—Essa é uma razão estúpida.

Meus olhos piscaram abertos, encarando sua expressão acusadora.

—Não parecia assim na época. Você passou por um mundo de mágoa, Sam. Eu queria proteger seu coração, não quebrá-lo.

—Você fez assim mesmo.

Eu corri a parte de trás da minha junta ao lado dela através de seu topo, seguindo a curva de seu peito, a inclinação de sua cintura. Minha garganta se transformou em um deserto.

—Eu sei. Se você tivesse alguma ideia de quantas vezes eu queria beijar você.

Ela engoliu em seco, desviando o olhar. —Quanto? — Ela perguntou finalmente, como se não pudesse evitar.

—Um milhão de vezes. Mas definitivamente a noite em que você torceu seu pulso mergulhando naquele barco. Você lembra disso?

Ela assentiu e seu olhar voltou para o meu. —Eu não precisei de você para me salvar, Lee. Não da água ou de qualquer outra coisa.

Eu alcancei seu pescoço, meus dedos emaranhados nos pequenos cabelos que tinham caído de sua trança, e eu a puxei para frente.

—Se eu tivesse te beijado naquela noite, Sam—, eu murmurei, lembrando como ela parecia em pé naquela toalha e nada mais, — eu não teria parado.

Cada respiração entre nós era uma vida cheia de possibilidades. Eu não queria que isso acelerasse porque isso poderia acabar. No entanto, a necessidade entre nós foi construída a cada respiração até que ela estava prestes a entrar em erupção, e por Deus eu queria segurá-la pelo maior tempo possível.

Quando eu não aguentei mais, puxei-a para mim, sua boca se abrindo sobre a minha.

O primeiro toque de seus lábios sacudiu através do meu sistema.

Foi alta definição, som surround, porra tudo isso. Seu cheiro, seu gosto, a sensação de sua pele enquanto eu segurava seu rosto.

Ela resistiu, as pontas dos dedos apoiadas contra o meu abdômen como se ela não conseguisse decidir se afastava ou deixava sua mão suave contra a minha pele.

Eu realmente queria que fosse o último.

Então eu fiz o que sempre fiz.

Negociei.

Minha boca procurando a ela. Dizendo a ela. Provocando-a.

Minhas mãos puxando-a para baixo em mim, encaixando-a contra mim como uma peça de quebra-cabeça que sempre deveria estar exatamente aqui.

O segundo que ela se rendeu foi sexy como o inferno.

Ela achatou a palma contra mim, fazendo meus músculos flexionarem. Quando a mão dela subiu do meu abdômen para o meu peito, eu gemi. Todo lugar que ela tocou me deixou louco de necessidade.

Ela se moveu para frente, mudando o ângulo e aprofundando o beijo. Meus dedos cavaram em sua bunda cheia de curvas, inclinando-a contra a crescente ereção em minhas calças.

Sim Sam. Porra sim.

O toque de seu celular nos fez pular.

Sam retornou ao segundo toque, pegando o telefone no bolso. —Essa é a galeria. — Ela pegou, suas coxas apertando as minhas para o equilíbrio quando ela endireitou o corpo. —Do que você está falando? — Sua voz estava tensa quando ela saiu de cima de mim. —Sim. Eu estarei lá.

Eu segurei a porta da galeria para Sam enquanto ela corria pela minha frente.

O cheiro foi a primeira coisa que notei. Carvão e cinzas. Isso picou meus olhos, e eu pisquei quando entrei.

Através do nevoeiro, eu poderia distinguir alguém de corpo inteiro terno branco e máscara. —Você não pode estar aqui—, ele chamou, sua voz abafada como se através de uma conexão telefônica ruim. —Estamos limpando.

Eu levantei a manga do meu casaco para o meu rosto, meus olhos começando a lacrimejar. —O que aconteceu?

—Problema com a lareira ontem à noite. Aparentemente é nova e não estava saindo bem. Agora há dano de fumaça por todo o lugar...

Sua voz desapareceu quando passei por ele na galeria principal. Eu não conseguia abrir totalmente os olhos para a poeira no lugar, mas também não podia desviar o olhar.

Parecia impossível. O lugar tinha sido intocado com paredes brancas reluzentes que agora estavam revestidas de cinza.

As paredes e…

—E a arte? — Eu continuei em seu olhar vazio. Ele olhou para o canto da sala.

Sam correu pelo chão, caindo de joelhos na frente das telas encostadas na parede.

Seus dedos tocaram as bordas, e eu a observei olhar de uma para outra.

Eu levei um joelho ao lado dela. As pinturas foram silenciadas por um filme cinzento. Eu cuidadosamente toquei no canto de uma, achando-o pegajoso.

Sam estava respirando com força ao meu lado quando Jonathan apareceu. —Samantha.

—O que aconteceu? — Ela se levantou, girando para encará-lo.

—Houve um problema com a nova lareira. Estamos revisitando o documento de inventário e estou trabalhando na reivindicação de seguro. Mas eu preciso que você passe por isso comigo.

Ela olhou para ele por um longo momento antes de parecer lembrar que eu estava lá. Ela se virou, olhando para mim com os olhos úmidos.

—Obrigada por me trazer. Você pode ir—, ela disse para mim.

—Eu não vou a lugar nenhum. — Meu peito se apertou em um nó. Seu olhar segurou o meu. Não me dizendo para sair, mas perguntando. Implorando.

—Riley, por favor. Eu te ligo mais tarde.

Eu me abaixei para fora no ar frio do lado de fora, meus pulmões sugando oxigênio até doer. Parte de mim queria se virar e estacionar dentro da galeria, mesmo que ela empurrasse e gritasse. Mas mesmo quando eu odiava saber ela estava sofrendo, eu precisava ir embora.

Porque por um momento eu esqueci que não éramos as mesmas pessoas de uma década atrás. Por um momento, senti que era meu trabalho cuidar dela. Meu trabalho para confortá-la.

Na realidade, não era meu trabalho fazer qualquer uma dessas coisas.

Eu faria bem em lembrar disso.

Particularmente porque a última vez que eu pensei que era, eu tive meu coração arrancado ao meio.

16

VOCÊ ENSINA ESSA MERDA?

Boston foi abençoado – ou amaldiçoado, dependendo da sua perspectiva - com meio pé de neve na semana anterior ao Natal.

Meu Bentley lidou com isso como um campeão.

Meus sapatos se tornaram um pouco mais difíceis.

—Bem, este lugar ficou mais bonito— Eu comentei quando Charlie e Payton entraram na porta de Titã.

—Estamos sem refrigerante de melancia no andar de cima e eu pensei que você poderia ter um pouco—, Payton disse quando ela atravessou para a cozinha.

—Eu trouxe-lhe estes. — Charlie estendeu os bilhetes que eu comprei para Titan para o evento de férias do LIVE. Charlie tinha conseguido um comediante de primeira linha de Los Angeles para se apresentar e eu queria apoiá-la e fazer algo bom para a equipe.

Payton abaixou a cabeça para inspecionar o conteúdo da geladeira e eu a empurrei para fora do caminho, estendendo a mão para a solitária lata de melancia e entregando a ela.

—Eu também convidei sua garota. — A voz de Charlie disse que ela sabia que estava balançando bambu suculento na frente de um coala faminto.

—Do que você está falando.

—Rocky. — Ela impulsionou-se para sentar-se no balcão. —Ela parou aqui ontem.

—É Sam, a garota com quem você e Max estudaram? Quem está trabalhando em Phoenix? —Payton perguntou, seu olhar passando rapidamente entre nós.

—E o menino aqui tem um tesão permanente.

Payton levantou uma sobrancelha enquanto tomava um gole de refrigerante. —Estou tão feliz que você está vendo alguém de novo!

—Eu não estou vendo ninguém—, eu reclamei.

Desde que deixei Sam na galeria no sábado, eu não tinha visto ou ouvido falar dela.

Eu estava tentando dar espaço a Sam e guardar um pouco para mim. Mas fazia quatro dias desde que eu a beijei no meu escritório. Quatro dias desde que ela me manteve esperando, então cedi um gemido que estava tocando em um loop na minha cabeça, me mantendo acordado durante a noite.

Eu queria saber o que diabos estava acontecendo.

—Pelo visto ela se dá melhor com meus amigos do que comigo.

—Não fique com sua calcinha em um nó. Ela enviou algumas pessoas para o clube e eu a segui para agradecer, —Charlie continuou. —Mas isso não importa, porque ela disse que não poderia vir para a festa de feriado amanhã. Ela está ocupada.

—Com o quê? — Eu não pude resistir em perguntar.

—Coisas de familia. Seus avós visitam para o Natal ou alguma coisa.

—Os pais do pai dela da Geórgia?

Charlie levantou as palmas das mãos. —Eu não sei, Ry. Eu pareço com o seu mensageiro? A menos que vocês não estejam conversando, e... — Ela ergueu as sobrancelhas. —Vocês não estão falando. Interessante. Você fodeu?

—Não.

—Que diabos está errado com você? Você é gostosa. Ela é gostosa. Você tem uma década de tensão sexual para trabalhar. Isso não é só uma desculpa, é um reality show de cinco temporadas.

Eu esfreguei a mão no meu rosto.

Eu repetia o dia no meu escritório repetidas vezes na minha cabeça.

A sensação de Sam sobre mim. Aqueles olhos fascinantes olhando para os meus. Sua pele sob minhas mãos, as minhas sob as dela.

Até ela receber a ligação.

Então, eu não podia nem me sentir chateado com a interrupção por causa do horror de ver meses do seu trabalho, sua paixão, destruída.

—Por que você não liga para ela, Ry? — Payton perguntou, interrompendo meus pensamentos.

Porque eu queria que ela me chamasse, droga.

Eu queria que ela pensasse em entrar em contato comigo. Para lembrar quão insanamente bom, e errado, e certo, parecia quando nos beijamos.

O que foi injusto. Mas foi assim que foi.

—Vai dar certo. — Ela deu um passo em minha direção, puxando me em um abraço.

—Isso é alguma coisa hormonal materna? — Eu murmurei em seu cabelo.

—Não. É uma coisa do tipo —amigos são para. — Os saltos de Charlie clicaram no azulejo quando ela se afastou do balcão e seus braços me envolveram por trás.

Muppet apareceu na porta da cozinha, congelando enquanto nos olhava os três. —Nem consigo uma namorada. Você *ensina* essa merda?

Normalmente eu pedia o almoço de um lugar na esquina, mas hoje, depois que Payton e Charlie saíram, eu precisava da caminhada.

Depois de envolver meu casaco em volta de mim e me aventurar no vento, toquei no contato de Sam no meu telefone.

—Ei—, ela respondeu. Sua voz baixa do outro lado foi o suficiente para relaxar a tensão em meus ombros.

—Oi. Eu queria ligar e ver como você está fazendo.

Eu ouvi sua respiração expelida no meu ouvido. —Sobrevivendo. Aparentemente há muita fraude de arte, então eu tenho respondido perguntas do seguro por dias.

Esse conhecimento fez algo para acalmar meu ego machucado.

—É estranho quando você pensa sobre isso. Na Europa, você vê esses afrescos de quinhentos anos, intocados e perfeitos. A maioria das pinturas neste show não durou ano.

—Eles não podem ser salvos?

—Aquarela é uma cadela. Eu deveria ter escolhido óleos. Você pode praticamente esfregar a tela para limpá-la. Ela limpou a garganta. —De qualquer forma. Obrigada. Por seu apoio.

—Claro. — Eu parei em um semáforo, esperando por ele virar.

Ela hesitou, e eu não queria desligar ainda. Parecia que ela também não.

—O que você está fazendo para o Natal? —eu perguntei.

—Meus avós estão vindo da Geórgia. Meu pai consegue levá-los de e para o aeroporto, o que acho que é o ponto alto. Ele está começando a mudar de turno na semana depois do Natal. Apenas uma cirurgia por dia durante algumas semanas. Mas ele é tonto, como uma criança. E você?

Annie está voltando para casa, e Grace e Jeremy estarão em casa dos meus pais com sua filha Emily. Cheguei à porta da loja de

sol e parei, segurando-o para que um grupo de crianças pudesse entrar primeiro. —Eu devo ir. Mas eu queria dizer Feliz Natal, Sam.

—Feliz Natal. E Lee? Eu teria esperado para sempre quando ela me chamasse assim.

—Sim.

—Obrigada. Por chamar. Por tudo.

Eu queria estar lá para ela, fazer mais por ela, mas não sabia como ajudá-la a chorar.

Voltei para o nosso prédio com meu sanduíche, entrando pela porta da frente de Titã. Os codificadores estavam em suas mesas, alguns ocupando as cadeiras de pufes na sala de conferências. Max estava debruçado sobre a estação de trabalho de Muppet, de braços cruzados enquanto lia o código sobre o ombro do sujeito.

Uma ideia me ocorreu.

—Eu preciso de algo que pertence a você—, eu disse a Max, desembrulhando meu sanduíche.

—Eu dirijo um modelo de carro econômico atrasado e meu condomínio está cheio de livros Montessori—, disse ele, olhando-me quando eu dei uma mordida no sanduíche. —O que você poderia querer?

Depois de mastigar e engolir eu disse a ele, e seus olhos se estreitaram. —Eu comprei para Payton. É o presente de Natal dela.

—Eu vou fazer as pazes com ela—, eu disse entre as mordidas. —Vamos, Max. Quando eu te pedi alguma coisa?

Seu silêncio falou volumes. —Para ela, hein?

—Sim.

Ele olhou para o meu sanduíche. —Aquele pastrami?

—Carne defumada.

Ele tirou da minha mão. —Bem.

Eu de bom grado renunciei ao meu almoço. Quanto aos negócios, isso mal contava.

—Obrigado—, eu disse, e quis dizer isso. —Você deveria sair daqui. Aproveite o tempo com sua família.

—Meus pais estão chegando da Flórida amanhã e a mãe de Payton vai pegá-los no aeroporto. Eles estão aqui até o dia de boxe. Vai ser intenso. Eles vão começar a perguntar quando nos casaremos novamente.

—O que você disse?

—Eu deixo cair a palavra pré-nupcial. Conversar sobre advogados sempre cala a boca de todos. — Ele deve ter visto o olhar atordoado no meu rosto porque ele continuou. —Vamos. Estou brincando. Se Payton nunca me deixar eu daria a ela metade de tudo que eu possuo voluntariamente. Ela já é metade de tudo que sou.

—Como seu advogado, posso lhe dizer que não é uma estratégia útil. Como seu amigo... eu preciso te dizer que é uma merda de merda.

—As mulheres têm uma maneira de fazer isso com você.

Eu pensei que ele ia dizer mais, mas no final, ele apenas voltou para a tela, dando uma mordida no meu sanduiche.

Fiz algumas chamadas para nossos parceiros e contratados, depois terminei a papelada que precisava ser feita antes do final do ano.

Os codificadores estavam trabalhando duro para se livrar de bugs no novo jogo, e eu admirava sua mentalidade única, sua capacidade de se concentrar não apenas em sua tarefa, mas em um projeto.

Isso me fez pensar em *Phoenix.*

Epic tem uma equipe de pessoas trabalhando para o prazo hoje como nossos desenvolvedores foram? Em que eles estavam trabalhando - o roteiro, o elenco, os locais? Tinha que haver uma montanha de decisões sobre um novo filme. Eu queria saber o que eles eram, como eles foram feitos. Meus dedos coçavam para ligar para David, ouvir algo, qualquer coisa sobre o filme.

Eu forcei isso para terminar meu próprio trabalho. Amanhã seria nosso último dia no escritório até meados da próxima semana.

Eu estava arrumando as malas para sair à noite quando meu telefone tocou.

—Ross—, eu disse ao nosso contador e folha de pagamento. —Você está trabalhando até tarde.

—Tentando terminar antes das férias. Ouça. Nós temos um problema. Eu estava revisando os saldos das contas para as próximas semanas e... houve um descuido.

Eu escutei sua voz apologética, e o sorriso caiu do meu rosto. — Quanto tempo precisamos consertar?

Meus olhos se fecharam. —Não. Não tire uma linha de crédito. E não conte ao Max. Eu vou lidar com isso. Sim. Boas festas.

17

TRÉGUA

– Hello? Alguém pediu presentes?

Eu bati na porta da frente da casa dos meus pais na noite seguinte antes de entrar.

Emily gritou e correu para mim, agarrando a perna da minha calça jeans.

—Você é tão chato. — Minha irmã mais nova Annie se aproximou com uma xícara de algo fumegante.

—Troque você. — Eu dei a ela meu casaco e ela me passou a caneca. Eu tomei um gole. —Mmm. Eu amo a véspera de Natal. Cidra com... bourbon?

—Sim e você tem sorte de ter sobrado— Grace comentou do outro lado da sala. —Você está atrasado.

Fazia um milhão de anos desde que o vitoriano tinha sido a minha casa. Ainda assim, me senti em casa.

Eu carreguei meus presentes do outro lado a sala de estar e colocá-los sob a árvore. Eu voltava e observava as pessoas abri-los pela manhã.

—Então o novo trabalho está indo bem—, eu perguntei a Annie quando eu deixei a cadeira reservada para mim e ela caiu no sofá.

—O trabalho duro de ensinar. Qualquer um que diga que não é cheio de merda.

—Annie! — Grace repreendeu, com um olhar significativo para Emily.

—Desculpa. Cheio de peidos.

Emily riu e Grace sacudiu a cabeça.

Qualquer um que visse Annie, Grace e eu juntos saberíamos que não éramos dos mesmos pais. Não importava, não realmente.

O amor é mais espesso que o sangue.

—Como está Titan? — Annie perguntou.

—Mamãe te contou? Nós estamos fazendo um filme. Ou, tecnicamente, a Epic nos deu um cheque para ir embora e deixá-los fazer um.

—Isso é impressionante, — Jeremy, o marido de Grace comentou.

—Isso é Lee. Ele não vai parar até que ele domine o mundo, — Grace disse com um sorriso quando pegou Emily em seus braços e sentou-se no sofá ao lado de seu marido.

Minha mãe escolheu esse momento para entrar com um prato de lanches quentes saindo do forno. —Você deveria parar de beber isso, querido.

—Quando eles adicionarem horas ao dia, eu farei isso. — Eu me virei para Annie. —Onde é esse namorado que eu continuo ouvindo?

—Você acha que eu o traria hoje à noite? Você o aterrorizaria.

—Com gentileza, — mamãe forneceu.

Eu relaxei na atmosfera. O brilho da árvore. O álbum Snoopy Christmas no fundo de um alto-falante Bluetooth que era quase tão bom quanto um bebê grand.

Pequenas tradições.

Nossas tradições.

Jogamos cartas, bebemos cidra e rimos. Algumas horas se passaram em pouco tempo.

- É véspera de Natal - insistiu Annie - você não precisa ir para casa.

—Não? Os quatro estão usando todas as camas. A menos que você queira que eu durma em cima de você.

Eu me inclinei contra a minha irmã, colocando a mão sobre o rosto dela e sorrindo enquanto ela se contorcia.

—Bom, tenha um bom sono e esteja de volta aqui às nove ou eu estou abrindo seus presentes.

—E nós estamos chamando seu pai às dez horas—, minha mãe me lembrou.

Eu comecei a descer a rua com o último presente em minhas mãos, indo para as luzes na casa seis abaixo.

A passarela tinha sido limpa e eu subi as escadas para a varanda em um único passo. O som fraco da televisão soou pela porta enquanto eu batia.

Ouvi passos e, embora o vestíbulo ficasse escuro, a porta se abriu.

Eu não a via há uma semana, mas parecia mais tempo.

O suéter cinza de malha e as leggings pretas delineavam suas curvas. Brincos de prata cintilavam à luz da cozinha. Seu cabelo escuro estava liso, caindo em seu corte afiado nos ombros.

Seu rosto suavizou quando ela me viu. —Ei. O que você está fazendo aqui?

—Quem é? —, A voz de seu pai chamou de dentro.

— *Diga que são cantores de coral* —, murmurei no meu melhor sotaque britânico.

Ela bufou. —Eu não estou representando *Love Actually* com você. — Seu olhar caiu para o pacote embrulhado e seu sorriso caiu. —O que é isso?

—É para você.

Ela deu um passo para trás para me deixar entrar, a porta se fechando atrás de mim. A casa inteira cheirava cravo e laranja.

Sam desembrulhou o pacote, seus olhos se arregalaram quando ela empurrou o papel para trás.

—Lee...

Ela pegou o interruptor de luz, piscando no alto, seus olhos nunca deixando a tela. Eu limpei minha garganta. —Max comprou. Antes do fogo. Agora é seu.

Seus olhos se encheram de emoção. —Obrigada.

—Eu sei que você vai passar por isso, mas eu pensei que poderia ajudar a ver que nem tudo foi fumaça. Isso, pelo menos, sobreviveu.

E você vai sobreviver também.

Seu olhar se elevou para o meu, e a preocupação substituiu a gratidão quando ela me levou sob as luzes. —Você está horrível.

Olhei para o meu casaco, pensando na calça de chino e caxemira por baixo. —Obrigado.

—Não, quero dizer… você tem círculos sob seus olhos. Você está doente?

Eu debati se confiava nela. —Eu puxei uma noite toda depois de saber que estamos com pouco fluxo de caixa para fazer folha de pagamento na semana que vem. Eu precisava consertar isso, e não queria incomodar o Max. Ele finalmente está recebendo algum tempo para a família.

—Você quer ficar por um tempo?

—Aqui? — Sua pergunta me pegou de surpresa. —Seu pai e eu nem sempre nos damos bem. Risca isso. Nós não *nunca nos demos* bem. Além disso, tenho que estar de volta lá... - eu peguei um dedo na direção da casa dos meus pais - pela manhã. Caso contrário, os presentes e, mais importante, a bebida desaparecerão.

Sam olhou para a pintura ainda em suas mãos. Em seguida, colocou em cima da máquina de lavar na lavanderia e pegou os botões da minha jaqueta.

Eu escovei as mãos dela em uma risada baixa. —Ok, fácil lá. Eu posso pegar meu próprio casaco. Eu pendurei em um dos pinos e saí dos meus sapatos enquanto ela assistia.

Quando terminei, Sam pegou minha mão e me puxou de volta para a sala, me apresentando aos seus avós.

—Papai, olhe o que Riley me trouxe. — Ela levantou a pintura que trouxe com ela, e quando seu pai me avaliou, não foi com hostilidade. Ele olhou entre Sam e eu, e acenou com a cabeça tão ligeiramente que era quase invisível.

Nós cinco jogamos jogos de cartas. Tive uma bebida. Demorou mais de uma hora quando estávamos sentados no sofá para observar *Elf,* rindo enquanto Will Ferrell assumia o açúcar em todas as suas formas.

Eu dei uma olhada para Sam, fascinado pela maneira como a luz brilhava em seu cabelo. O brilho nos olhos dela que parecia mais quente desde que eu tinha dado a ela essa pintura.

O volume do filme foi revelado para seus avós, que ocuparam o outro sofá. O pai de Sam estava acomodado em sua poltrona até receber uma ligação do hospital e sair da sala para atendê-lo.

Seria fácil cair no passado, e me perguntei se Sam também estava sentindo isso quando ela se enrolou ao meu lado, traçando padrões distraidamente em meu braço. Uma década atrás, teria

sido a caneta, não os dedos, e os anos e o toque - pele na pele - fizeram toda a maldita diferença.

—Você nunca poderia ficar parada—, eu murmurei. Ela congelou, como se percebesse pela primeira vez o que estava fazendo.

Ela começou a puxar para trás, mas eu balancei a cabeça. —Não pare. Isso é bom.

O acariciar retomou e seu sorriso lento me iluminou por dentro, me fez sentir como se eu tivesse dezessete anos e o mundo inteiro era nosso. —Me conte algo. Você já fez uma tatuagem?

Sam sacudiu a cabeça. —E se você.

—Eu sou mais um cara piercing.

O jeito que ela estava passando um dedo no meu pulso parou. —Eu pensei que Max era o único com um piercing.

—Eu peguei um na mesma noite. Solidariedade.

Ela virou isso em sua mente antes de perguntar: —Onde? —Em uma voz que estava cheia de curiosidade.

Meus ouvidos zumbiram com o som do filme, de sua avó proclamando em voz alta: —Por que ele está perguntando se há açúcar no xarope? Claro que há açúcar em calda. É *feito* de açúcar!

Eu afinei tudo isso. Cada centímetro de mim foi discado em Sam, seus joelhos puxados para cima entre nós e roçando o lado da minha coxa. Seu braço pressionando contra o meu. Suas bochechas,

ruborizadas sob a luz do teto e me fazendo pensar o que mais eu poderia fazer para deixá-la corar.

—Onde você acha? — Eu respondi baixinho.

A curiosidade em seu rosto se transformou em fascinação. Seus seios subiram sob o suéter enquanto ela respirava. Uma satisfação que eu não sabia que queria espalhou dentro do meu peito.

A maioria das mulheres achava que era uma novidade. Intrigante.

Eu não dava uma merda que a maioria das mulheres pensava agora.

Eu queria saber o que Sam pensava.

Se isso fez com que aqueles dedos ocupados coçassem algo para distraí-los.

Se seus olhos escureceriam se ela visse.

O pai de Sam voltou e pedi licença para ir ao banheiro, tomando um momento para me recompor enquanto olhava no espelho.

Eu parecia o mesmo de sempre. As contusões de meu nariz estavam desbotadas. As leves sardas na minha pele pálida mal eram visíveis graças à bebida que eu tinha. Meus olhos eram do mesmo azul, como um dos cobertores de lã de Tristan.

Eu não deveria estar lá, mas não pude resistir ao convite para entrar em seu mundo. Para ver como ela cuidava das pessoas que amava. Para roubar de volta alguns momentos do que tivemos e perdemos, como Peter Pan tentando retornar para Neverland.

Eu encontrei Sam na cozinha, colocando os pratos na lava-louças. Ela olhou para cima quando entrei, sua respiração pegando.

Vê-la aqui no silencioso alívio da cozinha fez com que eu fizesse algumas reminiscências das proporções de Scrooge. Mesmo que eu não pudesse mudar o que havia acontecido entre nós no passado, fui dominado pelo desejo de mudá-lo. Aqui. Agora.

Com minhas mãos e minha boca e minha...

—Eu vou sair com você—, ela murmurou.

Ela me acompanhou até a varanda, colocando as botas e uma jaqueta. —Obrigada pela pintura—, ela disse uma vez que se endireitou, virando o rosto para o meu. —É honestamente o melhor presente que alguém já me deu.

—Você merece coisas boas, Sam.

Seu olhar examinou a rua. —Onde está seu carro? Se alguém roubou, eu vou perder a minha merda. — Sua atenção pousou em mim, o alarme se fundindo em indignação que eu adorava ver.

Eu levantei um ombro debaixo do meu casaco. —Eu precisava de dinheiro. É complicado liquidar ativos durante os feriados. Os bancos estão fechados por dias.

—Espere. Você o vendeu? - ela exigiu. —Você ama esse carro.

O horror em sua voz me fez sorrir. —É só um carro, Sam. Eu amo mais o Titan.

Ela se aproximou, seus olhos procurando os meus. A sensação que estava me provocando a noite toda cresceu, se espalhou.

Havia algo entre nós e eu estava começando a pensar que seria queimado de dentro para fora se não o resolvêssemos.

Meus dedos coçavam por contato - algo, qualquer coisa - então eu os segui na neve fria no corrimão. —Sabe o que mais eu amo?

—O que?

Ela assistiu, curiosa, quando eu me aproximei...

—Ganhar. — Eu deixei cair a neve na parte de trás do suéter dela.

Ela gritou, amaldiçoando meu nome mesmo quando se recuperou, caindo de joelhos e fazendo sua própria bola de neve.

Sam era uma sobrevivente. Um adversário digno, se é que já houve um.

Eu sabia disso então como se eu soubesse agora. Ela tinha vontade de viver, capacidade de absorver a dor e difundi-la de uma maneira que eu invejei.

Nós trocamos golpes no jardim da frente. Tomando golpes, abaixando-se, ofegando, rindo e gemendo. Ela não conseguia alcançar a parte de trás do meu pescoço, mas ela encontrou meu colarinho, enfiou um punhado de neve quando eu estava inclinado a me reagrupar. Eu a peguei de volta, esmagando um pedaço de neve por cima da cabeça dela enquanto ela gritava.

Minutos ou horas depois nós cambaleamos de volta para os degraus da varanda, colapsando ao lado do outro.

Seus cílios piscaram, flocos de neve derretendo neles quando ela se virou para mim.

A respiração de Sam veio em suspiros, cada um acompanhado por um pequeno arrepio do frio.

—Trégua? — Eu ofereci.

—Trégua—, ela ofegou.

Eu me aproximei até que nossos peitos estavam quase se tocando. Eu cheirei o xampu dela, e o calor do corpo dela me deixou ansiando por senti-la.

O aviso nos olhos dela surgiu do nada. —Riley, nós

Eu cortei seus protestos com a minha boca.

Este beijo não era nada como os outros.

Na primeira vez, ela estava admitindo um segredo.

O segundo, eu queria provar que havia algo entre nós.

Este não tinha agenda, exceto como uma expressão de desejo verdadeiro e o fato que ela estava bem aqui na minha frente e eu não pude deixar de tê-la.

Meus dedos embalaram seu rosto, frio do ar de inverno quando eu levantei seu queixo para cima. Ela tinha gosto de sidra. Minha língua brincou com ela até que ela abriu, e o pequeno som que escapou quando eu tomei sua boca estava fodendo *tudo.*

Eu queria a mulher que tinha passado o inferno e saido do outro lado forte e bonita e desafiadora. Aquela que me contou seus

segredos uma vez, confiando em mim para mantê-los seguros. Aquela que veio em meu socorro quando eu não sabia como pedir ajuda.

No espaço de uma respiração, ela me beijou de volta.

A varanda, a neve, o ar fresco se dissiparam. Nenhum deles podia competir com o gosto dela, a sensação de seu arqueamento para pressionar contra mim através das camadas de roupa.

Quando ela me beijou no ensino médio, eu não tinha percebido o quanto o fechamento dela tinha me custado. Quanto eu me arrependeria disso.

Eu derramei tudo de mim neste momento. Minhas mãos passavam sob as costas de seu suéter, sua pele quente sob a umidade persistente da neve. Eu a puxei com mais força contra mim. Eu a queria quente e mais perto, sempre mais perto, para que ela não escapasse para a escuridão como da última vez.

Quando ela se afastou, sua expressão estava atordoada. Seus lábios se separaram e sem fôlego.

Satisfeito, levantei-me, sacudindo-me quando lhe ofereci a mão para puxá-la atrás de mim.

—Feliz Natal, Sam, — eu sussurrei antes de roçar meus lábios mais uma vez contra sua bochecha macia e me virar para pegar as duas escadas da varanda de uma vez.

BOCA SUJA

Natal foi um dia glorioso.

Não porque eu estivesse com a família, embora isso fosse parte disso.

Na mesa da cozinha, com Emily rindo em uma ponta, minha mãe servindo panquecas, Annie fazendo mimosas, e meu pai e Grace discutindo política no video chat, deixei minha mente vagar.

Na noite anterior na varanda de Sam, eu tinha esquecido tudo sobre o maldito carro porque sua boca estava debaixo da minha e tinha sido uma coisa linda. Nós estivemos em nosso próprio mundo, nosso calor corporal mantendo o frio.

Eu joguei fora imaginando pressionar Sam para as tábuas de madeira entortada da varanda, minhas mãos deslizando sob todas as suas roupas, e...

Eu me sacudi para fora do meu sonho, me lembrando que eu estava no meio da cozinha, cercado de família e risos e café.

Depois do café da manhã, abrimos presentes. Então Annie cedeu e chamou seu namorado - que estava visitando sua família fora do estado - em seu iPad. Dei-lhe três minutos de tempo de qualidade antes de arrancá-lo de suas mãos e comecei a fazer perguntas invasivas enquanto ela me abordou por trás. — Pegue sua própria namorada! Ou namorado! Deixe o meu em paz - grunhiu ela.

Quando o som de *Closer* por Tegan e Sara surgiu em minha mente quando estávamos em nossas segundas mimosas, meus olhos se encontraram com os de Annie.

—Qual é o seu telefone? Quem está chamando?

Eu me lancei para a mesa e ela me seguiu.

Eu tropecei em um dos brinquedos de Emily e ela chegou primeiro. Eu já estava me arrependendo do toque quando Annie atendeu ao telefone.

—Olá? — Eu estendi a mão para ela e ela segurou-a, contornando o sofá. —Com quem estou falando? —, Ela sorriu. — Oh. Sam Martinez! —Seus dedos cavaram na parte de trás do sofá perto da cabeça de Grace enquanto ela olhava para mim conscientemente. —Oi, Sam. Sim, ele está aqui. Você quer falar com ele?

Peguei o telefone dela e a sacudiu. Ela sorriu e se jogou de volta no sofá, balançando os dedos atrás de mim enquanto eu recuava para a cozinha.

—Sam. Ei.

—Era aquela Annie?

—Sim. Encantadora como sempre.

—Eu não queria interromper vocês.

—Está tudo bem, o que está acontecendo?

Eu empurrei as mangas do meu suéter, a árvore de Natal de malha que se estendia no meu peito. Minhas irmãs e eu tive uma competição de corrida para encontrar a roupa de férias mais hedionda.

—Eu estava pensando sobre o que você disse sobre não fazer folha de pagamento para Titan. Eu tive uma ideia. E se fizéssemos um leilão? —Sua voz borbulhou de excitação enquanto eu tentava acompanhar.

—Como um leilão de solteiros?

—Não! Um leilão de arte. Eu tenho os esboços que não enviamos a Epic para *Phoenix.* Os desenhos a lápis que foram os protótipos.

—Sam, isso é genial. As pessoas adoram coisas colecionáveis. —Isso não resolveria todos os nossos problemas de fluxo de caixa, mas foi uma ótima ideia reunir apoio para o filme e construir algum tipo de campanha publicitária. —Existem algumas plataformas que poderíamos usar para carregar. Eles fazem financiamento colaborativo e leilões e coisas assim. Eu poderia enviar a ideia a nossa gerente de marketing. Ela vai acabar com isso quando voltar para trabalhar na próxima semana.

—Então, o que você vai dirigir a semana toda?

Sua consideração teve meu peito apertando enquanto eu sorria. —Eu não sei, baby. Vou alugar uma Kia.

Eu a ouvi respirar no telefone por um momento antes de responder. —Não. Venha amanhã. Podemos postar os desenhos

então. Talvez, se eles se saírem bem, você consiga seu carro de volta mais cedo.

O fato de Sam ter pensado sobre isso, preocupada com isso, me tocou.

—Claro—, eu disse finalmente. —Parece bom.

Levantei-me da cadeira, atravessando para a cozinha para servir um uísque. Muito melhor que as mimosas, mas não gostava de magoar os sentimentos de Annie. —Quanto tempo seus avós estão aqui?

—Até amanhã. Meu pai os leva para o aeroporto. Ele provavelmente vai esperar com eles até o voo deles.

Eu balancei a cabeça, tomando um gole da minha bebida. —Foi divertido sair com eles na noite passada.

—Sim. Ontem à noite. — Sua voz caiu como se ela não quisesse ser ouvida.

Eu encontrei um par de chinelos pela porta da cozinha e entrei neles, olhando por cima do ombro antes de girar a manivela o mais silenciosamente que pude e saí. O sol brilhante refletia a neve no nosso quintal, me cegando enquanto eu fechava a porta atrás de mim.

—Falando nisso—, eu comecei, —foi um beijo, Sam.

O frio levantou os cabelos dos meus braços e pernas, mas não foi suficiente para pôr fim ao desejo que eu estava sentindo.

—Sim—, ela disse finalmente. —Isso foi.

—Se você soubesse o que estava passando pela minha cabeça ontem à noite quando cheguei em casa...

—Conte-me.

Eu não sei o que virou mais eu, o fato de que ela queria saber ou que ela me disse naquela voz que estava um pouco ofegante e muito exigente.

Eu posso falar sujo com o melhor deles, mas agora, meu cérebro se sentiu superestimulado, incapaz de pensar ou processar.

—Eu quero provocar você. Até que você esteja me implorando para te levar. Onde eu quiser.

Quando ouvi a respiração dela tremendo, me empolgou ainda mais. Eu não era eu mesmo, mas não conseguia parar de interpretar isso. Eu estava algemado, e a única arma à minha disposição contra essa bagunça era a mesma que me colocara nisso: esse desejo insaciável que surgira do nada. Isso estava me levando um pouco mais a cada dia.

—Eu quero te tocar. Eu quero deslizar meus dedos dentro de você, para encher você comigo e observar seus olhos quando eu faço isso. Então você sabe que eu sou o único responsável por tudo que você sente. E eu sei exatamente como é bom. — O prazer percorreu-me e algo mais sombrio e desconhecido. Eu podia sentir sua excitação pelo telefone como uma coisa viva.

Quando ela falou, sua voz soou como se tivesse sido raspada por uma lixa. —Eu não sabia que você tinha uma boca tão suja, Lee.

—Eu adoraria *te* foder com isso, Sam.

Um barulho escapou de sua garganta e eu queria o inferno que ela estivesse aqui para que eu pudesse pressioná-la contra a porta, beijá-la até que estivéssemos ambos tontos e ela se contorcendo contra mim. Eu poderia provar sua boca, cheirar seu xampu.

Sentir o quão apertada ela estava perto de mim.

Um cachorro latiu - os vizinhos - e eu pulei.

Eu precisava parar antes de começar a bater no tapume.

—Sam?

—Sim?

—Vamos colocar essas fotos on-line amanhã.

Ela soltou um suspiro lento. —OK. Vou mandar uma mensagem quando meu pai sair.

Eu me deixei entrar, chutando meus chinelos e tomando o resto do uísque entrando na sala de estar apenas para perceber que todos estavam olhando para mim.

—Você estava fazendo sexo por telefone com Sam Martinez por aí? — perguntou Annie, enquanto eu pegava minha mimosa na mesa de café.

Eu me endireitei. —Ouviste-me?

—NÃO! Oh Deus, foi uma piada! — Ela gritou.

Eu caí na poltrona vazia, sem me incomodar em parecer arrependido. Grace bufou enquanto Emily alegremente brincava

com os blocos no chão. Minha mãe sorriu e Jeremy sacudiu a cabeça, voltando a ler o jornal.

19

ME CONHEÇA

EU não conseguia lembrar vinte e quatro horas passando tão devagar. Normalmente, o feriado passava, mas, neste ano, trocar desejos com vizinhos e responder a e-mails nunca foi tão doloroso.

Eu acabei de terminar o treino no ginásio de escalada - felizmente aberto por algumas horas no Boxing Day - quando o texto de Sam apareceu.

Sam: Você está por perto? Quer trabalhar nesse leilão?

Riley: sim

Isso foi uma mentira.

Eu queria encontrá-la, tirar todas as roupas que estavam entre nós e me perder nela até que não conseguisse me lembrar do meu aniversário ou número de seguridade social.

Eu peguei um Uber do outro lado da cidade, meus dedos tamborilando um ritmo impaciente contra a maçaneta da porta.

Eu pulei para fora do carro, o ar frio picando minha garganta enquanto eu respirava fundo. O quintal parecia o mesmo de quando éramos crianças. Alguns arbustos, nus para o inverno. Grama murcha.

Eu debati brevemente qual porta usar. Decidi usar as de trás.

Desta vez eu bati.

Os segundos passavam.

Eu olhei para a gravura de gelo padrões no vidro da porta de tela.

Finalmente, abriu e eu olhei para cima.

—Oi.

—Oi.

O cabelo de Sam caiu em ondas ao redor do rosto dela, e eu me perguntei se ela tinha feito algo diferente disso. Seu rosto estava corado e esperançoso e um pouco culpado.

Ela era um anjo.

Um que eu pretendia corromper completamente.

Seu suéter verde deslizou baixo sobre um ombro nu. Sob isso, ela usava shorts. Eu queria repreendê-la por ter as pernas nuas na porta fria e gelada.

Ou fode-la até que ela estivesse quente em todos os lugares.

Ela deu um passo para trás e eu entrei na cozinha, a porta batendo atrás de mim.

A música tocando ao fundo estava animada. Algo indie. Definitivamente não é devagar.

Eu não poderia ter me importado menos.

Eu queria dizer a ela que eu estive pensando nela a semana toda. Que eu passei uma hora na noite passada negociando comigo mesmo se eu iria sair na memória dela, ou esperar pela coisa real.

No final, eu resisti. Quero dizer, eu não estava transando com Sam há mais de uma década. Eu fiquei muito bom nisso.

Eu chutei minhas botas. Tirou minha jaqueta, colocando-a na mesa da cozinha.

—Assim. Você quer olhar para o leilão? Eu inventei arquivos digitais das imagens.

Não.

—Certo.

Levou cada grama de controle em mim para me abaixar na cadeira ao lado dela quando ela abriu o iPad.

O rubor das bochechas dela era o rosa mais perfeito. A ascensão e queda de seus seios sob o suéter fino era hipnótico. Eu poderia ter assistido todo dia maldito.

Eu tentei respirar pela minha boca para não ter que lidar com o cheiro de seu xampu tomando conta do meu cérebro.

—É isso? —, ela perguntou uma vez que nós escrevemos uma descrição, inserimos fotos dos desenhos e enviamos o link nas redes sociais.

—Sim. Nós definimos o leilão para ser executado até o Ano Novo. Nossa gerente de marketing fará o check-in hoje e ela poderá cuidar de promovê-lo. Mas o fato de que eu enviei da conta de Titã significa que já terá muitos olhos.

—Isso é ótimo.

—Sam, obrigado por fazer isso. Mas para o registro, você entende que eu não estou sem dinheiro, certo? Se eu quiser um carro novo, posso pagar por isso. Preciso ligar para o meu investidor e não quero incomodá-lo no Havaí esta semana.

Sua boca se contraiu. —Sim, eu entendo isso.

—Só queria esclarecer isso.

Ela assentiu com a cabeça, os dedos correndo sobre a borda da mesa. —Meu pai está levando meus avós para o aeroporto. Ele vai embora por algumas horas. — Ela se levantou e se virou. —Você está com sede? Eu posso fazer café. Ou chá.

—Eu estou bem.

Necessidade enrolada no meu intestino, a força total disso me batendo agora que nós tínhamos acabado com a distração de trabalhar.

Eu cruzei para ficar atrás ela, ouvindo-a se agitando com gavetas e jarros.

—Está com fome? Há sobras e…

—Sim. Eu definitivamente estou com fome.

Ela parou ao som da minha voz em suas costas, girando. Ela olhou para mim debaixo de uma cortina de cílios escuros, sua respiração engatando.

Eu me aproximei, minhas pálpebras descendo pela metade enquanto eu a respirava. Eu escovei um pedaço de cabelo sobre sua orelha, colocando-o de volta.

Fazia semanas desde que eu a encontrei na galeria, mas senti que sempre tive essa necessidade. Era parte de mim, uma frequência baixa que vibrava através do meu núcleo que eu não podia ignorar ou negar.

Eu apoiei Sam no balcão, recompensado pela fricção de seus quadris contra os meus quando sua bunda encontrou a borda.

—Jesus, Lee—, ela murmurou, um meio sorriso brincando em seus lábios. —Quando você ficou tão quente?

Eu sorri abertamente. —Eu estava sempre quente para você, Sam.

Seus dedos alcançaram a atração pelo meu suéter. Ela puxou para baixo, seu olhar nunca deixando o meu. O zíper cedeu, suas mãos pousaram no meu peito através da minha camiseta. Ela empurrou o suéter, e nenhum de nós pegou quando caiu no chão.

Sentia-se proibido e tão maldito imediatamente quando eu estendi a mão para ela, desesperado para sentir o máximo daquela pele lisa que eu poderia colocar minhas mãos. Minhas mãos

deslizaram por seus lados sob o suéter, meus polegares roçando a parte inferior de seus seios. Senti sua inspiração em todos os lugares e foi como se ela estivesse respirando dentro de mim, em nós, quando minha boca caiu para a dela.

Foi foda irreal. O jeito que a boca dela derreteu sob a minha, do jeito que eu poderia fazê-la gemer apenas passando meus dentes pelo lábio inferior.

Suas mãos encontraram a parte de trás da minha camiseta e o som impaciente em sua garganta me fez puxar para trás o tempo suficiente para ela empurrar para cima sobre a minha cabeça.

Ficou na minha cabeça, a diferença em nossas alturas mais óbvia do que nunca. Eu me abaixei para que ela pudesse puxar o tecido para longe do meu corpo.

Então suas mãos estavam em mim. Explorando meu peito nu, fazendo meus músculos pularem sob seu toque enquanto eu gemia contra sua boca.

—Foda-se, é bom ter sua atenção.

—Você sempre teve isso. Desde o primeiro dia. — Suas palavras baixas correram juntas, uma se misturando com a próxima. —Você parecia que não sabia o que queria da vida, mas ia descobrir se isso te matou.

Suas *palavras* estavam me matando. Quando seus dedos flertaram com o cós do meu jeans, eu rosnei. —Andar de cima.

Se ela fosse me deixar fazer isso - o que ainda era uma interrogação, porque tudo o que fizemos foi beijar - eu não queria fazer isso na mesa da cozinha.

Exceto que eu realmente fodi, e se ela olhasse para mim como se estivesse por mais cinco segundos, seria o fim do jogo.

Eu a peguei em meus braços e ela gritou quando eu comecei a subir as escadas. —O que você está fazendo?

—Relaxe. Eu tenho você. — Suas mãos agarraram meu pescoço. A risada que ressoou através de mim fez seu suéter macio esfregar contra o meu peito nu, lembrando-me que ela ainda estava com muitas roupas.

No andar de cima, eu a coloquei no meio do chão do quarto dela. Nós estávamos cercados pela mesma cor de tinta de uma década atrás, suas telas no chão e sua cama arrumada no canto.

Eu tirei o suéter por cima de sua cabeça, deixando meu olhar descer pelo seu corpo seminu.

Sua pele era foda luminosa. Seus seios pequenos e altos, suas pontas endurecendo no ar frio. Ela era toda mulher, um convite que eu não podia esperar para aceitar.

Eu queria parar o tempo. Para memorizar cada parte dela, caso eu nunca mais visse.

Para documentar cada centímetro, faça uma referência cruzada contra cada escova inocente e não tão inocente, toque, cócegas e agarre.

Mas mais do que tudo, eu queria *mostrar a* ela.

Eu a apoiei contra a parede. Sua boca se levantou, procurando a minha, e usei minha altura para negá-la.

Eu torci meus dedos nos dela, e em uma corrida de possessividade, prendi-os acima de sua cabeça. O barulho de protesto de Sam era sombriamente satisfatório.

Ela era toda a pele macia e curvas que eu poderia me perder. E o jeito que ela respondeu ao meu toque... o jeito que ela arqueou contra mim como se precisasse se aproximar, seus pulsos tentando meio que escapar...

Eu passei a mão pelo seu pescoço, sua clavícula. Sobre a curva de seu peito, sentindo o peso perfeito dela antes de traçar ao longo do fundo.

Eu rolei seu mamilo, já duro, entre os meus dedos. Sam se arqueou no contato e eu gemi em aprovação. —Boa menina.

Meu pau já estava esticado contra o tecido quando eu deixei cair a minha boca para o topo de seu peito, o pico duro implorando por minha atenção.

—Oh meu *Deus,* Lee...

Cada sílaba pulsava com necessidade e eu mudei para o outro seio, arrastando meus dentes levemente ao longo da parte de baixo antes de voltar minha atenção para o pico endurecido.

Os dedos de Sam estavam enroscando no meu cabelo, puxando com impaciência.

Eu tracei a curva de seu estômago, a pele lisa desaparecendo em seu short. Meu dedo engatou no topo, e eu lentamente os puxei

para baixo sobre seus quadris enquanto minha boca se fixava em seu pescoço. —Eu amo o seu gosto—, eu murmurei contra sua pele.

Ela se contorceu, criando uma fricção impossível entre nós. Eu soltei um suspiro quando ela bateu no meu pau.

Meus dedos deslizaram para baixo, encontrando o ponto entre suas coxas sobre o algodão de sua calcinha. Um pequeno suspiro torturado escapou de sua garganta.

Eu queria parar o tempo, ela quase nua e se contorcendo contra mim enquanto meus dedos a esfregavam, a crescente umidade entre nós, evidência do quanto ela queria isso.

Foi preciso todo o autocontrole para não desfazer quando deslizei meu dedo sob a borda do algodão e pressionei a junta profunda dentro de seu calor sedoso.

Seu gemido e a sensação dela me deixaram duro como rocha.

—Está tudo bem—, eu murmurei contra o pescoço dela. Eu não sabia se estava dizendo a ela ou a mim mesmo.

Havia um milhão de maneiras que eu queria afundar nela, mil ângulos. Eu queria passar meu tempo com ela, salvar cada segundo para a memória.

Mas o tilintar dos meus quadris me fez perceber que ela encontrou o caminho para o meu cinto. O botão no meu jeans também.

Eu mantive a pressão, acariciando com meus dedos enquanto meu polegar deslizou sobre seu clitóris.

—Oh, foda-se. — Sua mão tremeu apenas um segundo quando ela empurrou minhas calças e shorts.

Foi a vez dela de assumir o controle. Ela fez isso sem qualquer força e músculo, mesmo sem qualquer toque.

Seu olhar caiu entre nós, seu olhar faminto quando ela limpou a garganta.

—Eu não posso acreditar que eu nunca soube. — Acusação misturada com luxúria em sua voz.

—E agora que você faz?

—É a coisa mais quente que eu já vi.

Levou tudo que eu tinha para não pressioná-la contra a parede, para entrar nela e abaixá-la até que nós dois explodimos.

Ela escovou um dedo experimentalmente sobre a barra. Eu estremeci. —Isso é bom?

—Sim. — Eu já estava vazando, e seu olhar fascinado escureceu.

Ela deslizou o polegar sobre a minha coroa lisa e eu pressionei outro dedo dentro dela, fazendo-a ofegar. —Eu quero te dizer uma coisa—, ela murmurou.

—Faça.

—Depois que você saia do meu quarto à noite—, ela engoliu, seu olhar semicerrado no meu, —eu te cheirava aquele travesseiro

que você costumava deitar. Eu gozaria e imaginaria que era com você.

Sangue bateu em mim, em todos os lugares. Minha cabeça, meu peito, meu pau.

A sensação de suas mãos frias em mim, juntamente com o torno quente e apertado em torno dos meus dedos estava me deixando louco.

—Mesmo depois que você me mandou embora...

—Sam, eu não te afastei. Eu estava fodidamente apaixonado por você.

Ela piscou para mim, com as mãos paradas. —O que?

Eu engoli em seco, meu coração batendo em meus ouvidos enquanto o coquetel de necessidade continuava a comer em mim.

—Eu sei que isso não muda nada agora, mas é verdade.

Ela levantou-se na ponta dos pés, envolvendo um braço em volta do meu pescoço e puxando-me para ela. Sua outra mão retomou sua tortura, fazendo-me cair em seu aperto.

Em um gemido, eu puxei meus dedos de volta, usando as duas mãos para inclinar seus quadris, pressionando-a contra a parede.

Meu abdômen tremeu com o esforço de me segurar. —Sam, devagar.

—Riley, apresse-se. — Seus dentes encontraram minha orelha, e meus olhos rolaram de volta na minha cabeça.

Jesus. Como diabos ela sabia do que eu gostava?

—Bolso—, eu murmurei enquanto rasguei sua calcinha para baixo sobre seus quadris.

Ela chegou dentro, encontrando um pacote embrulhado em papel alumínio. Ela o rasgou com as mãos trêmulas, depois rolou em cima de mim.

Havia um milhão de coisas que eu deveria ter feito naquele momento.

Dizer a ela como ela era linda.

Leva-la para a cama.

Fazer com que ela viesse com minhas mãos, minha boca.

Porque eu sou um cara bom, e é isso que os bons fazem.

Em vez disso, prendi seus pulsos na parede. Mantive-a firme, mesmo enquanto seus quadris criavam um atrito agonizante contra o meu.

Seu rosto estava vermelho, olhos quentes enquanto ela se contorcia em meu aperto. —Eu não estou indo a lugar nenhum.

Isso me lembrou das palavras que ela disse anos atrás.

—Não. Você não é.

Desta vez, você não é.

Eu pressionei a cabeça do meu pau inchado contra ela, e seu sorriso vacilou.

Então eu empurrei dentro dela, engolindo seu choro com minha boca.

Eu precisava que ela me levasse. Para me sentir.

Para me *conhecer.*

Prazer desceu pela minha espinha, se estabeleceu na minha virilha enquanto eu esperava que ela se ajustasse.

No segundo em que seu barulho apertado se transformou em um gemido, eu engatei suas pernas ao redor dos meus quadris novamente, levantando-a mais alto para encontrar um ângulo que eu sabia por instinto que estava lá.

Algumas pessoas juram fazer sexo. Sexo irritado.

O arrependimento do sexo bateu cada um deles.

Eu acariciei mais profundo, encontrando um ritmo no arrastar pesado de seu corpo contra o meu. Nossos narizes se chocaram e a menor dor começou quando ela me bateu. Minha inspiração aguda me inundou com hortelã e suor.

Eu estava cego, mas os barulhos de Sam eram meus indicadores. Eu persegui o sentimento que nós dois precisávamos, agarrando sua bunda, meus bíceps apertando quando eu a movi para cima.

—Estou perto—, ela ofegou.

—Continue. — Eu escovei minha boca sobre a dela antes de baixar a cabeça para morder o topo de seu peito. Seus dedos

cavaram em meus ombros e eu não me importei. Eu queria marcá-la. Se ela me marcou também...

Isso foi *perfeito* pra caralho.

—Lee. — Nossos lábios roçaram quando ela me implorou com sua voz, sua expressão, a pressão insistente de seus dedos no meu lado.

Algo tinha que dar. No momento, a mulher mais forte que eu conhecia era o elo mais fraco de uma corrente que tínhamos tecido, começando uma década atrás.

Ela apertou em torno de mim e eu soube o segundo antes de acontecer.

Eu tinha um lugar na primeira fila para a coisa mais linda que já testemunhei. Cada músculo tenso, cada curva lenta, cada vislumbre de sua pele escorregadia de suor torcia a necessidade de meu intestino apertado. Eu queria foder cada centímetro dela com cada centímetro de mim.

E quando eu a segui até... inferno, eu estava perdido.

20

ARRUINÁ-LO

Meus braços embrulhados ao redor dela enquanto nos deitamos de lado no carpete. A experiência foi como estar na beira de um penhasco, olhando para o vazio abaixo.

Seu coração, correndo contra o meu, começou a diminuir.

E notei os detalhes que escaparam antes.

Como seus quadris se encaixavam tão bem contra mim.

O jeito que meu braço enrolou ao redor dela, meus dedos brincando com as bordas de seu cabelo.

Eu nunca tive esse —deveríamos ter feito isso? — Momento após sexo. Eu durmo com mulheres que estou namorando. É uma progressão adulta e civilizada, da atração mútua ao respeito mútuo por tudo o que vem depois.

Isso parecia... diferente.

Mas eu não estava pronto para olhar muito de perto.

Sam levantou a cabeça, os cílios escuros piscando quando ela levantou os olhos para os meus. —Ei.

—Hey. — A palavra ficou na minha garganta.

Sua atenção caiu para o meu braço enquanto ela traçava meu bíceps com o dedo. Até o meu cotovelo, a cicatriz que ainda estava lá depois de quase três décadas.

Então ela se mudou para o meu peitoral, depois abaixou para minha caixa torácica. Persistente em uma marca branca pálida no meu abs. —O que é isso?

Eu hesitei. Quando as mulheres perguntavam sobre as marcas no meu corpo, eu sempre a apagava. Disse que eles eram de praticar esportes.

Se era a sensação de calma me lavando, ou o fato de que era Sam perguntando, eu não queria mentir.

—Faca de cozinha. Alguém deixou no balcão e eu estava brincando com ele. Ele escorregou.

—Antes…

—Sim. — Eu a virei e sua respiração engatou quando suas costas bateram no tapete. Meu bíceps flexionou quando me abaixei sobre ela. —Não é sobre o que eu quero falar.

Seus dedos se fecharam em volta dos meus braços, me puxando para mais perto enquanto eu deixava beijos no seu pescoço. —Você sempre consegue o seu caminho?

—Normalmente. — Eu recuei, o protesto em seu rosto descontroladamente satisfatório quando me levantei.

Eu fui ao banheiro e voltei com uma toalha. Eu me movi para baixo do corpo dela, parando por cima dos quadris para olhar para cima. —Espalhe-as.

—Você não está fazendo isso—, disse ela, pegando o pano.

Eu empurrei a mão dela. —Eu quero uma tela limpa para a minha obra-prima.

Sam soltou uma risada. Em seu momento de fraqueza, consegui separar suas coxas.

A água fria a fez sugar o ar, mas eu segurei ela para baixo. —Essa é a minha menina—, eu murmurei.

Eu joguei o pano para o lado e inclinei minha boca para beijar suas coxas lisas. Ela ainda estava sob minhas mãos, minha boca.

—Você está perdendo a tela—, ela respirou.

—Tenha um pouco de fé.

Eu amava cada centímetro de seu corpo, das mãos que ela usou para me tirar fotos na escola, para o pulso que ela machucou mergulhando do barco do tio de Max, para a extensão suave de estômago que costumava tremer de rir quando eu fazia cócegas nela.

Mas definitivamente havia algo a ser dito sobre esses novos lugares.

Meu olhar ganancioso permaneceu em suas dobras cor-de-rosa. A visão dela, o maldito cheiro tinha a tensão no meu intestino dando um nó apertado.

Eu sabia que sexo com Sam seria bom.

Eu não esperava me sentir tão levado, tão desesperado.

Porra, as coisas que eu queria fazer com ela.

Eu tracei um dedo até o interior de sua coxa, pegando um pouco da umidade e deslizando sobre seu clitóris.

As mãos de Sam cerraram meu cabelo enquanto ela se arqueava no chão, tentando dirigir minha boca em direção ao seu centro.

—Me diga o que você quer.

Sam nunca usou palavras quando as ações funcionavam. Mas agora eu as queria. Eu queria que ela me dissesse exatamente o que ela precisava de mim.

Ela mordeu o lábio e pressionei mais forte no botão. Sua voz rouca parecia ter sido arrancada quando ela disse: —Eu quero sua boca em mim.

Eu me mexi de joelhos. Espiou seu corpo nu e corado.

Eu lambi o gosto dela dos meus dedos, observando seus olhos nublarem quando eu fiz isso. Ela se mexeu nos cotovelos, os seios cheios e tentadores e polegadas dos meus lábios.

Coloquei um braço sobre seu estômago trêmulo para segurá-la e encontrei seu olhar de desejo com o meu. —Sam?

—Sim?

—Eu vou arruinar você.

Eu coloquei minha boca nela e ela gritou.

Ela tinha gosto de mel e mulher, e se eu já não tivesse querido devorá-la, eu teria agora.

Parte de mim queria poder comer seus sons. O resto de mim amou ouvi-la, assim mesmo. O efeito que meus dedos, minha língua tinha em seu corpo.

Seu telefone tocou de algum lugar distante e seus olhos assustados encontraram os meus.

—Você não está atendendo isso.

Voltei minha atenção para o corpo dela, traçando padrões em sua pele enquanto suas coxas se apertavam embaixo de mim.

O telefone terminou de tocar. Eu mal tive um segundo para apreciar o silêncio, cortado por ela gemendo, quando o telefone começou de novo.

Sam soltou um gemido frustrado, mudando para sentar. Preocupação guerreou com desejo em sua expressão. — Provavelmente é meu pai. Não se mova.

Sentindo-me como um santo, deixei-a sair de debaixo de mim. Sam pegou uma toalha e envolveu-a quando ela saiu correndo pela porta e desceu as escadas para a cozinha, onde tinha deixado o telefone.

Eu deixei cair de volta aos meus cotovelos e minha cabeça cair para trás.

Se alguma parte de mim pensasse que as coisas ficariam mais simples depois que eu explodisse com ela, isso não acontecera. A

primeira rodada foi embora, mas ainda havia uma longa lista de coisas que eu queria fazer com essa mulher.

Bem. Nossa história foi profunda. Era compreensível que resolvê-lo seria um pouco complicado.

Uma dúzia de visões correu pela minha mente, maneiras que eu queria tê-la...

No chão, as costas dela arqueando para fora do tapete quando minha língua a fez gozar.

Na cama, ela em seu estômago enquanto eu a enchia com meu pênis dolorido, gemidos abafados pelo travesseiro.

No chuveiro, seu corpo escorregadio com sabão e nós dois escorregadios com a luxúria.

Eu ouvi a voz dela, mas não consegui entender as palavras.

Os pés dela na escada precedeu o resto dela. Ela apareceu na porta alguns momentos depois. —Ele está a caminho de casa.

Foi preciso um esforço gigantesco de autocontrole para não fechar a porta, trancá-la e arrastar Sam para a cama ao alcance do braço.

Em vez disso, eu me empurrei para ficar em pé, obtendo alguma validação da forma como seu olhar seguiu meu movimento.

Nós nos vestimos e corremos pelas escadas até a cozinha.

—Estamos pegando de onde paramos lá em cima—, eu disse a ela quando paramos pela porta dos fundos. Seus olhos escureceram

e eu escovei uma mecha de cabelo do rosto dela. —Amanhã. Eu tenho uma casa na cidade.

—Deus, você é romântico. Essa é a sua linha de flerte? —Eu tenho uma casa de cidade—?

Eu olhei para ela. —Está na Comunidade.

—Oh. Nesse caso. — Sam revirou os olhos, mas eu não estava pronto para deixar ir.

—Você quer romance, Sam? — Eu perguntei, surpreso. Nós não falamos sobre a confissão que eu deixei escapar, mas percebi que as palavras tinham feito algo para ela.

O sorriso sumiu. —Não. Eu não.

Eu comecei a fechar. Suas mãos encontraram meu peito, empurrando para longe, mas eu insisti.

—Mas você quer isso. — Eu não esperei por ela responder antes de minha boca reivindicar a dela, triunfante quando ela cedeu e seus dedos finalmente torceram na minha camisa.

Negócios inacabados. Se alguma coisa a necessidade queimava mais quente, mais brilhante dentro de mim agora que eu tinha um gosto dela.

Nós dois estávamos respirando com dificuldade quando me afastei.

—Isso é o que eu pensei—, eu murmurei, satisfação me enchendo. —Eu te ligo amanhã.

21

A CHAMADA CERTA

—EU espero que todos tenham tido umas férias relaxantes. —Comecei ocupando um lugar na sala de conferências na manhã seguinte para a reunião da nossa equipe.

Quando a porta se abriu e Max entrou, mudando para uma cadeira vazia, a tagarelice acabou.

Desde que Tristan tinha nascido, nos estabelecemos em um ritmo no trabalho. Eu estava tomando uma mão mais apertada do que os codificadores estavam acostumados, mas parecia estar ajudando. Houve menos derrapagem nos cronogramas e estávamos inventando tempo.

—Eu ia fazer uma atualização sobre *Omega* —, eu disse a ele. —Mas desde que você está aqui, se você quiser fazer as honras...

Ele lançou em uma discussão rápida que soaria como uma língua estrangeira para a maioria das pessoas.

Quando terminou, os desenvolvedores começaram a se levantar de seus assentos.

Eu levantei a mão. —Mais uma atualização em *Phoenix.* Como mencionei no meu e-mail esta manhã—, comecei, —a Epic garantiu um diretor. Em seguida, eles vão para o casting. Eu estarei

coordenando com a equipe deles para garantir que Titan tire o máximo proveito desse filme. Alguma pergunta?

Todos perguntaram de uma só vez.

Eu respondi o que pude, adiei o que não pude. Depois das primeiras cinco ou seis perguntas, Max assentiu.

—É tudo por agora. De volta ao trabalho.

Quando a equipe saiu, eu levantei uma sobrancelha para Max.

—Temos um jogo para terminar—, disse ele a título de explicação. —Eu não vejo onde isso nos deixa, distraindo as pessoas com esse filme.

—É bom ver você também—, eu ofereci. —Teve uma boa visita com seus pais?

Ele me lançou um olhar. —Tristan foi realmente uma diversão bem-vinda. Eles passaram quatro dias sonhando com ele.

—Deixá-lo para fugir ao fundo—, eu terminei. —Vamos. Deve ter sido bom ver sua família.

—Tudo bem. Agora estou feliz que eles tenham ido e eu possa voltar a focar no jogo. Assim como esses caras precisam se concentrar no jogo, — ele disse intencionalmente, acenando para a cova além das paredes de vidro.

Eu levantei meu notebook, colocando-o debaixo do meu braço. —Max. Você não pode culpá-los por ficar animado. Além disso, isso faz parte do nosso negócio agora. Precisamos explorar

mais dessas opções, e não menos, se quisermos compensar os custos desse desenvolvimento.

Não havia ninguém com melhor visão de um jogo, não melhor codificador, que Max Donovan. Em seu mundo, ele era o rei.

Mas até mesmo o rei mais forte poderia ser tomado se não olhasse para além de suas paredes.

Meu amigo pegou a porta de vidro, a mão dele parou no cabo. —Se você quiser afundar o tempo no filme, faça funcionar para nós... essa é a sua ligação. Mas eu preciso que esses caras se concentrem neste jogo.

Eu assisti ele sair, me perguntando o que o o inferno tinha entrado nele.

—Eu sei que eu disse que você poderia vir hoje à noite. Mas a oferta melhorou.

—Isso é possível? Eu nem sequer fiz uma contra-oferta. A voz de Sam ao telefone me fez sorrir.

—Isso é o quão bom eu sou. — Antecipação zumbiu através de mim. —Eu estou indo para Hollywood. Amanhã. Venha comigo.

—O que?

—Por dois dias. Necessidades épicas de alguns papéis assinados, e eu quero checar o filme. Então me ofereci para fazer pessoalmente.

—Riley, não acho que seja uma boa ideia. A documentação do seguro finalmente foi aprovada e eu quero deixar tudo para trás. Mas agora eu não tenho quase nada para vender. Tudo foi para o show da galeria. Eu preciso me concentrar em fazer arte.

Suspirei. —Eu não queria ter que fazer isso, mas o nosso contato na Epic também prometeu dois passes para o primeiro *Ninja.* Véspera de Ano Novo em LA, Sam. Eu cuidarei dos voos.

—Riley...

—Vamos. As pessoas em Los Angeles amam sua arte também. Eles estão fazendo um filme baseado nela. E você não está um pouco intrigada com o *Phoenix?*

—O outro dia foi... inesperado—, ela disse em um suspiro, —mas o que estamos realmente fazendo aqui?

Eu podia ouvi-la fechando-me abaixo.

—Você está pensando demais—, eu disse imediatamente.

—Eu estou?

—Eu não estou pedindo nada a não ser um fim de semana.

—Então por que você está empurrando isso?

Por que eu estava?

Havia muitas coisas que eu poderia dizer em resposta a sua pergunta. Que eu queria mostrar a ela LA. Que eu queria me perder nela até ficarmos doentes um do outro. Que eu queria fugir da

realidade e não havia melhor maneira de fazê-lo do que com ela ao meu lado.

O sexo sempre foi uma distração divertida, um privilégio de qualquer relacionamento.

Isso foi diferente. Em parte, porque não estávamos em um relacionamento. Mas mais do que isso, eu disse a mim mesmo que era porque eu esperei uma dúzia de anos por isso.

—Porque se eu for para Los Angeles, você estará a um milhão de milhas de distância. E tudo o que vou pensar é você.

O silêncio veio abaixo da linha.

—Estou saindo de manhã. Haverá um bilhete com o seu nome. Pense nisso.

22

IMPRUDENTE

— EU perguntei: o carro está ligado?

Não consigo ouvir nada.

—Está ligado. Você está dirigindo. Estamos descendo a estrada.

Eu sorri para Sam, sentada à minha frente no Tesla que eu aluguei no LAX. —Você não pode sentir isso? Este lugar é cheio de possibilidades. Você tem alguma ideia de quantos filmes foram filmados dentro de vinte milhas de exatamente onde estamos? É alucinante.

—E você quer fazer parte disso.

—Sim. É aqui que a mágica acontece, Sam. É onde os sonhos ganham vida.

—Há dez anos estávamos assistindo filmes no teatro barato. Agora você está fazendo um.

—Eu sou meio que um grande tiro.

O riso de Sam me fez querer atacar ela, fazer cócegas nela e eventualmente transar com ela até ela admitir que eu era, na verdade, um deus.

—Então você vai ao estúdio esta tarde?

—Amanhã. David prometeu me dar uma atualização. Mas ele insinuou que estavam cortejando alguém pela liderança. Esperei uma batida. —Jane Casey.

Os olhos de Sam se arregalaram. —A sério? Ela não faz filmes de ação.

—Eu também fiquei surpreso. — olhei para encontrar Sam perdida em pensamentos. —O que é?

—Ela seria perfeita. Você viu o filme dela há dois anos? Não o de distribuição ampla, o indie. Foi indicado para prêmios e Cannes e TIFF.

Eu levantei uma sobrancelha. —Olá, fã de festivais.

—Muitas das melhores histórias são de baixo orçamento. Eles não são os blockbusters, eles nunca serão feitos em 3D.

—Mas eles poderiam ser— Eu insisto. —Essas são as histórias que as pessoas precisam ver.

—O dinheiro está em filmes como o Phoenix. Onde há mais no CGI do que em atores e escritores. As pessoas com as histórias mais atraentes para contar são geralmente as que não têm dinheiro para contar.

—Isso não é justo—, argumentei. —O que mais amamos nos filmes de super-heróis não é a super parte. É a parte do herói. Todos os dias pessoas que já enfrentou coisas extraordinárias. Às vezes os estúdios perdem a visão disso. Mas Jane Casey pode ajudar a garantir que isso não aconteça com a Phoenix.

O oceano passou voando enquanto subíamos a costa em direção ao hotel, e eu zumbi pela minha janela, gritando na brisa. O calor, a energia, o sol... tudo se juntou como uma orgia de possibilidades.

O hotel foi um estilo Renascença com vista para o mar. Eu coloquei o carro no estacionamento e deslizei para fora do banco do motorista, entregando as chaves ao manobrista enquanto seguíamos para o saguão do hotel para fazer o check-in.

Sam entrou na nossa suíte primeiro, esticando o pescoço para olhar ao redor da sala com teto alto. As portas duplas se abriram em um foyer e sala de estar maciços. Ela virou à esquerda para o quarto e eu a segui quando o mensageiro entregou nossas malas.

Ela desabou na cama de dossel e eu coloquei minha mala no canto. Abri o zíper para pendurar minhas roupas no armário. —Nós temos uma tarde de liberdade. Algum pedido? — Eu perguntei.

—Este lugar tem uma piscina? — Ela puxou uma peça azul de sua própria bolsa.

—Sim. Embora pelo que vale a pena, você poderia simplesmente ficar nua.

Ela largou o terno, me avaliando. —Isso não é estranho? A coisa toda de bater em cada outra coisa.

—Não. Porque não há como voltarmos a um tempo antes de ver seu corpo.

Com um huff, ela empurrou o terno em uma bolsa de praia e eu joguei meu short para adicionar a ele. —Se os caras sempre

preferem 'nada' a 'alguma coisa', não importa o que o 'algo' é, para que serve a indústria de lingerie? —, ela desafiou quando pegamos o elevador até o térreo. —Ou a lingerie não afeta você, porque você é todo namorado e está no aniversário, nos aniversários, nos encontros...

—Apesar de minha suprema decência, ainda sou um cara. E os caras são criaturas visuais. Um pequeno tecido vermelho aqui e ali? Eu encolhi os ombros. —Isso me lembra que uma mulher não está totalmente nua e me faz começar a pensar em quando ela estará.

Ela atirou em mim um olhar através do elevador. —Eu costumava pensar que você era tão profundo—, ela acusou. —Você estava realmente andando pelos corredores tirando as garotas seniores com os olhos, não estava?

—Não apenas garotas veteranas. Também senhorita Ryerson.

Sua boca se abriu. —É por isso que você levou drama?

—Claro que sim.

Portas de correr de vidro se abriram para revelar um amplo pátio com uma dúzia de cabanas e um restaurante do outro lado de uma enorme piscina azul cintilante.

Ela parou abruptamente para admirar a vista e eu lhe dei um sorriso.

Nós caminhamos para o restaurante ao lado da piscina para pegar uma bebida, e um garçom veio tomar nosso pedido como nós relaxamos em nossas cadeiras.

—Fiquei surpreso que você apareceu no aeroporto esta manhã. — Eu levantei um tornozelo sobre o meu joelho e coloquei meu guardanapo no meu colo.

Ela levou uma respiração profunda. —Fiquei surpresa por estar lá.

Eu olhei para o pátio. —Estou cansado de fazer a coisa certa com você, Sam. Não quero pensar em como te magoei ou como me magoou. Eu quero fazer as coisas que eu costumava ficar acordado imaginando fazendo para você. Porque você me fez imaginá-los novamente.

O guardanapo girou em suas mãos, mas ela não quebrou o contato visual. —Às vezes eu desejo nós não tínhamos toda essa história. Seria mais facil.

—Mais fácil do que o que.

—Você está pensando no passado ou no futuro. Sobre as coisas que estragamos. Eu posso ver isso em seus olhos. — Ela olhou para a piscina, seu olhar examinando o punhado de pessoas descansando, rindo e flertando. —Eu não quero fazer você pensar. Eu quero fazer você imprudente.

Sua voz baixa fez os cabelos no pescoço arrepiar apesar do calor.

—Você me deixa imprudente, Sam. É o seu poder. Tudo o que você precisa fazer é pegar.

Ela se mexeu em seu assento, atraindo meu olhar para seu corpo.

Ela tirou o suéter depois que o avião e o top por baixo deslizaram seus seios, seu estômago. Isso deixou seus braços nus, me fez imaginá-los em volta de mim.

—Eu vou nadar— ela disse, me puxando do meu devaneio.

Eu queria arrastá-la para uma das cabanas, puxar as cortinas e fodê-la até a dor na minha virilha ceder.

Mas nós descemos para nadar e eu lhe devia isso. —Eu vou encontrá-la depois. — Eu balancei a cabeça para uma cabana livre ao lado da piscina.

Eu deixei uma conta para nossas bebidas antes de cruzar para as espreguiçadeiras como ela foi mudar. Eu peguei meu computador e comecei a ler blogs de tecnologia.

Uma sombra caiu sobre mim. —Hey Sam, você pode me passar meu—

Eu olhei para cima e esqueci como respirar.

O biquíni era vermelho e cobria apenas algumas das minhas partes favoritas. Suas pernas eram fortes e curvadas e o decote exposto pelo top triangular me fez querer colocar minha boca em sua pele.

—De onde veio isso? — Eu consegui.

—Loja do hotel.

—Hã.

—Tem certeza de que não quer nadar? — Ela lançou um olhar por cima do ombro enquanto se dirigia para a piscina.

—Não...

Sua bunda quando ela se curvou para cair na beira da piscina me fez duro novamente.

Eu segurei um gemido e forcei meu olhar de volta para o computador.

Eu não poderia dizer o que me ofendeu mais, o fato de que Sam me transformou em um idiota mudo com um flash de pele, ou que ela fez isso deliberadamente.

Eu olhei para ela por cima do meu computador. Ela parecia uma sereia, cortando suavemente de um lado da piscina para o outro em golpes fáceis.

Seu biquíni estava prestes a cair. Eu assisti, em parte porque eu queria ver quando isso aconteceu e porque eu queria estar pronta para retirá-la da piscina para que ninguém mais fizesse.

No momento em que Sam emergiu, pingando água, com o cabelo encharcando as costas, eu tirei o computador do colo e desisti do trabalho por completo. Eu assisti enquanto ela tirava o cloro.

Ela voltou para a cabana, caindo na espreguiçadeira ao meu lado e pegando a toalha.

Levantei-me e fechei as cortinas, lançando-nos na sombra, exceto pela luz do sol vindo de cima.

Sam secou o cabelo, inconsciente da minha inspeção.

Ela finalmente olhou para mim e eu dobrei um dedo, estendendo minha outra mão para a toalha. —Acima.

O olhar de Sam escureceu e seus ombros se endureceram quando ela se levantou.

Peguei a toalha e, sem quebrar o contato visual, esfreguei-a em círculos lentos sobre o estômago, as coxas. Eu me curvei para secar suas panturrilhas, uma de cada vez. Os pés dela.

Eu me endireitei, secando seus seios, tomando meu tempo nas curvas expostas por seu top de biquíni. Sua respiração ficou presa no peito e os picos duros de seus mamilos subiram pelo tecido.

Eu queria chupá-los até que ela me implorasse para parar.

Deixei a toalha na espreguiçadeira atrás dela e me aproximei, passando a mão pela cintura nua até o quadril.

— *Serenita* —, eu murmurei, brincando com um pedaço de cabelo úmido que permanecia em seu ombro quando me lembrei de outro dia em que a enxuguei.

O olhar nos olhos de Sam dizia que ela também se lembrava.

—Você está fazendo isso de novo. Tornando isso pessoal. — Mas suas palavras eram um sussurro.

Eu pensei no jeito que ela traçou minhas cicatrizes quando estávamos deitados no chão em seu quarto. Eu peguei a mão dela, apertei-a debaixo da minha camisa para o meu estômago. —Se você não quer pessoal, o que foi isso?

—Não significou nada.

A frustração aumentou. Não era como se eu estivesse pedindo para ela se casar comigo. Eu estava com raiva e ligado, e também não me escondi.

—Bem. Vamos fazer isso, Sam. Nenhum passado, sem futuro. Você e eu, agora mesmo.

Ela caiu de joelhos na minha frente. Suas mãos encontraram o cós do meu short, puxando-os para baixo.

Eu deveria ter insistido em terminar o que começamos no outro dia. Minha boca nela, fazendo-a voar.

Mas bem naquele momento, eu estava chateado e um pouco magoado e se tudo que eu tinha para acalmar os dois era aqueles lábios de cereja em volta de mim, por Deus eu os pegaria.

Minha respiração se alojou na minha garganta quando senti seus dedos roçarem a parte inferior do meu pau. Eu lutei para manter meus olhos aberto. Ela chupou um dedo em sua boca, então circulou a cabeça.

Seu dedo deslizou sobre o metal na minha ponta e eu empurrei em resposta.

Coloquei um dedo sob o queixo dela, levantando-o e inclinando-me para pressionar um beijo duro em seus lábios molhados. Seus olhos cintilaram com desejo e a primeira sugestão de incerteza.

Eu queria fazê-la parar. Para fazê-la admitir que tudo estava errado, que era mais do que apenas pele e suor.

—O que você está esperando? Foda-me, Sam - murmurei. — Porque quando você terminar, eu tenho certeza que vou te foder.

O primeiro toque de sua língua me derreteu, seus lábios deslizando sobre a minha pele inchada. Sua língua brincou com o metal na ponta.

Meus dedos se torciam em seus cabelos, puxando e acariciando a sua língua ao meu redor.

Foi uma coisa boa que nunca terminamos juntos no último ano. Nenhum de nós teria se formado.

Quando ela acariciou minhas bolas com a outra mão, minha cabeça caiu para trás em um gemido.

Ela me trabalhou com a boca e eu a guiei com mãos cada vez mais impacientes. Olhando para baixo para ver seus lábios vermelhos em volta do meu pau, aqueles olhos olhando para mim com necessidade me fizeram esquecer meu maldito nome.

Linda, sexy e fascinante Sam.

Meus dedos se torceram em seus cabelos. Suave no início, depois mais forte, até que consegui segurar o suficiente para afastá-la. —O que você está fazendo comigo—, eu murmurei.

—Fazendo você imprudente—, ela respondeu.

Porra, ela também estava.

Montando uma dose de adrenalina, eu puxei sua boca quente para baixo até que eu bati no fundo de sua garganta.

Eu imaginei-nos como isso, mas a realidade explodiu minhas fantasias fora da água. Eu não sabia que era possível sentir isso poderoso e impotente de uma só vez nas mãos de alguém.

Eu montei a borda, por minutos, porra horas, usando cada grama de controle que eu tinha para prolongar o prazer. Porque de pé aqui, minhas pernas tremendo quando Sam me engoliu, seus dedos cavando em minha bunda e seu corpo me tentando, apenas fora de alcance, era algo que eu queria memorizar.

—Eu vou gozar, Sam—, eu disse quando finalmente senti meu controle escorregar.

Ela me levou mais fundo, deslizando a língua pela parte inferior sensível do meu pau inchado enquanto sua garganta trabalhava.

—Ah Merda. Eu não posso...

Eu senti isso derrubar minha espinha antes que meus músculos se apertassem em todos os lugares. Minha liberação entrou em sua boca molhada.

Sam levou tudo, lutando para engolir rápido o suficiente e me foder se essa não fosse a coisa mais quente que eu já vi.

Eu sabia que tínhamos assinado para o sexo e, aparentemente, o menos pessoal, melhor.

Mas de alguma forma isso parecia mais quente, mais íntimo do que o que tínhamos feito em sua casa.

Meu coração martelou em meus ouvidos enquanto afundava no tecido áspero das almofadas de espreguiçadeira, recostando-me e piscando contra o dom.

Eu me senti como um planeta arrancado de seu eixo e lançado para o universo.

No momento em que me sentei, ela estava me observando, satisfação em seu olhar.

Eu senti meu pau mexer novamente.

Meus dedos se esticaram para brincar com o nó atrás de seu pescoço, puxando levemente. Então mais difícil.

As cordas desceram e os seios dela saíram. Eu olhei para o seu peito arfando. O perfeito exuberante curvas dela que eu queria na minha boca, eu queria cada centímetro dela na minha língua.

—Devemos ir lá em cima—, ela murmurou, de repente auto-consciente.

—Não.

Seus olhos se arregalaram.

Eu me deliciei com o desejo conflitante e a relutância que cruzou seu rosto. Nós dois sabíamos que o pátio estava ficando mais cheio a cada minuto, poderia dizer pela conversa, o esguicho de água, a distância tilintar de copos além do nosso refúgio.

—Venha aqui. — Eu a puxei para o meu colo, minha boca caindo em sua pele, deslizando para baixo da curva dela. Travando em um mamilo, minha língua acariciando enquanto ela engasgou.

Minhas mãos acariciaram seus lados, não hesitando por um segundo. Meu polegar deslizando para baixo na frente do seu biquíni.

Pressionando exatamente onde seu clitóris estava.

Ela se contorceu contra a minha mão através do tecido, e estava quente como o inferno do jeito que ela reagiu para mim.

—Todas aquelas pessoas lá fora... — Eu a virei de costas. —Eles sabem o que você está recebendo?

Eu engoli seus gemidos enquanto eu a acariciava, e ela se contorcia sob minhas mãos.

Dois dedos empurraram dentro dela e ela arqueou na espreguiçadeira, apertando em volta de mim. —Você está tão molhada. Você quer isso tão mal?

Porque isso era o que ela queria. O suor. A necessidade.

Alguém que não sabia nada sobre ela. Onde ela é delicada...

Eu puxei as costas dos meus dedos sobre as costelas e ela soluçou.

O que a excita...

Eu arrastei meus dentes ao longo da concha de sua orelha, fazendo-a tremer.

Alguém que não entendia sua vida. Sua dor.

Logo eu estava além das sensações que estávamos criando, cores e formas arrojadas. Enquanto eu a construía, ela choramingou, arqueou e ofegou.

—Você quer vir. — Não era uma pergunta, eu podia sentir isso no jeito que ela apertou meus dedos.

—Lee, por favor.

Essas duas sílabas quebraram meu controle.

Se ela ia vir, ela com certeza saberia que eu era o único a fazê-lo.

Eu peguei uma camisinha da minha calça ao lado da espreguiçadeira. Ela pegou de mim, rasgando-a com as mãos trêmulas e rolou-a.

Quando eu deslizei para dentro dela, levei tudo que eu tinha para engolir o gemido.

Meus dedos seguraram o topo da espreguiçadeira, cavando a madeira e o tecido para evitar empurrar a maldita coisa através do concreto com minhas estocadas. Nós perseguimos a sensação de que ambos necessitávamos, que cada um de nós realizou apenas fora do alcance.

Eu comecei querendo provar um ponto, mas com cada golpe eu estava mais selvagem e menos capaz de lembrar porque eu tinha começado isso.

Porque o que me chocou foi o quão bom pra caralho era. Quando decidi esquecer os sentimentos e simplesmente existir neste momento, isso me deixou delirante.

Seu corpo era um torno em volta do meu pau, seus braços segurando-me perto enquanto eu pressionava mais fundo dentro dela. Os lábios de Sam contra o meu pescoço sussurravam silenciosamente enquanto o cheiro de cloro em seu cabelo úmido me tomava.

Em vez de construí-la, cedi. Persegui o sentimento, a loucura. Ela estava bem ali comigo, tentando manter um apoio, qualquer coisa.

E quando o mundo caiu debaixo de nós, eu fui embora.

Eu tinha ido embora e ela ainda estava há.

Eu cheguei, piscando para o concreto sombreado pela poltrona. O pedaço do top de biquíni vermelho de Sam estava espalhado no chão como uma sobra de festa.

Nós nos limpamos, nos vestimos e saímos da cabana, levando nossas toalhas e sacolas para cima conosco.

O passeio do elevador foi em silêncio.

Eu passei o cartão para nos levar para o quarto e recuei para ela ir primeiro.

—Eu vou tomar um banho—, disse ela por cima do ombro quando a porta se fechou atrás de mim. Eu grunhi meu consentimento.

—Riley? — Eu levantei a cabeça para vê-la pairando na porta do banheiro. —Você está bem?

Eu assenti. —Sim. — Eu estendi a mão para esfregar a mão na parte de trás do meu pescoço.

Eu caí de volta na cama enquanto ela se afastava. Alguns momentos depois o som do chuveiro começou.

Que diabos?

Uma mulher que eu tinha sido uma vez de cabeça para baixo queria me explodir em um dia ensolarado em Los Angeles, e eu estava agindo como um garoto de escola que teve seu almoço levado embora.

Sexo sem sentimentos nunca foi meu forte.

A maioria das mulheres estava bem com isso. Mais do que bem.

Não que eu quisesse mais do que sexo com Sam, pensei, rolando de lado para olhar para as nossas malas alinhadas uma ao lado da outra. Cuidar dela já tinha me ferrado uma vez. Durante semanas e meses depois que ela fugiu de mim, era tudo que eu conseguia pensar para voltar para ela. Para fazê-la entender.

O dia em que percebi que isso nunca aconteceria era o regresso a casa no primeiro ano da faculdade. Eu tinha novos amigos, uma nova escola, uma garota na minha aula de inglês que era inteligente e fofa e que estava me mandando olhares sedutores durante todo o semestre.

Ela não era Sam, eu continuava pensando.

Foi quando olhei em volta e percebi... não havia Sam.

Não houve por algum tempo.

Então eu saí com a garota da aula de inglês por quase seis meses. Nós nos divertimos juntos e fizemos todas as coisas que os calouros fazem.

Mas o tempo todo eu não conseguia me levar ser o mesmo cara que eu estive com Sam.

Se eu ficasse em casa à noite, era para sexo, não para deitar na cama.

Se ela tocou minhas cicatrizes, foi para flertar, não porque ela sabia o que elas significavam.

E quando ela teve um dia ruim - o que ela raramente fazia - eu lhe comprava uma rosa da loja perto do campus e deixava na porta dela. Nem uma vez eu fiquei com ela, descascando as camadas até ela admitir o que estava acontecendo em sua cabeça.

Talvez Maria estivesse certa. Eu estava enxaguando e repetindo por dez anos. As mulheres eram diferentes e eu as tratava como rainhas, mas ninguém nunca me deixava sentindo destruído quando acabava.

Qual era o ponto, não era?

Agora, ouvindo o chuveiro parar, eu me preparei.

Eu tinha convidado Sam aqui por dois dias inteiros, porque eu a queria aqui. Mas eu não tinha certeza se estava pronto para lidar com a bagunça no meu intestino dizendo que não era o suficiente.

Qual foi um pensamento perigoso. Nós tínhamos nossas vidas, aquelas que construímos deliberadamente - e separadamente - em terra firme como pudemos encontrar.

Havia apenas uma coisa que eu poderia fazer com Sam pelas próximas quarenta e oito horas, e era a mesma coisa que eu tinha feito com as mulheres desde que me lembrava.

Sorriso. Provocação. Charme.

E acima de tudo, entender tudo.

23

TUDO DESAPARECE?

— Não vai para acontecer, Riley.

A bolha estourou. —O que? Por que não?

David se recostou na cadeira na mesa de reuniões da Epic. —A lista A é mais curta do que você pensa. Alguém como Jane Casey está no caminho mais rápido para ser uma estrela. Ela precisa se ver em um papel. Há vantagens em divulgar desconhecidos.

Apesar de todas as boas notícias que David tinha acumulado em mim desde o início da nossa reunião - que a Epic tinha começado a reservar alguns locais, estava montando a equipe, tinha um diretor talentoso e um roteiro que eles sabiam que seria bem-sucedido.

—Não pode acabar. Somente porque ela não se vê nele. — Eu ri. —Vamos. Ela é perfeita.

Eu precisava de uma vitória hoje, embora não soubesse por que isso importava tanto.

—Você só tem uma chance com alguém como Jane, mesmo com seu agente ao lado—, disse David, voltando minha atenção para o quarto. —Ela não está convencida de que uma ação é a próxima etapa de sua carreira.

Eu pensei sobre o que eu sabia de Jane. —Mas é por isso que ela é ideal. A história não é sobre super-heróis. É sobre pessoas. Ficando queimado no chão. Nascendo das cinzas. Nós vivemos o suficiente, todos nós temos que fazer isso. É por isso que essas histórias nos pegam.

David cruzou os braços sobre o peito, estreitando os olhos. — A assessora de Jane fez com que ela namorasse nossa estrela Ninja. Ela está programada para estar no evento hoje à noite. Você pode iniciar se acha que pode faze-la mudar de ideia.

—Faça isso. — Adrenalina disparou através de mim. Se isso era sobre o filme ou a frustração e preocupação sobre Sam, eu sabia que tinha que consertar isso ou ir para baixo tentando.

David tinha nos dado um número mágico para ligar caso quiséssemos usar algo diferente do que tínhamos embalado de casa. Foi por isso que fomos nos vestir em duas boutiques separadas. Eu tinha que admitir, o terno negro do Boss era legal.

Minha limusine parou na frente da outra loja onde Sam estava se preparando, e eu bati meus dedos na minha coxa enquanto esperávamos.

Quando Sam apareceu no aeroporto ontem, eu me senti como o homem mais sortudo vivo.

Nós fomos a uma galeria na noite passada, comemos em um restaurante de frutos do mar de alta qualidade para o jantar, dividimos uma garrafa de vinho e fomos para casa de limusine.

Mas eu só tinha metade disso.

Foi fodido. Eu a convidei para LA para me divertir. Agora eu era o único que não conseguia manter minha parte no trato.

Porque o tempo todo eu me lembrei, *não é real.*

Um flash de movimento chamou minha atenção. Abaixei a janela e meu queixo ficou frouxo.

A confusão caiu longe, como o nevoeiro queimando ao sol.

O vestido preto parou em suas coxas e me fez pensar nela usando menos do que isso.

Seus ombros estavam nus, o tecido acetinado enrolado na parte de trás do pescoço dela. O cabelo fino de Sam estava preso em um lado, deixado para cair diretamente sobre os ombros do outro. Seus lábios estavam pintados de vermelho. Não é um gótico vermelho, mas brilhante, como as tulipas no parque na primavera.

Peguei a maçaneta, abrindo a porta para ela. Ela se mexeu enquanto eu abria caminho. Eu bebi em todas as partes dela até que seu olhar finalmente encontrou o meu.

—Está tudo bem? — Ela perguntou, brincando com a gravata atrás do pescoço.

—Você é linda pra caralho, Sam.

Seu rosto corou com o elogio. —Você não precisa dizer isso.

Eu peguei a mão dela, desenhei aos meus lábios antes de colocá-lo na minha coxa. Mas eu não larguei. —Sim. Não falar parece uma mentira.

O carro se afastou e eu limpei a garganta.

—Ouça. Eu sei que as coisas foram estranhas neste fim de semana. Mas eu não estou acostumado com alguém querendo e não me querendo ao mesmo tempo. Estou ficando chicoteado, Sam. — Seus lábios se separaram. —É realmente o que você quer? Uma distração? Alguém cujo nome você não conhece, cujo rosto você não reconhece, para se perder?

Sam se mexeu na cadeira para me encarar. —Seria mais fácil assim. Mas toda vez que você olha para mim, é como... — ela franziu o rosto. —.. Eu pensei que precisava me soltar. Para sair, esquecer tudo. E é *tão bom,* Lee. — Seu olhar varreu o chão da limusine, de volta, devagar. Sua voz tinha meu abdômen apertando embaixo do meu terno. —Mas eu não sei se é bom porque é fácil, ou se é bom porque é *você*. Porque de alguma forma você sabe como me tocar. E porque confio em você para fazer coisas que nunca quis fazer com mais ninguém.

A imagem dela me levando em sua boca se repetiu em minha mente como um GIF sujo.

Jesus, essa garota me virou do avesso.

A limusine rolou até a frente do antigo teatro de Hollywood. Nós dois nos endireitamos quando o carro parou.

—Estamos aqui—, ela murmurou.

Eu a segurei quando ela olhou para a porta.

—Faça algo para mim—, eu disse. —Antes de sairmos lá.

—O que.

Meu olhar caiu para sua boca. —Me beije. Não porque eu vou tirar você, ou me fazer calar a boca. Beije-me porque você quer.

Eu esperava ela se retirar, para me afastar. Mas seu rosto se inclinou e depois de um longo momento, seus lábios roçaram os meus.

Enfiei minhas mãos no cabelo na nuca, tomando cuidado para não puxar nenhum alfinete quando minha boca se abriu sobre a dela.

Eu me dei um momento para me entregar, beijando-a como se quisesse deixar minha marca nela. No momento em que me afastei, estávamos ambos sem fôlego.

Eu não sabia o que isso significava, mas parecia algo. Algo que nós dois precisávamos, mesmo que não soubéssemos.

—Você está pronto para falar com uma estrela de cinema? — Ela murmurou.

—Não faz mal tentar. — Eu sorri quando saí do carro primeiro, estendendo a mão para ela seguir.

Era um outro mundo inteiro. Eu sabia que existia, mas em algum lugar eu nunca pensei que estaria. Cheio de pessoas glamourosas e champagne e elegância casual que desmentiam o sangue, o suor e as lágrimas que levavam para chegar lá.

Havia um tapete vermelho e paparazzi. Então segurança e porteiro.

Eu amava isso.

Sam assentiu com a cabeça e eu segui seu olhar para encontrar a estrela de *Ninja* cercada por um grupo rindo e bebendo.

Nós encontramos nosso caminho para os nossos lugares pouco antes do filme ser programado para começar.

Nervos e excitação passaram por mim quando a tela ficou escura. A música me pegou e não soltou.

Eu não contava com a diferença que fazia assistir ao filme com pessoas que tinham uma participação nele.

Eu estava no limite do meu assento até os créditos finais. Foi fantástico. Incrível.

Eu estava mais amarrado do que o quarteto de cordas tocando no foyer enquanto seguíamos o fluxo de tráfego em um coquetel de recepção fora.

—Riley. Estou feliz que você tenha conseguido. Quem é essa linda dama? — David perguntou suavemente, chegando ao nosso lado.

—Sam Martinez. Ela fez a arte para *Phoenix.* — Sua mão apertou na minha, mas eu não a deixei se afastar.

—Um par talentoso. Prazer em conhecê-la, senhorita Martinez. Riley é uma das minhas novas pessoas favoritas. Na

verdade, eu gostaria de pegá-lo emprestado por um segundo, se você não se importar.

—Vou tentar me manter ocupada. — Ela me deu uma piscadela antes de eu me virar para seguir David através da multidão.

Eu não tinha notado a atriz antes, mas quando eu vi o cabelo vermelho dela, eu não sabia como eu sentia falta dela. Ela tinha o tipo de beleza clássica que você esperava que fosse chata, mas não era.

Ela pairou ao lado da estrela Ninja, os dois partes de uma multidão unida de pessoas bem vestidas.

David murmurou algo para ela e ela o seguiu até mim.

—Senhorita Casey—, David começou: —Este é Riley McKay da Titan Games.

Seu sorriso era amplo e genuíno. —Meu irmãozinho ama seus jogos. *O Oasis* é o seu favorito.

—Estou feliz em ouvir isso. — Ela levou uma taça de champanhe aos lábios e eu limpei a garganta. —Eu entendo que David falou sobre o nosso projeto. Eu não quero perder seu tempo. Mas quero dizer que você está errada.

Uma sobrancelha fina subiu. —Perdoe-me?

—Não é sobre querer fazer aquele filme. Essa é sua escolha. Mas se você acha que não é o seu lugar... você está errada. — Sam provavelmente me chutaria se ela estivesse lá em cima, mas eu não conseguia encontrá-la no meu campo de visão. Provavelmente também, como eu precisava me

concentrar. —Veja, é um filme de ação. E é baseado em um videogame. Mas a premissa é tão real, quanto humana, como qualquer um dos filmes indie que você fez. É sobre sacrifício e enfrentar seus medos. É estar aterrorizado com o que está sendo perguntado a você e fazer isso de qualquer maneira. É sobre ressurgir das cinzas, saber que o amor tem que ser o suficiente.

Ela inclinou a cabeça. —É nisso que você acredita?

Eu tropecei. —É o que eu gostaria de acreditar.

Ela me estudou sobre o copo. —Eu li o roteiro. É sobre uma mulher que rejeita o amor para cumprir seu dever. É o clássico arquétipo de heróis que enfeita inúmeras telas a cada ano, acentuado com CGI e brincadeiras espirituosas. O que torna isso diferente?

—O que torna diferente é que ela sabe que estava errada. E ela lamenta, cada dia.

Passei por Jane e vi Sam conversando com David do outro lado da sala. Seus lábios se curvaram quando ela encontrou meu olhar através da multidão.

—Nós achamos que as decisões são limpas. Que quando terminarem, é isso - continuei sem perder o olhar de Sam. —Mas elas não são. Nós as refazemos o tempo todo em nossas mentes. Achamos que sabemos o que é certo para nós e para outras pessoas. Mas no final do dia estamos assustados. Assustado de doer, com medo de se machucar. Sabendo que você fez a escolha errada porque você era humano... isso é tão real quanto parece.

Eu finalmente voltei para Jane para encontrá-la inclinando a cabeça para mim.

—De qualquer forma. — Eu inclinei minha cabeça. —Foi bom conhecê-la.

Voltei ao bar para tomar uma bebida, examinando o quarto para Sam.

—Você tem bolas. — David se materializou no meu cotovelo. Ele assentiu e eu segui seu olhar para onde Jane estava no telefone no canto. —Você sabe quem está nesse telefone?

—Spielberg—, eu brinquei.

—Seu agente.

—Ela vai fazer isso?

—Eu não sei. Mas ela está intrigada. — Ele me estudou, e pela primeira vez, tive a sensação de que ele realmente me via. David inclinou a cabeça. —Todos nesta cidade dizem que começaram nos lotes do filme. Eu comecei na GE. Vendi refrigeradores por cinco anos e agora estou aqui. Ele soltou uma gargalhada. —Você já pensou em negociar em Titã para Hollywood?

—Não posso dizer que tenho. — Dei de ombros, mesmo quando meu coração bateu mais forte no meu peito. —Eu imaginei que Hollywood estava em algum lugar que você precisava receber um convite.

Ele sorriu. —Considere isso seu convite.

Minha mão parou, a bebida na metade dos meus lábios. —Com licença?

—Venha para LA. Se você precisar de um título, você pode ser um consultor. Esses são apenas detalhes. O que precisamos é mais desse novo pensamento.

Eu estudei o rosto dele. O sorriso habitual estava lá, mas agora que eu o tinha visto algumas vezes, eu estava começando a poder lê-lo. Para conhecer suas reações.

—Fico lisonjeado. Mas tenho uma empresa para administrar.

—Olhe em volta. Todo mundo tem uma empresa para correr. Você acha que isso os impede de aproveitar oportunidades?

Passei o olhar para ele, para as pessoas bem vestidas, rindo facilmente de copos sem fim de bebidas.

Eu me virei para encontrar Sam nas minhas costas. —Como foi?

—Eu preciso de um pouco de ar. — Eu peguei duas bebidas e Sam pegou alguns hors d'oeurves, e saímos em direção ao sinal de saída.

—O que ela disse? — Sam perguntou enquanto me seguia. Eu atravessei a porta de incêndio e subi as escadas, seus saltos estalando no concreto.

—Nada. Mas David diz que ela está pensando em aceitar o papel.

Sam riu. —Isso é incrível. — A porta que dizia —Entrada do Telhado— nos fez passar por ela. —Você realmente poderia falar com alguém em...

Ela parou quando a vista nos atingiu. Não houve grandes elevações entre nós e o oceano e apenas alguns edifícios mais altos no horizonte de Los Angeles.

O sol poente encharcava toda a costa oeste em cores brilhantes que pareciam pairar no ar, pintando os edifícios à luz.

Atravessei a beira do telhado e me inclinei sobre o corrimão de metal. Sam parou ao meu lado. Sons das ruas subiram de três andares abaixo.

—Isso não te lembra do ensino médio?

Eu dei um divertido olhar para ela. —Eu te trago para Los Angeles para o Ano Novo, e você acha que é como em casa.

—Não a parte de Hollywood. Você. Eu. O resto do mundo está caindo.

Eu me aproximei de Sam.

Não havia ninguém com quem eu preferisse compartilhar este momento. Estar aqui, com ela, no lugar dos sonhos se tornou realidade? Foi tudo que eu poderia ter desejado.

E está prestes a terminar.

Nosso voo saía de manhã e nos levava a Logan no final da tarde. Fiquei surpreso com o quanto o pensamento me entristeceu.

—Então, o que você acha. Alguma resolução?

Ela enrugou o rosto. —Eu preciso descobrir o que vou pintar a seguir. É difícil e não sei porque. Eu nunca tive problemas para criar antes. Quando minha mãe morreu, não consegui fazer nada além de desenhar.

—Você acha que cria da dor? — Ela assentiu. —Não, não é isso. Mesmo em seus momentos mais sombrios, você cria a partir do amor.

—O que você quer dizer?

—Eu sempre fui atraído por você. Não foi sua dor que me atraiu, Sam. Foi a sua capacidade de amar. A maneira que você pode criar algo bonito do nada para as pessoas que você gosta. Para o seu pai, cuidando dele quando ele estava doente. Para Titã quando precisávamos de arte conceitual. Para mim, quando eu vendi meu carro. Eu não conheço muitas pessoas que se levantam assim tão abnegadamente.

Seus olhos procuraram os meus, emoção preenchendo-os. —Ninguém nunca disse isso para mim. Eu sempre sinto que estou com uma batida por trás. Jogando catchup em algum jogo que todo mundo está ganhando.

—Não há jogo, Sam. Sem vencedores e sem perdedores. Você é derrubada sete vezes, você levanta oito.

Sam exalou, seu sorriso desaparecendo quando ela examinou o horizonte. —E agora? Tudo desaparece amanhã?

—O que você quer dizer?

—Parece que estamos em alguma realidade alternativa que vai desaparecer quando eu acordar.

Quando eu pedi a ela para me beijar no carro, foi um impulso.

O jeito que ela fez isso, como se fosse um momento roubado, um momento íntimo. A sensação de seus lábios em mente era como uma marca, e me deixara satisfeito e ansioso por mais.

—LA acaba—, eu disse finalmente. —Você e eu... nós não temos que mudar, Sam. Nós não precisamos de regras ou definições —, *ou uma data de expiração,* eu queria dizer. —É um ano novo. Nós podemos ser o que quisermos.

Ela voltou-se para a vista e inclinou a cabeça no meu ombro, o cabelo deslizando contra minha bochecha.

Mas ela não respondeu, e a questão ficou entre nós como mais uma cor no céu crepuscular.

24

COMO UMA DATA

—Você está fora de prática. — Eu comentei quando o jogo terminou de assobiar e ficou escuro, dizendo a Max que sua vez terminara.

—Eu também estou fora de sono—, disse ele secamente quando ele recuou, empurrando as mãos nos bolsos de seu jeans desgastado.

A maioria do tempo parecia um milhão de anos desde o ensino médio. Nós dois mudamos, evoluímos. Nós carregamos as marcas de nossas perdas, vitórias e aprendizado.

O que não mudara era o arcade que Max e eu combinamos de encontrar depois que meu voo pousou em Los Angeles.

Era o mesmo que freqüentamos na escola, embora tivesse mudado de propriedade e adicionado alguns jogos.

—Como foi Hollywood? — Max perguntou, alimentando alguns quartos na máquina e me ofereceu. Eu me levantei.

—Temos uma pista para a Phoenix. Jane Casey. Ela vai ser incrível. — Pensei na mensagem de voz de David quando comecei a apertar os botões.

As pequenas luzes soltavam faíscas de dopamina no meu cérebro, a corrida correndo pelo meu corpo enquanto minha pontuação subia.

Thump. Thump.

—Lembre-se de quando fizemos isso no primeiro jogo? —eu perguntei. —Seus codificadores eram estudantes universitários e quem quer que pudéssemos colocar nossas mãos. Nós não tínhamos a mínima ideia do que estávamos fazendo.

—Não foi meu primeiro jogo—, ele me lembrou. —Eu tenho feito isso há anos no meu porão.

—Verdade. Mas isso só se tornou real com o *Oasis.*

Ele assentiu, recostando-se na próxima máquina enquanto observava. —Durante a noite nós estávamos dirigindo uma empresa.

Minha vez terminou e eu recuei.

Max alimentou a máquina com mais dinheiro. Começou a cantar sua música, e meu amigo começou a bater ritmado nos controles novamente.

—Você já pensou que ficaria mais fácil? — Ele perguntou.

—O que. Correndo uma empresa?

—Sim. Que um dia teríamos tempo para dormir. Para sentar com nossas famílias na mesa de jantar. Eu ignorei a pontada no meu intestino. —Para fazer isso.

Thump thump Thump.

—Eu realmente nunca pensei sobre isso—, eu admiti.

—Eu fiz. Em vez disso, há mais pressão o tempo todo. Decisões todos os dias. Pessoas que precisam de respostas. Suas mãos trabalharam nos controles. —Tristan sorriu ontem. Payton afirma que aconteceu quando eu coloquei minha camisa do avesso. Tenho certeza que ele não pode processar o humor antes de dois meses.

—Mas se houvesse uma criança,isso poderia?

—Não seria meu. — Eu soltei uma risada. —Como está Sam?

Ouvir o nome dela fez meu corpo vibrar com energia.

Ontem à noite, depois do evento, ela ligou para checar seu pai, falando espanhol rápido que me fez perceber suas expressões e gestos. O amor que ela tinha por ele, mesmo quando ela estava interrogando-o sobre o que ele estava fazendo e comendo.

Depois de pendurar para cima, ela se arrastou para a cama ao meu lado, onde eu trabalhei no meu computador. Sam tinha lentamente fechado o topo do meu notebook com um sorriso provocante. Eu não a parei quando ela tirou do meu colo e colocou na mesa, os olhos cheios de promessas.

—Ela é viciante—, eu disse finalmente.

—As garotas têm um jeito de fazer isso. Especialmente quando são o caminho certo.

—Eu não sei direito—, eu resmunguei. —Se estivéssemos certos, não teria funcionado da primeira vez? Você mesmo

disse. Nós vivíamos na cabeça dos outros e acabamos quebrando o coração um do outro.

—Às vezes a coisa certa pode ser a coisa errada se acontecer na hora errada.

Eu considerei. —Eu pensei que seria diferente agora, com ela. Ela não me viraria do avesso.

Thump. Thump thump

—EU continue esperando com Payton. Isso não acontece—, disse Max. —Toda vez que olho para ela é novo. Agora vendo ela e Tristan... Se você tivesse me dito há três anos eu estaria aqui? Eu teria rido você fora do quarto.

—Mas você não se arrepende.

—Nem por um segundo. A única coisa que lamento é que esta seja a primeira vez que eu fiquei a alguns minutos de distância de Titã e Tristan - disse Max. —Nossa véspera de Ano Novo foi gasta trocando fraldas.

—É o novo normal, meu amigo.

—Eu sei. Mas eu gostaria de descobrir como conseguir algum tempo sozinho com Payton. Eu quero dar a ela uma maldita taça de champanhe ou algo assim. — Ele me olhou de um jeito que me fez suspeitar instantaneamente.

—O que?

—Eu tentei trazê-lo para a caverna e ele chorou incessantemente.

Meu olhar caiu para o portador de bebê ao alcance de Max, o cobertor verde de Hulk enfiado em volta do embrulho para dormir.

—Baby que não gosta de estar cercado por nerds, computadores e máquinas de pinball... não pode ser seu—, eu brinquei quando peguei o suporte e coloquei na minha mesa.

Uma cabeça morena apareceu na porta. O cabelo de Payton caiu em torno de sua cabeça em ondas e sua longa jaqueta tinha uma gola de pele que aumentava o fator fofura.

—Obrigado por fazer isso, Ry. Estou estranhamente animada para sair para almoçar, apesar de estar a apenas três quarteirões de distância. Não me lembro de um tempo antes de eu ter baba em mim e pasta de dente preso no meu cabelo. — Ela fez uma careta, mas eu vi o jeito que seu olhar se demorou em Tristan. —Há fraldas e garrafas nesta bolsa. — Payton colocou uma grande mochila na minha mesa. —E há um envoltório, se você quiser usá-lo.

—Vestir ele? — Eu perguntei, intrigado.

Payton me mostrou como amarrar Tristan no meu peito.

—Ele parece gostar de ser impotente—, Max grunhiu da porta.

—Ele é um bebê—, eu comentei. Até você não saiu do útero autossuficiente.

Payton estudou Tristan no meu peito, pressionando a mão para seu estômago distraidamente. —Ligue para nós, se você precisar de *alguma coisa.*

—Ele vai ficar bem—, eu disse. —Prometo ensinar-lhe apenas coisas saudáveis. Matemática. Latim. Literatura. Embora eu possa colocar o especial do Dave Chapelle Netflix se eu chegar no meio da tarde.

Payton retirou-se para a porta, com uma expressão de conhecimento no rosto. —OK. Voltaremos em breve.

Eles desapareceram e eu voltei a trabalhar no isolamento de minha caverna.

Eu comecei a trabalhar em algum trabalho que eu tinha ficado para trás. Movido algum dinheiro para garantir que a folha de pagamento fosse cuidada nas próximas semanas.

Se eu achasse que o bebê seria uma distração, seria o contrário. Primeiro, Tristan cheirava a sol e unicórnios.

Segundo, ele faria esses pequenos sons quando mudasse. Suspiros ou grunhidos que eu só pude ouvir.

O cara dormindo em meu peito era como terapia.

Não que eu precisasse de terapia.

Nota para si mesmo. Compre um pônei Tristan.

Um barulho na porta me fez olhar para cima.

—Hey—, eu sussurrei com um sorriso.

Sam ficou olhando. —Droga. Não estava esperando a vibe do pai. Seus olhos se moveram incertos de mim para Tristan.

—Eu costumava cuidar de Emily quando minha mãe ainda estava trabalhando, e Grace estava tentando fazer parceria em sua empresa de consultoria. — Eu passei meus dedos por um fio de cabelo escuro na cabeça adormecida de Tristan. Ele mal se mexeu. —Você quer tocá-lo?

Ela cruzou para mim, estendendo um dedo para acariciar sua bochecha. Um olhar de admiração cruzou seu rosto.

Nota para si mesmo. Compre Tristan a Maserati.

—Eu não tinha certeza quando eu te vi—, eu disse casualmente.

—Você colocou isso na minha mala por engano. — Ela puxou um suéter da minha bolsa e passou para mim.

—Você veio me dar uma camisola.

Fazia dois dias desde que Sam e eu nos separamos do Logan.

Não é como se tivéssemos feito planos. Embora um texto dizendo algo como 'eu estou distraído e latejando a cada segundo que você não está me tocando' teria sido apreciado.

Eu estava ocupado em trabalhar no trabalho depois de estar fora do escritório. Eu não deveria estar pensando nela entre reuniões, ou quando cheguei em casa. Eu normalmente tinha zero problemas, mantendo o trabalho e a vida pessoal separados, e foi quando eu estava *namorando* alguém.

Não... o que quer que isso tenha sido.

—Eu também fiz algo para vocês. — Ela abriu a bolsa e tirou uma série de porta-retratos, colocando cada um deles na minha mesa.

Qualquer irritação se dissipou. —Estes são os originais dos conceitos da *Fênix* que enviamos à Epic.

—Eu estava verificando o leilão. Apenas fechou. Você já olhou para isso?

Eu realmente esqueci isso. —Mostre-me.

Ela puxou e os números na tela me fizeram piscar. —Sam. Duzentos e trinta ofertas. E terminou em... — Eu olhei para Tristan. —Cocô.

Sam sorriu.

—Eu estou dando o dinheiro de volta para você.

—Não!

Eu balancei a cabeça. —Você entende que é a sua arte, certo? Sam, por que você não quer ser creditada por isso? É um trabalho incrível. Você poderia fazer mais disso. Receba milhões de olhos em seu talento. Seja paga por isso de forma consistente.

—Não—, ela disse, firme. —Isso não é quem eu sou.

Eu pensei em seu perfil anônimo.

Eu estava querendo falar sobre isso, mas não parecia o momento certo.

—O leilão me fez pensar, entretanto— continuou ela, apontando para os desenhos emoldurados. —Você não disse nada sobre a Epic precisar dos originais, então eu pensei que Titan gostaria de tê-los. Para o escritório.

Eu coloquei a mão nas costas de Tristan enquanto me inclinava para frente para estudar cada imagem. Meu peito se expandiu, da emoção de vê-los de perto e de o que ela fez.

Cada uma das imagens estava montada em uma moldura prateada, emaranhada com marfim claro, de modo que as cores se destacavam ainda mais.

—Sam—, eu murmurei enquanto me endireitei. —A equipe vai amá-los.

—Você pensa?

—Vamos descobrir.

Eu os peguei cuidadosamente e os levei para a sala de conferências no Pit e os espalhei na mesa. Os desenvolvedores lotados e adicionei as impressões das imagens que Sam já havia feito.

Conversa animada começou e Sam e eu trocamos um sorriso que de repente eu não consegui segurar.

Sua energia, ousada, brilhante, vibrou através de cada parte dela. Brilhou através de seus olhos.

Isso era o que ela deveria estar fazendo. Não vendendo pinturas abstratas, favorecendo velhos ricos.

E ela adorou. Mesmo se ela dissesse não, era óbvio em todas as linhas. Cada pincelada.

—Devemos fazer alguma coisa—, eu soltei.

—Esta noite?

Surpreendi-nos dizendo: —Jantar. Eu te disse que te mostraria minha casa. E meu repertório de culinária se expandiu desde o ensino médio. Eu posso ter algo para rivalizar com sua ropa vieja.

—Mesmo.

Eu voltei para a mesa, levantando a minha voz. — Rapazes. Contem a Sam que posso cozinhar.

—Ele faz uma torrada de massa azeda. Com uma variedade de spreads artesanais, — Jimmy acrescentou ao meu olhar.

—Ele é bom em encomendar—, disse Thea prestativamente. — Ele sempre escolhe os melhores locais de restauração. E paga por isso.

A mão de Sam brincou com a ponta do suéter enquanto observava a troca.

—Ry, devemos chamar marketing em cinco minutos—, um dos projetos gerentes chamou.

Eu chequei meu relógio. —Nós podemos fazer isso no meu escritório. — Eu empurrei minha cabeça em direção ao meu escritório e Sam entrou em sintonia comigo, colocando distância entre nós e todos os outros.

As palavras de Max ecoaram na minha cabeça. *A coisa certa pode ser a coisa errada se acontecer na hora errada.*

—Venha—, eu disse. —Testemunhe as maravilhas da minha cozinha, após as quais todos os meus dedos e sessenta e cinco polegadas estão à sua disposição. Com som surround de cinema de alta definição.

Sua boca se contraiu no canto. —Jantar e um filme. Isso parece suspeito como um encontro.

Eu a cutuquei com meu quadril. —Por mais que eu goste de negociar com você, não está nas cartas de hoje. Apenas diga sim.

Seu olhar percorreu meu corpo e eu tive que lutar contra o desejo de pressioná-la contra a parede ali mesmo.

—Se isso faz com que pareça menos um encontro—, ofereci, —vamos comer bife e depois eu vou comer você. Combinado?

—Eu não sei como você pode dizer isso com uma cara séria.

—É um presente.

25

MI SIRENA

EU sempre tive alguma noção vaga de querer uma parceira, uma família. Quando as mulheres me perguntavam se eu queria me casar, ter filhos, era um 'sim' fácil.

Mas nunca se sentira tão palpável quanto agora.

Talvez porque nenhuma delas foi o que você imaginou.

Folheei as camisas no meu armário, estabelecendo-se em um azul escuro e dando de ombros para ele.

O momento anterior com Sam e Tristan tinha ficado comigo. Eu considerei isso quando abotoei a camisa, olhando para o espelho. Meu cabelo parecia marrom escuro, ainda molhado do chuveiro, em vez do habitual vermelho.

Uma vez eu tinha me provocado pela minha pele pálida. As sardas que vieram no verão foram muito longe no meio do inverno.

Eu passei por um período de odiar minha aparência. Então gostando deles. Então, por volta dos vinte e cinco anos, percebi que a aparência não importava.

Química não é sobre olhares.

É o jeito que você pode cheirar alguém e querer. A maneira como eles fazem você se sentir, apenas ocupando o mesmo espaço e tempo.

Com Sam... eu queria estar onde ela estava. Por quanto tempo ela me deixasse.

Eu coloquei uma lista de reprodução e tirei os bifes que eu comprei no caminho de casa. —Your Love—, de Outfield, explodiu nos alto-falantes quando comecei a fazer manteiga.

Eu também comecei a batata doce. Minutos depois, eu coloquei os bifes. Eles chiaram na panela, e eu os virei até que eles estavam queimados até a perfeição.

Tudo foi feito em oito afiada.

O que agora?

Fui até minha cozinha e espiei a rua. Nenhum sinal dela.

Ela estava dirigindo? Tomando um táxi?

A porta tocou e eu corri escada abaixo para deixá-la entrar.

Eu abri a porta. —Oi.

—Hey. — Sam olhou para mim, um sorriso curvando o canto de seus lábios. Ela levantou um saco de papel. —Eu trouxe a sobremesa.

Ela descompactou seu casaco, e meu olhar caiu para suas roupas enquanto eu a ajudava a sair disso.

Um suéter e leggings cor de caramelo que combinavam com seus olhos.

—Sam?

—Sim?

Seu shampoo me atingiu, o cheiro indo direto para a minha virilha.

—Você *é* sobremesa.

Com um sorriso, eu a levei até as escadas.

—Eu não posso acreditar que você mora aqui—, ela ofereceu por trás de mim. —Eu percebi depois de crescer em uma casa antiga você pode estar cansado deles.

—De jeito nenhum. Eu amo casas antigas. A maneira como elas rangem, a atenção que precisam, é como viver com outra pessoa mesmo quando você é solteiro.

Olhei ao redor da área de jantar da cozinha com a planta aberta para a pequena sala de estar.

—Este andar estava fechado. Eu tinha um designer para abrir. Mas nós tentamos manter os detalhes, ao molde de coroa pelas portas e pelos tetos.

—É lindo.

—É um trabalho em progresso. Há um monte de coisas que eu nunca pareço chegar. O jogo nunca dorme e eu também não.

—Aparentemente você encontrou tempo para aprender a cozinhar—, disse ela, atravessando para o fogão e fazendo um som baixo em sua garganta. —Cheira como um restaurante aqui.

—Bife do lombo com composto manteiga. Quer experimentar?

Alguns minutos depois estávamos comendo. —Isto é seriamente bom—, disse ela depois de mastigar e engolir a primeira mordida de bife.

—Eu vou fingir que você não parece tão surpresa. — Eu sorri. —Graças a Deus por cozinheiros de blogs.

—Mesmo? Eu não pensaria que você estaria naqueles. Você sabe. A receita para bolo de carne que começa com 'O sol estava fora esta manhã em Wisconsin ... '

Eu ri. —Você está de brincadeira? Essa é a melhor parte. Eu amo boas histórias.

A expressão de Sam mudou quando ela deu outra mordida. —Então seu amigo Charlie me ligou hoje. Diz que há um restaurante chique com estrela Michelin na cidade que poderia usar alguma decoração. Eles estão dispostos a exibir algumas das minhas pinturas.

—Uau—, eu disse depois de um momento de atraso. —Isso é ótimo Sam.

—Sim. Eu tenho algumas peças antes da galeria. Eu estou trabalhando duro para preparar alguns novos também. — Ela sorriu para seu prato, e a insinuação de autoconsciência em sua expressão era fofa pra caralho.

—Ano novo, novo começo. Para levantar das cinzas. — Eu levantei um copo e ela tilintou contra o meu.

Nós tomamos um gole juntos.

Desde que eu tinha visto as imagens da *Fênix* pessoalmente em Titan hoje cedo, a ideia que eu tinha ido de uma noção maluca para firmemente alojada em meu cérebro.

—Eu quero te mostrar uma coisa. — Peguei meu telefone, peguei o post do blog que estava queimando um buraco no meu bolso o dia todo.

O release de mídia incluiu uma das imagens conceituais que Sam criou. —É minha arte—, ela murmurou.

—Recebi uma notificação depois que você saiu esta tarde. Estúdios de design e Hollywood poderiam estar ligando para você agora. Se você quisesse ser creditada pelo trabalho.

—Okay, certo.

—Eu estou certo, Sam. — Eu dei uma mordida na minha comida. O bife era muito bom, na verdade. Talvez eu tenha que cozinhar mais vezes. —Eu também estava pensando sobre o que fazer com o dinheiro do leilão.

Sam franziu a testa. —O que você quer dizer? Você está recebendo aquele carro obsceno de volta.

Eu estremeci. —Primeiro, eu pensei que nós estabelecemos que eu posso me dar ao luxo de recuperá-lo. — Eu fiz uma nota mental para chamar o meu investidor, algo que tinha escorregado

até agora esta semana. —Mas se você não quiser o dinheiro, talvez possamos fazer outra coisa com ele.

Ela piscou para mim. —Como o quê.

Dei de ombros. —Eu estava fazendo alguma pesquisa. A Faculdade de Arte e Design de Massachusetts e outras escolas como se tivesse programação incrível. Nós poderíamos colocá-lo em direção a uma concessão. Ou bolsas de estudo para crianças que gostam de arte, ou de escrever, que não podem pagar de outra forma.

Eu a assisti saborear seu vinho, seu olhar caindo para a mesa. —É muito nobre. Mas é o seu dinheiro.

Eu abaixei meu garfo. —Então, para ser claro, você não quer o dinheiro e não quer participar na decisão sobre o que acontece com ele?

Eu não conseguia ler a expressão no rosto dela. —É melhor assim. Eu percebi isso quando voltamos de Los Angeles. Isso - os filmes, os jogos, a arte cômica - é o seu mundo.

—Todos nós vivemos no mesmo mundo, Sam.

Por alguma razão, parecia que ela estava desenhando linhas entre o meu mundo e o dela. Construindo muros, cercas, o que ela pudesse nos manter separados.

Estava começando a me incomodar.

Ela se levantou, levando seu prato para a cozinha e eu mordi de volta a frustração enquanto eu a seguia.

Eu completei o seu vinho e o meu. Depois mostrei a ela o resto da casa, incluindo meu quarto - que ela estudou por um longo momento - e o segundo quarto vazio, terminando com o terceiro quarto convertido.

—É isso. — Eu acendi a luz, revelando o maciço envolvente sofá que tinha sido personalizado para o espaço, e a tela de nove pés que estava alinhada com a parede.

—Droga. Esta é uma grande atualização da sala de estar do meu pai. Ou aquele teatro ruim que costumávamos ir.

—É—, eu concordei quando ela cruzou para inspecionar a TV. Os pequenos orifícios na parede eram a única indicação do sistema de som atrás do gesso.

Eu peguei meu controle remoto. —Como você se sente sobre *o Homem de Ferro*?

—Favorável.

—Graças a Deus. Caso contrário, eu teria que te expulsar e guardar a sobremesa para mim.

Eu coloquei o filme e Sam se acomodou ao meu lado.

Essa noite eu não pude me concentrar no filme. Minha cabeça estava zumbindo do vinho, dela e da questão não resolvida em meu cérebro.

Eu olhei de relance, o contorno de seu perfil iluminado pela enorme tela. Seus lábios entreabertos, os olhos arregalados treinados na ação.

Ela colocou o copo de vinho na mesa. —Diga-me uma coisa—, ela perguntou, seu olhar nunca deixando a tela. —Qual é a parte mais difícil de ser um bilionário filantropo playboy?

—Eu não sou um bilionário. Ou um playboy. Ou um filantropo. Eu fiz uma careta. —Na verdade, isso não é verdade. Eu dou generosamente ao habitat panda.

Sam se virou para mim, surpresa em seu rosto. —O que?

—Eu mantenho as fotos daqueles caras peludos na minha mesa. Isso me acalma quando estou tendo uma semana difícil.

Ela empurrou meu bíceps e eu sorri. Parte da frustração desapareceu.

Seu cabelo estava puxado para trás do rosto em um rabo de cavalo de uma maneira que parecia muito apertada. Movendo-se por instinto e com a ajuda do vinho, peguei o elástico no cabelo dela e o puxei para fora.

—Eu encontrei seus desenhos, Sam—, eu murmurei, incapaz de segurá-lo. —Online. O perfil que você mantém...

—O que ?! — Ela congelou.

—Eles são incríveis. Eu sabia que você era boa demais para ter aprendido agora. O que não sei é por que você parou.

Seu olhar ficou nublado. —Eu não quero falar sobre isso.

—Bem, eu preciso que você me diga.

Sam me estudou e achei que ela ia recusar. Finalmente, ela falou. —Eu comecei depois que minha mãe morreu. Foi a minha salvação ao longo do primeiro ano. Então, no último ano, não era mais sobre mim. Você era parte disso. Nós até planejamos fazer uma história em quadrinhos juntos um dia.

Um dia que nunca aconteceu.

—Depois do meu aniversário, afastei-o.

—Como você me empurrou embora, — eu murmurei.

Seus olhos brilharam. —Você me machucou. Você não tem ideia do quanto.

—Sam, eu te disse como me senti. Eu te disse-

—Eu também te amei, Lee. — Ela respirou fundo, mas eu só notei porque meu corpo estava formigando em todos os lugares. — Mais do que pensei que pudesse amar alguma coisa. Foi a única coisa que eu disse a mim mesma que não faria. Porque eu sabia que isso iria me destruir. E isso aconteceu.

—Eu não poderia encarar você depois disso. E eu não poderia me encarar por ser tão fraca.

O zumbido nos meus ouvidos não vinha da TV. Foi de algum religamento profundo acontecendo no meu cérebro. Reescrevendo o passado.

Eu peguei a mão dela. —Sam, éramos crianças. E não precisamos ser nosso passado, podemos ter um futuro.

Se você me amou uma vez, pode me amar de novo.

Eu assisti emoções sobre o rosto dela, uma perseguindo a outra até ficarem borradas. Estabeleceu-se em uma máscara.

—Diga algo.

Ela descansou um cotovelo na parte de trás do sofá. —Eu não posso.

—Por que não? — Eu fiz uma careta, tentando fazer sentido. — Você não pode simplesmente decidir não amar ninguém ou alguma coisa porque é mais fácil. Que tipo de vida é essa?

A dor passou por suas feições. —Como é isso melhor do que você está fazendo? Você sorri e brinca de se vestir e lembra dos aniversários de mulheres pelas quais não sente nada. Porque você preferiria passar sua vida jogando pelo seguro em vez de ir para o que você realmente quer.

Raiva se levantou. —Isso não é justo.

—Talvez não—, ela admitiu. —Mas é verdade.

Eu a arrastei para baixo, pressionando-a no sofá, minha boca se fundindo com a dela.

Ela pegou minha camisa, mas eu prendi as mãos no sofá. Eu a beijei novamente, arrastando minha boca sobre o pescoço dela. Ela arqueou-se embaixo de mim. —Lee...

Eu queria mostrar a ela que ela estava errada. E isso nada fazia sentido até ela voltar à minha vida.

Eu peguei a bainha de sua blusa e ela levantou os braços. Em vez de puxá-la sobre a cabeça, eu apenas acariciava sua cintura antes beijando-a novamente.

Então desci em seu corpo.

—Riley.

Eu nunca quis ouvir meu nome dos lábios de outra mulher.

Eu trabalhei o botão em suas calças, e minha boca caiu mais baixo.

—Riley. *Pare*.

Eu arrastei meu olhar para o rosto dela, sentindo como se ela tivesse me esbofeteado.

—Você quer dizer isso, Sam? — Eu disse rouco.

Sua garganta trabalhou e meu coração bateu em meus ouvidos, a sala cheia com os sons da televisão e sua respiração.

Eu observei seus lábios por qualquer movimento, mas só havia tremor.

—Diz. Diga e eu vou.

Seus olhos estavam arregalados e cheios de emoção nos meus.

Eu peguei um dedo em sua calcinha e, movendo-me em um ritmo glacial, puxei-as para baixo de suas pernas. Eu acariciei um dedo em sua fenda, meu olhar pesado no dela para avaliar sua reação.

Não é uma merda de palavra.

Eu peguei sua expressão, querendo e confusa.

Ela parecia precisar de algo. E eu queria ser o único homem a dar a ela.

Eu abaixei minha boca para murmurar as palavras contra sua pele, minha respiração a fazendo tremer.

La sirena.

Minha língua passou por ela, e ela se afastou do sofá.

Mi sirena.

Ela era selvagem, forte de vontade, cheia de desejos concorrentes que eu não conseguia entender ou processar.

Isso nunca me impediu de tentar.

Eu a adorei com meus lábios, minhas mãos, meu corpo. Seus gemidos e puxões no meu cabelo me disseram exatamente o que ela queria.

Quando ela quebrou minha boca, eu não a deixei cair. Eu não a decepcionei por um segundo. Eu a segurei lá, persegui-a até que ela soltou e veio novamente.

Sua respiração estava áspera quando eu mudei seu corpo. Suas mãos agarraram meu cabelo, puxando meus lábios contra os dela. Nós nos beijamos até que eu estava doendo de necessidade, e ela enfiou a mão na minha calça para envolver seus dedos em volta de mim, tirando um gemido da minha garganta.

Eu não a deixei cair, e ela não me deixou cair também.

Ela estava certa sobre uma coisa. Eu nunca senti o tipo de intensidade que eu senti quando estava com ela.

Não no trabalho, com certeza não com mais ninguém.

Se era isso que significava viver, eu estava fazendo errado.

Quando ela encontrou meu bolso, rasgando o pacote e rolando sobre mim com as mãos frias, eu estava desesperado.

Quando ela se moveu sobre mim, me levando para dentro dela em um movimento lento e sinuoso que arrancou um gemido do meu corpo, eu estava fodendo.

Sam era uma silhueta escura contra a tela, movendo-se perversamente sobre mim em um ritmo que nenhum de nós podia resistir.

Minhas mãos agarraram sua pele lisa, acariciando, encorajando e atormentando.

Nós perseguimos o sentimento até que fomos juntos ao limite.

Quando nos deitamos no sofá, peitos juntos, seu suor misturando-se com o meu e nossos pulsos martelando um contra o outro, eu fui forçado a admitir isso.

Minha cabeça e meu coração estavam inextricavelmente amarrados na mulher em meus braços.

E eu não podia negar ou ressentir o modo como ela me possuía.

26

TATUAGEM

— Ei menino Maravilha!

Eu levantei meu olhar de onde eu estava zoneando no meu telefone.

Charlie acenou do canto da minha deli favorita. Ela e seu companheiro poderiam ter sido suportes de livros em uma campanha da Brooks Brothers, exceto por sua manta rosa neon saia e botas de couro preto.

Eu fui até a mesa deles. —Eles estão deixando em todos os tipos agora.

—Isso é o que você ganha por compartilhar seus esconderijos favoritos. — Ela sorriu. —Você se lembra de Avery.

Eu estendi a mão. O namorado de Charlie, que usava um terno azul marinho e uma gravata roxa que eu queria ter no meu armário, deu um aperto firme.

—Sua menina está no meu restaurante—, disse Charlie presunçosamente, eu não indiquei que Sam não era nem minha garota nem o restaurante 'Charlie's restaurant'.

—Sim, é ótimo.

Desde que a nossa exibição do Homem de Ferro passou de PG para 18A no meu sofá - sem queixas - eu não pedi a Sam para ficar, e ela não pediu para ficar.

Naquele período de duas semanas, saímos mais dias do que não. Na minha casa ou no meu escritório.

Quase sempre terminava com a gente em uma bagunça suada.

Eu deveria estar feliz por termos um padrão, que eu não tinha mais que justificar querer passar um tempo com ela. Em vez disso, o padrão em si me perturbou.

Nós éramos a correção um do outro.

Eu não queria ser assim para ela. Ou para conseguir isso dela.

—Ry. Ouviste-me?

Eu pisquei, percebendo que Charlie estava olhando para mim, expectante. —Desculpa. Repita isso.

O olhar de Charlie se estreitou. —Você está bem?

—Não. — Eu soltei um suspiro. —Posso perguntar a vocês alguma coisa. Como duas pessoas em um relacionamento estável.

—Você disse a ele que nós tínhamos um relacionamento estável? — A voz de Avery era baixa e divertida.

—Estável não era a palavra que eu usava. Mas nós moramos juntos - ela lembrou a ele.

—É por isso que eu preciso do seu conselho. — Duas cabeças se viraram para mim com expectativa. —Como você faz alguém

perceber que eles querem mais. De um relacionamento. Eu enfiei a mão pelo meu cabelo. —Sam acha que eu sou parte do passado dela. E tudo o que estamos fazendo, é como se estivéssemos preenchendo lacunas. Buracos que nós deixamos dez anos atrás. Eu não quero mais fazer isso. Eu quero um futuro. Eu quero construir algo melhor, com ela.

Charlie pegou a mão do namorado. —As pessoas têm essa ideia que você conhece alguém, você namora, uma coisa leva a outra, e bam - você está andando pelo corredor com pombas voando para fora da sua bunda. Mas uma coisa é perceber que existe uma conexão e outra coisa dar o salto.

—Significado?

Ela se inclinou para dentro. —Significa que eu sei que você está acostumado a conseguir o seu caminho, Menino Maravilha. Mas se ela ainda não estiver lá, você não poderá forçar.

—Certo. Então eu devo dar a ela algum espaço. — Eu considerei. —Isso deveria ser fácil. Estou cuidando da minha sobrinha hoje à noite.

—Ai está.

—Eu não tinha ideia de que você pensava tanto sobre isso—, disse Avery para Charlie.

—Sou muito sensível. E sou uma otária por uma boa causa.

Ele sufocou um bufo, transformando-o em uma tosse.

Ela se virou para mim. —Agora, nós lhe demos a sujeira, você nos deve um pouco.

Eu olhei em volta. —Bem. Esse boato de que Jane Casey assinou para jogar a liderança em Phoenix? É verdade.

Os olhos de Charlie se iluminaram quando ela fez um barulho de excitação que eu nunca esperei ouvir. —Se você está procurando extras, Ry, estou pronta para o meu close-up. Eu tenho um tiro na cabeça.

—Surpreendentemente, você é a décima quinta pessoa a me perguntar sobre isso.

—Mas somos *amigos*.

—Eu não posso dizer se ela está brincando— falei para Avery.

—Nunca é seguro assumir—, respondeu ele.

—Obrigada por levá-la para a noite—, disse Grace quando ela soltou Emily de seu assento de carro. —Nós temos um jantar para ir, mas estaremos prontos para pegá-la de manhã. Ou você pode deixá-la.

—Atualmente estou sem carro.

Ela fez uma cara estranha. —O que?

—Longa história.

Com todo o trabalho legal e contábil feito para o final do ano, juntamente com a negociação de alguns acordos anuais e ter os livros checados para garantir que não iríamos nos deparar com

outra questão com folha de pagamento, eu tinha sido muito criticado para investigar carros.

Além disso, houve zumbidos começando a construir em torno do jogo. A mídia começou a ligar, querendo entrevistas com Max ou comigo.

Todos queriam algo de mim. E nenhum deles era o povo que eu queria me dar.

Eu estava transformando algo na minha cabeça desde a noite assistindo filmes com Sam. Ela não tinha levantado de novo, mas parte de mim se perguntava... eu estava perdendo a vida fazendo o que era fácil, em vez de fazer o que eu queria?

—Tio Lee! — Emily pulou para fora do carro e pulou em cima mim.

Eu sorri abertamente. —Hey Relâmpago

Seu suspiro cheirava a impaciência. —Não é mais Relâmpago. Eu sou uma ninja!

—Obviamente—, eu concordei.

Grace olhou em volta da cabeça de Emily. —Obrigada por trazer de volta aquela figura de ação de Los Angeles.

Eu encolhi os ombros. —Eu trouxe para ela a Disney. Ela viu o outro na minha bolsa e pegou em vez disso.

Grace empalideceu. —Conte-me que não vale uma pequena fortuna.

—Está assinado na parte inferior.

Seus olhos se fecharam brevemente. —OK. Tchau querida, papai e eu a veremos amanhã.

Eles se despediram, então eu arrumei Emily escada acima com a bolsa da noite.

—O que você quer fazer essa noite?

—Filmes! Eu quero assistir Ninja!

—Ninja ainda não saiu.

E também tinha muitas decapitações para uma criança de quatro anos.

Para ser justo, quaisquer decapitações foram provavelmente demais para uma criança de quatro anos de idade.

—Que tal Dori?

—DORIIII !!!

Comemos pedaços de peixe e ketchup que eu tinha comprado para o jantar e vi Dori na minha tela gigante. (A ironia parecia perdida para ela.)

Emily descobriu um novo hobby, correndo na frente da televisão fingindo —nadar— com ela como personagens favoritos em tamanho real.

O texto chegou perto do final, acompanhando a figura de um cheque.

Sam: Confira os zeros. Eu vendi uma pintura hoje no restaurante.

Riley: Sério? Muito bem, superstar

Sam: Vamos celebrar

Desde que corri para Charlie e Avery hoje cedo, eu disse a mim mesmo que não iria empurrar Sam.

Assim quando recebi o texto dela, o calor se espalhou através de mim. O fato de ela ter sido a única a iniciar tinha que significar alguma coisa, certo?

Eu não tinha certeza do que íamos fazer que não entraria em conflito com meus deveres de babá, mas não consegui dizer não.

Riley: Venha por volta das nove. Entre em silêncio.

Sam: Você tem outra garota lá?

Riley: sim. Ela tem quatro.

Sam: ???

Riley: Você vai ver.

Depois que Dori alcançou todos os seus desejos existenciais de peixe, eu sugeri que era hora de dormir.

—Nãããão! — Emily tirou a 'natação' ao redor da casa, rindo e agitando os braços roliços de ketchup.

Ah bem. Eu poderia limpá-la depois de lavar a louça.

Eu deixei ela brincar na sala de estar, mantendo um olho próximo enquanto eu limpava o jantar.

Sam: No meu caminho!

Riley: A porta está aberta, venha

O texto de Sam enviou uma onda de antecipação através de mim enquanto eu trabalhava nos pratos.

—O que você acha Em?

Quando a minha pergunta foi recebida pelo silêncio, olhei para ver Emily desmaiar no tapete macio, as mãos enroladas em pequenos punhos em sob a cabeça dela.

Deus ela era fofa. Espero que ela não acorde quando eu a carregar para a cama.

Eu coloquei o último dos pratos longe, aproveitando o momento de paz e tranquilidade.

Passos nas escadas me fizeram sorrir.

—Ei, você fez isso...

Eu parei quando me virei para encontrar Sam pairando na borda da sala de estar. Algo estava errado. Sua bolsa estava deitada no chão, ela com o rosto branco e a mão sobre a boca enquanto ela olhava.

—Sam. Você está bem?

Eu cruzei para ela, forçando-a a olhar para mim. —Ei. O que está errado.

Eu olhei por cima do meu ombro, finalmente me aproximando.

Uma criança, com a face para baixo e imóvel.

Listras vermelhas de catchup cobrindo sua pele pálida.

A preocupação e a empatia corriam por mim. —Sam. Emily está bem. Ela adormeceu depois do jantar.

—O que? — O olhar de Sam voltou para mim, mas era vítreo, sem foco.

—Vamos. Vamos nos sentar. —Eu a ajudei no meu quarto, sentei na minha cama.

Então voltei para Emily. —Ok, Ninja—, eu sussurrei em seu ouvido enquanto eu a pegava. —Hora de dormir.

Limpei-a, escovei os dentes e instalei-a no sofá-cama na sala de cinema que eu tinha transformado em um quarto, enfiando-a no chão. brinquedos favoritos - os macios, não a figura de ação - ao redor dela.

—Noite Em

—Noite Lee

Eu saí na luz noturna do circo que eu comprei para seu terceiro aniversário e apaguei a luz do teto antes de voltar para o meu quarto.

—Sam?

Sem resposta.

Não vi Sam, e nenhuma indicação de que ela estivesse lá, exceto por algumas rugas na colcha.

Eu andei pelo casa, notando a porta do quarto de hóspedes entreaberta.

Ela sentou-se no assento da janela, com os joelhos apertados contra o peito.

—Ei—, eu murmurei. —Você está bem?

Eu peguei o interruptor de luz, mas ela me parou. —Não

Ignorando a atração profunda no meu intestino que sempre pegou no escuro, eu cruzei para ela.

—Venha aqui. — Eu mudei para o assento da janela e girei-a, puxando-a de volta contra a minha frente e envolvendo meus braços em volta dela.

—Você esquece—, ela murmurou contra o meu antebraço. — Você esquece o que é não respirar.

Eu pressionei meus lábios contra seu pescoço, o cabelo preso à sua pele do suor frio.

Ela se virou em meus braços. —Eu a amava muito, Lee—, disse ela quando encontrou sua voz. —E eu também te amei. E a arte que eu costumava fazer. Eu não queria esquecer nada disso. Mas tudo que eu amava doeu. E eu queria parar de me machucar. Ela estremeceu e eu a segurei com mais força. —Parece ser comido vivo.

—Entendi. Acredite em mim.

—Como você superou isso? O medo do escuro?

Eu olhei ao nosso redor nos cantos da sala vazia. —Você não faz. — Eu me virei para ela, meu polegar roçando sua bochecha.

Os lábios de Sam se separaram, os olhos cheios de emoção. —É lindo. Este quarto, quero dizer. Você deveria usá-lo.

—É preciso um pouco de trabalho. — Eu estiquei meu pescoço para olhar para o teto, o molde que percorria o comprimento das paredes.

—Todos nós—, ela disse, e eu sorri.

Ela puxou meu braço em seu colo, começou a traçar padrões no meu braço com um dedo cuidadoso.

Necessidade passou por mim. Não a necessidade física, embora sempre houvesse isso com ela. A necessidade de estar perto dela. Para conhecê-la e saber o que ela sabia.

Eu inclinei meu braço em direção à luz fraca que entrava pela janela, como se eu estivesse tentando distinguir a forma invisível.

—O que você está desenhando? — Eu perguntei.

—Você e eu. — Sam deixou cair o dedo, fazendo como se estivesse inspecionando seu trabalho.

—Eu desejo nunca lavar.

—Por causa das minhas habilidades loucas? — Seus lábios se curvaram na escuridão.

—Porque somos nós.

As palavras poderiam ter sido um peso, mais uma lembrança do fato de que eu queria algo que ela não queria.

—Hey Sam. — Eu tentei colocar em palavras a sensação de que estava me incomodando ultimamente. —Por que você não quer nada de mim?

—O que você quer dizer?

Eu respirei fundo pensando em suas palavras de antes. — Alguém me disse que eu não deixo as pessoas entrarem. E talvez seja verdade. Mas você... você me vê. Você vê tudo. Eu não sei se você

invadiu, ou se eu te dei a chave. De qualquer maneira, você está na minha cabeça. — *E meu coração.* —Mas é como se você não quisesse estar lá. Como se você visse tudo o que eu tenho e tudo o que sou e você não quer participar em nada disso.

—Isso é o que você acha? — Ela inclinou o rosto para encontrar o meu olhar. —Eu senti um monte de coisas por você, Riley McKay—, ela murmurou, uma convicção feroz em sua voz. —Às vezes é como se eu sentisse todos os sentimentos possíveis, como se eles tivessem dobrado meu corpo e meu coração fora de forma para senti-los. E mesmo que eu não saiba se posso ir lá de novo? — Ela roçou minha mandíbula com dedos cuidadosos. —Eu não sei se posso parar.

Algo havia mudado nela, em nós, esta noite. Eu podia sentir isso nela antes mesmo de ela se mexer no meu colo, me abraçando. Foi como uma brisa através de uma janela aberta. A mudança das estações. O alívio de respirar de novo depois de estar debaixo d'água por tempo demais.

Quando sua boca encontrou a minha, foi reconfortante e urgente ao mesmo tempo.

Tiramos nossas roupas, mudando de posição no assento da janela.

Sem puxar minha boca da dela, consegui deitá-la abaixo de mim.

Ela era linda, mesmo no escuro. Eu nunca tinha entendido o que ela queria dizer sobre ver algo, mas agora... sem a luz eu podia senti-la mais. Sentir ela. Cheirar ela. Cada curva imaginada, e inchar e olhar.

Meus dedos deslizaram pelo seu corpo, encontrando o caminho entre suas coxas onde ela estava já encharcada.

—Lee—, ela sussurrou contra os meus lábios, com uma inflexão para cima no final.

—Eu adoro quando você diz meu nome assim. — Meu peito se apertou.

Ela me olhou com olhos encapuzados. —Eu não quero ter medo de nada. Não com você. — Eu soltei um suspiro pesado enquanto seu dedo arrastava pela minha bochecha, meu queixo.

—Eu não quero isso também.

—Bom. — Sam hesitou, saudade e incerteza em seu rosto em igual medida quando ela puxou o lábio entre os dentes. —Eu estou tomando pílula.

Eu pisquei.

Vestir camisinha foi inquestionável para mim. Eu estava programado para usar proteção dada a maneira que eu vim ao mundo.

Mas eu queria isso.

Não só porque eu queria filhos algum dia, ou porque confiava nela implicitamente, embora ambos fossem verdade.

Porque nada entre nós poderia estar errado.

—Ok, então—, eu disse baixinho.

Sua boca se abriu. —OK?

Eu assenti. —Vamos fazer isso.

Ela reprimiu uma risadinha. —Não é um desafio Survivor.

—Poderia ser—, eu discordei. —Podemos estar fazendo isso por um longo tempo. Não há pausas para comida ou água...

Seu rosto, cheio de emoção, se dissolveu em um sorriso quando ela puxou eu em direção a ela.

Eu acariciava seu calor caloroso com meu pau e ela gemeu, fechando os olhos.

Eu não sabia como seria, mas algo me dizia que não havia nada que eu pudesse fazer para me preparar para isso.

Eu reivindiquei sua boca enquanto eu pressionava dentro dela. Meu coração parou.

Pelo menos, foi assim que me senti.

Meus sentidos foram embora. Eu estava cego para o mundo.

Tudo que eu pude sentir era ela, escorregadia e quente ao meu redor.

Eu não parei. Eu dirigi até ela, encontrando um ritmo que nos fez arfar.

Havia a borda de madeira, dura sob meus joelhos, e a escuridão, ameaçando me engolir inteiro. Mais do que qualquer um deles havia Sam, minha luz através de tudo.

E ela era mais que suficiente.

27

VOCÊ SABIA QUE ISSO ESTAVA VINDO

Eu estava atrasado para o trabalho. Por quê?

Porque acordei ao lado da mulher mais linda que já conheci.

Uma que ficou mais noites do que não desde que eu cuidei de Emily mais de uma semana atrás.

Aquela que cantou quando ela escovou dentes, em vez de no chuveiro como uma pessoa normal.

Um que finalmente capitulou para ser minha namorada. (Literalmente, eu a prendi na outra manhã e escrevi 'namorada de Riley' em caneta no interior de seu braço enquanto ela ria até ela chorar.)

As coisas finalmente foram boas entre nós. Uma barreira caiu, e eu não estou falando sobre o látex.

Eu sempre gostei da previsibilidade de estar em um relacionamento real. Mas namorar Sam era como um relacionamento regular em crack.

Não porque ela era imprevisível, embora ela pudesse ser.

Porque tudo o que ela provocou, causou uma resposta.

Fiquei fascinado pela maneira como as roupas dela eram escolhidas pela manhã. Perplexo com os blogs de arte que leu. Fascinado pelo fato de que ela fez seu pai almoçar e jantar todos os dias, principalmente como uma desculpa para checá-lo.

Ele estava tentando levá-la a sair, o que eu era tudo.

Eu tinha uma casa gigante e quase o suficiente de Sam.

Foi uma loucura que eu senti que precisava de mais dela, quando dois meses atrás eu não tinha nada dela.

Mas você sabe o que mais foi louco?

O jeito que ela apareceu na minha porta na noite passada vestindo uma saia de couro preta - uma maldita *saia.*

Fim de jogo.

Eu fechei a porta da frente e antes que ela pudesse dizer olá, pressionei-a contra ela e gostei do jeito que meu nome soava ecoando no foyer.

(Então, novamente na cozinha.)

(E o chuveiro, porque a essa altura estávamos muito sujos para qualquer outra coisa.)

Eu amei que eu poderia ser tão fodidamente depravado quanto eu queria e ela nunca me disse uma vez não, porque ela queria tanto quanto eu.

—O que está acontecendo? — Perguntei a Jimmy quando cheguei a Titan.

—Estamos executando uma demonstração do *Omega.*

A equipe de codificadores estava agrupada em torno de uma configuração de console em uma extremidade do poço, conectada a uma televisão de tela grande.

Max e Muppet sentaram lado a lado em cadeiras de saco de feijão jogando a versão mais recente do jogo. Seus avatares se moviam no chão até que eles ficaram cara a cara com o inimigo.

—Há uma falha aí mesmo—, murmurou Muppet. Max permaneceu inexpressivo, os ombros tensos e os braços se contraindo enquanto manipulava o controle.

O inimigo avançou, os personagens entrando em combate. Max e Muppet continuaram a tocar, cada um chamando a atenção de outros codificadores que tomavam notas sobre os demais assuntos. Seus avatares estavam claramente ganhando a luta, diminuindo o rebanho de oponentes um por um.

—O reconhecimento facial está ligado? — Max disse.

—Sim—, respondeu Muppet.

—Nada está acontecendo—, eu murmurei.

—Sim. Exatamente como no último mês de fazer isso - respondeu Jimmy.

Nas semanas desde que voltei de Los Angeles, esperava algum progresso no lado tecnológico das coisas.

Mas fiel ao seu nome, *Omega* pode ser o nosso fim.

Eu comecei a me virar e Jimmy seguiu. —Ry, posso falar com você por um segundo?

Fiz um gesto com a cabeça e ele me seguiu até a sala de conferências de vidro. Eu olhei em direção a um assento, mas ele balançou a cabeça.

—Um dos nossos concorrentes está fazendo ofertas. Eu não deveria dizer quem, mas dado que eles estão dobrando sua força de trabalho, você provavelmente pode adivinhar.

Eu amaldiçoei. A Axel, nossa maior concorrente, havia assinado um acordo de plataforma pouco antes do fim do ano, dando acesso de streaming aos seus jogos através de um distribuidor. Eu quase cuspi minha Red Bull quando li no noticiário de tecnologia.

—Eu não sou o único que foi abordado. — Jimmy esfregou a mão sobre o cavanhaque, olhando de volta para a demonstração acontecendo do outro lado da sala. —Eu acho que há preocupações sobre o futuro do Titan. O jogo da *Fênix* foi o maior lançamento de todos os tempos. Mas já faz quase dois anos e não temos um novo produto na mesa. Além disso, há um rumor por aí.

—Que tipo de boato?

—Que estamos queimando dinheiro. — Eu cruzei os braços sobre o peito. —Tenho certeza que é uma porcaria. Mas as pessoas passam dezesseis horas por dia aqui, elas falam.

—Entendi. Obrigado por me dizer. E Jimmy? Vai ficar tudo bem. Ele assentiu e, enquanto eu o observava caminhar de volta para seus colegas, uma pedra se instalou no meu estômago.

Titan precisava de algo para nos colocar de volta no mapa. Não era apenas sobre dólares também. Confiança com a equipe tinha sido levantada quando a adaptação do filme de *Phoenix* foi anunciada. Mas como ninguém além de mim estava envolvido com isso - e Max não tinha interesse em mudar isso - eles não sabiam se tinha algum poder para mudar seu destino com Titan.

Quando soube do acordo de Axel para licenciar seus jogos em uma plataforma de streaming, uma ideia tomou forma. Não poderíamos ir direto para a plataforma, mas envolver a Epic em um relacionamento que alavancasse todas as nossas marcas e os investimentos em publicidade.

Estrondo. Quatro de julho fogos de artifício.

Alinhando a Epic e os distribuidores e fazendo com que ambos colocassem uma grande quantia em dinheiro era mais fácil falar do que fazer, mas ei - esse foi o show.

Peguei meu telefone, surpreso quando alguém atendeu no primeiro toque. David? É o Riley. Preciso da tua ajuda.

—Eu recebi o seu e-mail—, disse Max da porta do meu escritório na tarde seguinte. —Você queria conversar. Vamos conversar. Ele puxou a porta atrás de si e sentou-se em uma das cadeiras do saco de feijão no canto.

Não era uma conversa de saco de feijão, mas ele tinha cometido, então eu peguei o outro. Eu me movi para frente para descansar meus cotovelos nos meus joelhos.

—Eu te disse que estava fazendo um novo contrato. Você conhece Cobalt?

—Eles são a maior plataforma de streaming de jogos do mundo.

Eu assenti. —Eles estão dentro. Então é épico. Nós damos a eles nossos jogos, nós recebemos um corte. Tanto a Epic quanto a Cobalt criam publicidade, porque a Epic quer construir a base de fãs que provavelmente verá o filme. Vai trazer mais cinco mil este ano e até dez mil a seguir. Com praticamente nenhum esforço adicional.

—Eu não gosto do corte que eles tomam.

—Primeiro, estamos sangrando dinheiro tentando construir a funcionalidade que você quer no *Omega.* Em segundo lugar, pedi um favor com nosso contato na Epic para que esse acordo acontecesse. Se Max ouviu a frustração na minha voz, ele não deixou transparecer. Mas a realidade era que David passara por grande momento. —Você viu o contrato que eu enviei?

—Sim. Eles querem distribuir o *Omega* como parte do acordo.

Eu assinalei meus dedos um por um. —Nossas vendas estão diminuindo. Estamos perdendo virtual espaço na prateleira. Nós precisamos de fluxo de caixa. E a equipe precisa de segurança.

Ele franziu a testa. —Do que você está falando?

—Nossos concorrentes estão crescendo. E eles estão caçando.

—Se alguém lá fora quiser sair, eles podem ir em frente e fazê-lo.

Eu soltei uma meia risada. —Todos neste time nós escolhemos a dedo. Eles são da família.

—Se eles são da família, eles serão leais. — Ele esfregou as costas da mão dele em sua boca. —Falando disso. O que exatamente é um consultor de marca?

—Do que você está falando?

—Havia um pós-escrito no e-mail que você me encaminhou. Aquele com o contrato.

A confusão tomou conta de mim quando peguei meu telefone e rolei pela caixa de entrada. Eu cliquei na mensagem de David e olhei para o final.

Eu estava tão focado no anexo, eu apenas desnatado o resto.

PS Eu não me esqueci da nossa conversa no mês passado. Como é $ 15k / mês? É o melhor que posso fazer a curto prazo. Nós vamos chamá-lo de um consultor de marca. Deixe-me saber se você está dentro

Merda.

Eu conheci o olhar acusador do meu amigo. —Max...

—Você deve estar realmente motivado a pular do barco para receber um salário assim. — Ele ergueu um ombro. —Se vocês estão procurando por uma saída, você não precisa da Epic para fazer isso. Sempre houve uma porta. Está sempre aberta.

—Eu não pedi uma oferta de emprego—, eu disse em voz baixa.

—Mas você sabia que isso estava chegando. — Sua voz tremeu nas bordas.

Eu não respondi a pergunta dele. —Ouça. Quando você começou esta empresa, você queria fazer jogos. Você acha que podemos continuar fazendo o que sempre fizemos e esculpir um nicho no mercado. Nós não somos mais algumas pessoas. Esta é uma corporação. Tem marcas. Ativos. Precisamos de diversificação. Estamos administrando um negócio, Max.

Max levantou-se da cadeira, seu rosto uma máscara de raiva teimosa. —Eu comecei o Titan a fazer uma coisa. Fazer os melhores jogos do planeta.

—Você não acha que é isso que eu estou tentando fazer? — Minha voz subiu.

—Com base no que eu li neste email, eu não sei, Ry. —Ele esfregou a mão no pescoço. —Mas eu sei de uma coisa. Não estamos aceitando o acordo.

Sem um som, ele se virou e saiu.

28

A COISA CERTA

— EU acho que preciso de uma bebida.

Meu coração se levantou apenas vendo o rosto de Sam do outro lado da minha porta. —Merda, eu também.

Ela me seguiu para dentro da casa, chutando seus tênis Converse. Ela poderia estar no colégio novamente com seu stonewashed jeans e capuz, o cabelo enfiado em um coque que me deixava ansioso para derrubá-lo.

—Você vai ao ginásio? — Ela perguntou.

Eu olhei para a minha calça de moletom e camiseta branca, passando a mão pelo meu cabelo molhado.

—Só tive o tipo de dia que eu precisava de tomar banho.

Ela me seguiu pelas escadas e eu fui até a geladeira para nos servir um copo da garrafa meio vazia que nós começamos a noite anterior. —Você primeiro.

—OK. Então, era totalmente estranho ir para a caça de apartamentos - como se eu estivesse de volta à faculdade ou algo assim - mas... —ela respirou fundo. —Acho que encontrei um lugar. Eu coloquei um depósito e tudo mais.

—A sério? Você se move rápido.

—Meu pai quer que eu mude, embora eu pense que é mais por minha causa do que por ele. Ainda. Estou pronta para ter meu próprio espaço.

Eu levantei uma sobrancelha. —Para pintar?

—E outras coisas. — Sua boca se contorceu e ela se aproximou, pressionando os dedos dos pés para me beijar.

Quando passei meus braços ao redor dela, a sensação de seu corpo contra o meu através de nossas roupas finas fez meu cérebro puxar em uma direção perigosa.

Coloquei minhas mãos em seus ombros e ela voltou a ficar de pé.

—O que há de errado? — Ela perguntou.

Eu peguei meu vinho, tomando um longo gole antes de limpar minha garganta. —Max e eu discutimos sobre Titã. Eu tenho tentado estruturar este acordo de plataforma que precisamos, mas Max nem vai olhar para isso. —Eu esfreguei a mão no meu pescoço. —Tivemos desentendimentos antes, mas nunca algo sério.

—Eu sinto muito. Você realmente não acha que pode resolver isso? As mãos de Sam foram para meus antebraços, e eu me conformei para brincar com os cinto no cós do jeans dela.

Eu balancei a cabeça. —Eu estive pensando sobre isso a tarde toda, e talvez seja uma oportunidade disfarçada. Você mesmo disse. Eu não teria escolhido esse trabalho se Max não tivesse feito o primeiro jogo.

—Bem, claro. Você pode fazer o que quiser, Lee. Tenho certeza que os caçadores de cabeças estariam em cima de você se você decidisse que estava pronto para fazer uma mudança. —O olhar preocupado em seu rosto não saiu.

—Eu não preciso de um recrutador. David me fez uma consultoria de oferta de emprego em *Phoenix*.

Sam se endireitou, piscando para mim. —David quer que você trabalhe para ele?

—Em LA, por oito meses. Esta poderia ser a minha chance de tentar algo novo. Esperei uma batida. —Eu quero que você venha comigo. Com a rede de David, poderíamos pegar algo pra você também. Quero dizer, você teria que estar disposta a colocar seu nome lá fora —, eu disse, entrando agora, — mas por que diabos não? Será a excelente aventura de Sam e Riley, parte II.

A respiração pesada que ela explodiu teve meu intestino apertando. —Riley. Eu preciso te contar uma coisa. Este negociante de arte me ligou hoje. Ele viu meu trabalho no restaurante. Ele quer me apresentar em sua galeria neste verão. Ela corou. —Eu disse ao meu pai sobre isso, e ele realmente sorriu. Eu acho que é a primeira vez que o vejo sorrir sobre o meu trabalho desde que eu larguei a faculdade.

Orgulho floresceu no meu peito, com sentimentos de confusão misturados enquanto eu estudava seu rosto. —Isso é ótimo, Sam. Mas isso é realmente o que você quer? Pintar árvores e paisagens para os Jonathans do mundo? Quer dizer, você pode alcançar seu milhão de pessoas através de *Phoenix* sozinho. Não é hora de fazer o que você quer fazer?

Seu rosto corou e ela puxou as mãos das minhas. —Não é tão simples assim. Eu fui para a escola por belas artes. Eu venho fazendo isso há uma década e preciso ver isso.

—Eu entendo que você parou de fazer quadrinhos porque estava com medo. Mas você não precisa mais ser. Venha para Los Angeles comigo. Não é complicado. Você pode voar de volta e ver seu pai sempre que quiser. Se você colocar um depósito no seu apartamento... —Dei de ombros. —Eu vou pagar. Eu quero parar de entreter todas as razões pelas quais não podemos ter exatamente o que queremos.

—Devagar, Riley—, disse ela, levantando a mão e dando um passo para trás. —É a minha vida. Não podemos simplesmente virar de cabeça para baixo em um segundo.

— *Nossa* vida—, eu a lembrei, saindo do contador. —Nós conversamos sobre isso. Eu quero você nisso. —Eu hesitei. —Eu pensei que era o que você queria também.

Emoção brotou em seus olhos. —Claro que é.

—Mas?

—Mas há alguns meses atrás nós não falamos em uma década—, ela insistiu, suas sobrancelhas se erguendo. —Eu não posso ir para Los Angeles com você por um capricho. Meu pai precisa de mim aqui...

—Seu pai é o único a pedir-lhe para sair—, lembrei ela, uma impaciência se aproximando da minha voz. —Ele está bem. Ele é uma ligação do FaceTime de distância.

—Riley... — ela começou.

O jeito que ela disse soou como se eu estivesse pedindo para ela tirar férias para o sétimo círculo do inferno.

Eu poderia falar o meu caminho para dentro ou para fora de qualquer coisa. Mas pela primeira vez eu não sabia como parar isso, como consertar isso.

Eu sabia que ambos tinham sido queimados no passado. Pela vida, por causa de outros.

Esta deveria ser a nossa chance. Nós tínhamos passado por todas as nossas merdas, saímos do outro lado.

Mais forte.

Juntos.

Claro, essa ideia parecia louca e eu só cozinhava no último meio dia. Mas foi perfeito. Como ela não podia ver isso? Eu estava pronto para usar todas as conexões que eu tinha, cada dólar em meu nome, para nos dar o final feliz que ambos queríamos.

Eu não queria recusar Epic. Mas eu não conseguia me afastar dela.

—Sam—, eu murmurei. —Vamos.

—Eu não vou com você—, ela disse calmamente.

Eu senti a rachadura no meu peito. A negação subiu dentro de mim e eu respirei irregularmente. Segurei. —Então você quer que eu fique.

—Não! — Ela exclamou. —Lee, você é bom em cuidar das pessoas. Tão bom, na verdade. No ensino médio, você tentou fazer a coisa certa para mim. E eu amo o que você fez, mas tudo o que causou nós dois foi sofrimento. —Ela respirou fundo. —Eu quero que você faça a coisa certa para você por uma vez.

Ainda me lembro de como me senti quando lhe enviei os textos, as ligações, as cartas todos aqueles anos atrás. Era como pegar uma ferida a cada dia.

Este? Isso foi como ser esfaqueado no intestino. Sabendo que não há como curar isso, vendo-se sangrar.

Com o passar dos anos, eu fui bom em fingir. Eu coloco um sorriso mesmo quando não sinto.

Neste momento, levou tudo em mim só para respirar.

Eu poderia argumentar. Eu poderia lutar e torcer suas palavras e fazer tudo ao meu alcance para mudar isso.

Mas...

Eu não queria. Eu queria que ela quisesse isso.

—O que você está pensando? —ela perguntou finalmente.

Eu respirei fundo. —Eu estou pensando... — Eu passei a mão pelo meu cabelo. —Eu estou pensando que você deveria ir.

Passei por ela, subindo as escadas de dois em dois em direção ao vestíbulo.

—O que? — Sua voz subiu atrás de mim.

—Eu preciso decidir o que fazer. E não posso pensar com você aqui, Sam. Peguei a maçaneta da porta e a abri.

Dor brilhou através de seus olhos, e por um momento uma parte escura de mim estava feliz.

Mas ela saiu, arrastando meu coração atrás dela.

Como ela sempre teve.

29

O QUE É O AMOR

EU gasto a noite no chão de madeira do meu quarto de hóspedes, olhando para o teto. A madeira fria e dura fez minhas costas e meu pescoço doerem.

De manhã, cheguei a uma decisão.

O universo me deu uma oportunidade. E mesmo se eu não conseguisse encontrar uma onça de excitação em todo o meu ser, eu seria um tolo em deixar passar.

Colocar minha vida em espera em Boston foi mais fácil do que eu esperava. Meu serviço de limpeza concordou em ficar de olho na minha casa. Organizei meus e-mails para o Titan, para que Max - ou qualquer pessoa - pudesse acessá-los e encontrar o que precisavam. Fiz anotações em arquivos e escrevi Post-its detalhando os problemas mais urgentes.

Olhando para o meu eu prometi que nem um único terno viria comigo.

Tudo sobre o tráfego de Los Angeles, a maneira como as palmeiras balançavam ao vento, as pessoas bem vestidas conversando em seus relógios enviavam a mesma mensagem.

Você quer ter sucesso e ficar bronzeado fazendo isso? Você veio ao lugar certo.

O hotel em que eu tinha ficado com Sam tinha taxas de longo prazo, e eu assinei na fila do mês, o homem do outro lado da mesa me lembrou que estaria disponível pelo tempo que eu precisasse.

O telefone tocou enquanto eu estava desembalando. —Olá?

—Eu ouvi que você implodiu.

—Eu não implodi—, eu disse a minha irmã mais nova Annie, incapaz de reunir até mesmo o mais fraco retorno. —Mãe preocupada?

—Sim.

—Diga a ela que estou bem.

—Quanto tempo você vai embora?

—Não tenho certeza.

—Tempo suficiente para eu dar uma festa na sua casa?

Ela estava me provocando. Mas quando tirei as roupas da minha mala e as pendurei no armário, não consegui morder a isca. —Se você quiser.

O silêncio veio abaixo da linha. —Você não está bem, está?

Lembrei-me das vezes em que cuidara da minha irmãzinha. Meu instinto era esfregar debaixo da mesa para lhe dar as mesmas garantias que eu tinha dado a Jimmy e a qualquer outra pessoa que perguntasse como estavam as coisas.

—Eu vou ficar—, eu disse em seu lugar.

Um texto chegou logo depois que desliguei.

David: O primeiro dia no set é amanhã. Estamos filmando neste lote.

Eletricidade abafada zumbia pelo meu corpo enquanto eu lia o endereço de onde eu iria encontrá-lo.

Não foi um bom sentimento mas era melhor do que a dormência que me levou no avião quando joguei de volta uma bebida energética e vodka que fez zero para o meu humor.

Eu liguei para David esta manhã para dizer que estava a caminho. Eu disse a ele que estava saindo de Titã, mas apoiaria Max e a equipe até que eles contratassem alguém para ajudar na minha ausência.

E que eu viria sozinho.

Meu cérebro tentou me fazer pensar nas pessoas que deixei em Boston. Max, Titan, Sam.

Eu rejeitei tudo isso.

O filme ainda precisava acontecer e esse era um lugar onde eu poderia contribuir. Talvez eu pudesse encontrar o que sempre quis aqui. Não havia mais regras. Não há problemas de fluxo de caixa para se preocupar. Não há argumentos sobre estratégia.

Este era um lugar onde todos vinham quando queriam mais. Maior. Mais brilhante.

Zero desculpas.

Cheguei ao set às nove horas da manhã seguinte. O assistente de David, que parecia pronto para pisar na frente da câmera, me encontrou no portão. Eu recebi uma identificação e uma introdução para a equipe de segurança antes de segui-lo até o estágio de som.

O edifício em si era indescritível do lado de fora.

Dentro havia uma cidade. Um labirinto de corredores e salas cheias de fantasias, adereços e pessoas com fones de ouvido correndo como se estivessem todos atrasados trinta minutos.

—É aí que acontece—, disse David, apontando para o cenário interno que parecia o interior de um prédio antigo. —Temos telas verdes no final do corredor.

—Tudo isso é para *Phoenix* ?

—Há outro filme no prédio também. Nós temos um cronograma de filmagens que diz quem vai para onde.

—O que eu posso fazer?

—Assistir. Ouça. Aprenda. Ele deve ter visto o ceticismo em minha expressão. —Ei, esse é o seu primeiro dia. Você vai descobrir este lugar em nenhum momento. Nós vamos fazer grandes coisas juntos.

Eu não sei o que eu esperava - que eu aparecesse e tivesse um milhão de coisas para fazer?

Apenas fodendo, eu me castiguei enquanto ele gesticulava com sua cabeça para eu seguir, puxando uma cadeira para eu assistir. —O diretor não acredita em ensaios. Apenas joga todo mundo e descobre na hora.

Eu estudei a cena que eles estavam discutindo. —Espere. Esta é a cena final.

—Sim. Nós filmamos em qualquer ordem que o diretor queira. Seu telefone vibrou e ele saiu de sua cadeira para atender a ligação.

Eu assisti a ação, que não fez nada para a sensação de erro que parecia ter colocado em minha alma.

Eu me levantei, decidindo ir em busca de um Red Bull.

A mesa de bufê era abastecida com todos os alimentos e bebidas imagináveis...

Exceto por aquele.

—Primeiro dia no set? —, Perguntou uma voz melódica.

Eu olhei para cima da mesa. Jane Casey estava tão deslumbrante agora como tinha sido na estreia do Ninja.

—Sim é.

Eu comecei a me apresentar, mas ela me cortou. —Sr. McKay. Eu lembro de você.

—Estou surpreso que você tenha seu próprio café.

Ela riu. —Minha assistente está grávida e tem que fazer xixi a cada cinco minutos. — Ela pegou um copo e colocou-o sob a

cafeteira, apertando um botão para o líquido preto quente escorrer. —Obrigada por recomendar esse filme pra mim. Eu li o roteiro e decidi dar uma chance a ele. Eu acho que você estava certo. É um filme sobre arrependimento e lealdade. Mas principalmente é sobre amor.

Eu engoli a amargura que subiu na minha garganta. —Estou feliz que você veja dessa maneira.

Ela me pegou olhando para o diretor montando as primeiras tomadas com a tripulação. —É desorientador, não é? Filmando cenas de ordem. —Ela parou a cafeteira e pegou a xícara. —Primeira lição. Fazer um filme *não* é *nada* como assistir a um. Mas no final, como você chegou lá cai fora. E vale a pena.

Ela me lançou um sorriso enquanto levava o café aos lábios antes de se virar e voltar para o diretor e a equipe de filmagem.

No final da minha primeira semana eu aprendi algumas coisas.

Primeiro, Hollywood nunca dorme. É como vinte e quatro horas de ação no set, com garras correndo em todas as horas do dia e da noite. As filmagens começaram às oito da manhã, e muitas vezes foram até depois das dez da noite. Isso não incluiu regravações nas cenas, revisão das filmagens do dia, que o diretor e o assistente de direção fizeram depois de horas, ou reescreveu, que o equipe de redação fez durante a noite.

Em segundo lugar, havia uma outra língua que eu não conhecia. Bloqueio, folhas de chamada, dailies, steadicam. Era como

viver em um país estrangeiro onde ainda tomavam a Starbucks e o suco verde.

Terceiro, apesar de todos me aturarem, não havia um lugar natural para eu me encaixar. Todos tinham um emprego, exceto eu.

(Para ser claro, eu estava sendo pago. Por o que, eu não tinha ideia.)

No quinto dia de filmagem, o diretor ficou frustrado com uma cena. Entrei no quarto dos escritores depois de horas, que era onde a maior cafeteira no set era depois das onze da noite.

Eu ofereci uma sugestão que eles levaram a contragosto, trazendo o total das minhas contribuições depois de uma semana de trabalho para uma linha no roteiro.

Quando o vídeo de Payton chamou de manhã, na segunda semana, não consegui esconder minha surpresa. —Ei. Como está Tristan?

—Bem. Ele está saudável desde o último check-up. Ela hesitou. —Eu ouvi que você e Max tiveram uma briga.

—Eu diria que é um desacordo.

—Um desacordo que vocês dois resolvem em um console. Não te deixa a dois mil quilômetros de distância.

Ela tinha razão.

—Espere um segundo.

Farfalhar ao fundo me deixou desconfiado.

—Ei Garoto Maravilha, — a fala arrastada de Charlie veio sobre a linha antes de seu rosto aparecer ao lado de Payton no quadro.

—O que é isso, uma intervenção?

—Estamos fazendo testes em creches.

Isso explicava o céu azul ao fundo. Elas estavam caminhando. —Ah. Então você vai voltar para a Aliança.

—Que eu não consigo começar a entender, porque é tudo pau e pau —, Charlie reclamou.

—Um dos quais é o seu namorado—, lembrou Payton.

Eu balancei a cabeça, carregando meu telefone para o pátio. Minha visão voltada para o oeste me dava o oceano pela manhã.

—Mas seriamente. Não é o mesmo sem você, Ry —, disse Payton.

Eu disse a Max e à equipe onde eles poderiam me encontrar se precisassem de alguma coisa. Até agora eu não tinha tido uma única chamada, o que não fez muito para me fazer sentir necessário.

—O que Rocky pensa sobre a sua viagem? — Charlie perguntou.

Eu grunhi. —Eu não sei, Charlie. Eu pensei que Sam e eu estávamos indo para algum lugar, mas aparentemente não. Eu ofereci a ela a chance de vir comigo para Los Angeles, mas ela recusou.

Eu levantei o cinzeiro da mesa do pátio em meus dedos. *Por que eles até colocam isso? Não* tem *um aqui que fuma de qualquer maneira.*

—Claro que sim—, disse Charlie categoricamente. —Ela não contou sobre o show que ela fez no verão?

—Sim. — Puxei uma cadeira e afundei-a.

—Clayton colocou exposições no MOMA—, Charlie declarou com orgulho. —Ele tem galerias de toda a costa leste e amou o estilo dela.

Eu parei. —Então, o cara é um grande negócio no mundo da arte.

—Maior negócio. Ry, você ainda está aí?

—Sim. Eu não percebi. —Eu fiz uma careta para o horizonte, sentindo minha camisa presa no meu pescoço pelo chuveiro. —Ainda. Sam não agiu como se quisesse descobrir isso. Ela poderia ter explicado isso para mim. Inferno, eu teria ficado se ela tivesse me perguntado.

Dois conjuntos de olhos alarmados me cumprimentaram.

—Querido, me diga que você não é tão burro assim. —

—O que?

Payton colocou no rosto que eu tinha certeza que ela usava com os caras mais densos no trabalho. —Eu não conheço Sam e não sei onde está sua cabeça. Mas se você disse a ela que você tem uma

grande oportunidade, e você estava animado com isso, não tem como ela pedir para você recusar.

Eu levantei um ombro. —Por que não?

—Porque mesmo que ela queira ficar com você? Ela quer o que é melhor para você ainda mais. E tão bagunçado e mal orientado quanto parece, é isso que o amor é.

30

MEU MUNDO

Depois de algumas semanas de filmagem, os dias começaram a se confundir.

Comecei a guardar um caderno - o tipo manuscrito, não o meu telefone - de ideias que aprendi no set.

Porque eu tinha um passe de acesso total, eu podia assistir a qualquer coisa e conversar com alguém.

Eu fiz amizade com os escritores, um dos diretores assistentes, até mesmo a equipe de marketing no estúdio. Era como ser pago por uma classe mestre na produção e marketing de filmes.

Certa noite, fui a um clube com alguns membros da equipe comemorando o primeiro conjunto de cenas. A maioria deles teve o próximo dia de folga desde que o diretor e os diretores assistentes estavam revisando cenas.

Desde que Titã se tornara grande, eu passava tempo com as pessoas com dinheiro. Dinheiro real. Ainda assim, eu estava disposto a apostar que a maioria dos homens nesta sala tinha jatos particulares, contratos esportivos de oito dígitos ou casas nas colinas.

Depois de alguns drinques, David apontou uma mulher me verificando. —Bem?

—Bem o que?

—Ela é gostosa. Vá em frente —, ele disse.

—Não o meu tipo.

—Essa mulher é do tipo de todos os caras.

Mas ela não era.

Ela era alta e loira, não pequena com cabelos escuros.

Em vez de estar cheia de ceticismo, o olhar dela era o equivalente a um tapete de boas-vindas.

Além disso, ela estava muito composta. A mulher não parecia incomodada se estivesse pendurada sobre um vulcão ativo.

—Sua perda—, disse David.

Eu assisti como ele introduziu ele mesmo. Ela sorriu enquanto ele lhe dava uma bebida e eu me virei para olhar o resto do bar, pensando na foto de sua esposa em sua mesa.

Fui ao banheiro para fugir do suor e da carência que cobria o quarto como um cobertor de seda.

Eu encontrei uma figura no corredor no caminho de volta.

—Precisa de uma pausa? — A mulher que estava flertando com David perguntou, simpática.

—Ele não é quem ele diz que é.

Seu sorriso irônico veio. —Eles nunca são.

Cinco minutos depois, observei-a atravessar a sala e tomar seu lugar ao lado de David novamente. Quando ela se inclinou para beijá-lo e ele a deixou, eu saí.

Eu pensei que este era o lugar que fazia dos sonhos uma realidade. Mas todo mundo naquele bar queria alguma coisa. Talvez, como eu, eles não sabem o que foi. Ao contrário de mim, eles estavam dispostos a fazer qualquer coisa para descobrir.

Quando voltei para a minha suíte, o hotel estava quieto. Dentro do meu quarto, eu desci para o meu short, deixando cada peça cair no chão enquanto eu agarrava o meu computador e o caderno encadernado e os levava para o meu pátio.

Sentado no ar fresco da noite, deixando a brisa brincar sobre a minha pele, eu puxei meu papel notebook e reli minhas anotações para o dia.

Havia boas ideias lá, mas percebi que eram ideias para Titã, não para a Epic.

Cheguei ao fim e minha caneta começou a passar pela página em branco.

Eu me lembrei da noite em que Sam e eu sentamos no meu quarto de hóspedes, ela desenhando linhas invisíveis através da minha pele. A maneira como me senti, só eu, ela e a escuridão.

Naquele momento, ela foi tudo. Meu passado, meu presente, meu futuro. Tudo isso se traduzia perfeitamente em cada som ofegante, cada curva de seu corpo, cada murmúrio baixo.

No momento em que levantei a caneta do caderno, havia uma imagem de duas pessoas, abraçando-me.

Foi a pior coisa que eu já vi, mas não consegui rir.

Em vez disso, abri meu laptop, puxando o anonimato de Sam no perfil.

Onde ela estava agora? Em seu novo apartamento? Trabalhando em seu show na galeria?

Com o seu novo Jonathan?

Eu estava em Los Angeles há um mês inteiro. Quando decidi vir para cá, prometi que não a perseguiria.

Ainda assim, não consegui parar de pensar.

A batida na minha porta me sacudiu para fora do meu transe.

—Não me diga que você está dormindo—, uma voz plana chamou. —São onze e meia em uma sexta-feira.

Eu me levantei da cadeira e cruzei para a porta. Abrindo-a, encontrei Max do outro lado, uma mochila sobre o ombro e uma sacola de papel na mão. —O que você está fazendo aqui?

—A maneira como Payton falou eu percebi que você estava vivendo em um buraco, não um Sheraton.

Max abriu o zíper da bolsa e tirou um console.

Minha garganta secou. —Esta é a demonstração do *Omega* ?

Ele assentiu. —Carregue-o.

Fui até o sofá, sentando-me enquanto ligávamos o console.

Max bateu alguns botões e um mundo inteiro desdobrou na minha frente.

Nós nos sentamos um ao lado do outro, trabalhando no primeiro nível.

—O reconhecimento facial—

—Diz-me você.

Minha boca se contorceu em seu sarcasmo. Foi difícil lembrar a última vez que sorri e os músculos se sentiram fora da prática.

Alguns momentos depois, meu avatar parecia lento. —Funciona.

—Uh-huh. Está feito e depurado. A captura de movimento não está pronta para ser lançada, mas está perto.

Eu deixo o controle para olhar para ele. —Merda. Eu não sabia que estávamos tão longe.

—Eu tenho trabalhado nisso o tempo todo, além de ter alguns subcontratantes para ajudar. Nosso horário O faturamento tem sido insano no último trimestre, mas eu não queria que as esperanças do time aumentassem. Seu olhar se nivelou com o meu. —Ou o seu.

—Max, a qualidade é melhor do que qualquer outra coisa no mercado.

—Eu sei. — Ele apertou o botão de desligar e caiu de volta no sofá ao meu lado.

Meu coração bateu no meu peito enquanto eu olhava para a tela preta.

—Eu quero renegociar o acordo com Cobalt. — Suas palavras afundaram e eu me virei para ele. —Estou disposto a dar-lhes *Oasis* e *Phoenix.* Mas não o *Omega.*

—Por que a mudança de coração.

—Tentar me manter no topo da minha família e do Titan está fazendo minha cabeça girar. Estou acostumado a conhecer cada pedaço do trabalho de cada pessoa. Eu não tenho por algum tempo agora. Mas é difícil lidar com isso, sem estar envolvido em todas as decisões. Preciso da tua ajuda.

Eu balancei a cabeça, com cuidado para não ler muito em suas palavras. —Eu posso falar com David no set.

Ele se mexeu, esticando um braço por cima do encosto do sofá. —Alguém parou no escritório outro dia. Perguntou se você estava pretendendo comprar seu Bentley de volta.

Meus olhos se fecharam e eu senti a risada da bolha pela primeira vez em semanas.

—Que porra aconteceu, Ry?

—História divertida. Nós estavamos com pouco tempo antes do feriado e era um dos meus ativos mais líquidos.

—Você vendeu para Titan. — Ele amaldiçoou. —Você deveria ter me contado.

Eu estendi a mão para esfregar a parte de trás do meu pescoço, piscando os olhos abertos enquanto eu olhava através da sala. —Eu deveria ser capaz de administrar o negócio por algumas semanas sem você, mesmo se você fosse o único que pedia as horas extras.

—Estava,msd também deveria ser amigo. —Ele limpou a garganta. —Como você está? Com Sam?

Seu nome era um chute no estômago, mesmo depois de semanas sem ver seu rosto, sem tocá-la, sem falar com ela.

—Não há eu e Sam. Todo esse tempo eu estava perseguindo algo que não poderia existir. Nós não estávamos certos um para o outro então. Nós ainda não somos. Ela não quer nenhuma parte do meu mundo.

—Eu não tenho tanta certeza. — Ele abriu uma janela em seu telefone, clicando em um site familiar.

—O que você é... — Quando a homepage de Sam foi carregada, eu olhei para ele em alarme. —O que diabos é isso.

Ele levantou uma sobrancelha. —Parece arte, Ry.

Max se afastou do sofá, mas eu mal o notei, minha atenção atraída pela pequena tela.

31

DA MEMÓRIA

Uma hora depois de ver Max eu fiz arranjos para voltar para casa no dia seguinte.

Eu arrumei minhas malas, avisei no hotel e pulei no primeiro avião que consegui pegar.

Boston não era tão quente quanto a Califórnia, mas a neve se foi desde que saí. A grama estava começando a crescer e parecia que o longo inverno havia acabado.

Agora eu estava no pórtico familiar do vitoriano familiar, olhando para um familiar par de olhos castanhos cheios de compaixão desconhecida.

—Ela está aqui?

Eu não poderia me incomodar com sutilezas hoje. Talvez o pai de Sam tenha conseguido isso, porque ele tirou os óculos e suspirou. —Samantha saiu de casa há um mês.

Tudo dentro de mim entrou em colapso de uma só vez.

—Onde posso encontrá-la?

O Sr. Martinez estendeu a mão e eu me preparei para o caso de ele tentar fechar a porta na minha cara.

Em vez disso, ele apenas segurou a porta da tela da varanda mais aberta.

—Eu vou te dar o endereço.

O alívio tomou conta de mim quando ele recitou, e eu peguei no meu telefone, parando quando ele chegou ao fim. —A sério? Obrigado.

Eu comecei a me virar e ele me parou com sua voz.

—Sr. McKay. Eu me virei para encontrá-lo me estudando. Ele tinha me visto em moletons e ternos, mas meu jeans e blusão não pareciam interessá-lo. Na verdade, parecia que ele estava olhando abaixo da superfície. —Eu confiei em você para cuidar da minha filha há muitos anos.

Eu empurrei minhas mãos nos bolsos, junto com meu telefone. —E eu estraguei tudo.

—De modo nenhum. Você superou minhas expectativas. Eu não poderia ter pedido por alguém melhor. —Ele limpou a garganta. —Ela é tudo que eu tenho.

Meu peito se apertou. —Eu sei como é isso.

O estacionamento do LIVE estava pela metade, embora a placa em frente tenha dito que não havia show esta noite.

Quando entrei pela porta, soube que estava no lugar certo.

A luz do teto era fraca e apenas metade das peças nas paredes estavam acesas. Como quem quer que tenha feito isso, estava mais preocupado com o fato de que as telas estavam penduradas, em vez de serem mostradas em sua melhor forma.

Não havia atendente para levar casacos, ninguém oferecendo vinho - nem mesmo Charlie, embora estivesse claro que ela ajudou a orquestrar isso.

Ainda assim, duas dúzias de pessoas estavam em volta do clube, estudando as paredes.

Não era nada como a multidão que estava na galeria de Jonathan. Havia adolescentes aqui e ninguém estava em seus telefones.

Parei sob a primeira pintura.

Linhas escuras, cheias de movimento e emoção, em uma tela branca.

Eu tomei meu tempo, me afogando em pedaço após pedaço. Uma imagem que eu reconheci do perfil online. Outros eram novos.

—Estes são muito legais.

—Obrigada. Você gosta de desenhar?

Sua voz penetrou em meus pensamentos, e me virei para vê-la em pé conversando com uma criança que não poderia ter mais de dezoito anos.

—Sim. Eu tentei fazer aula de arte, mas não gosto disso.

Eu soube no momento em que Sam sentiu minha presença porque seus ombros se endireitaram.

Eu olhei por ela na tela. Era um homem sentado em um sofá. Suas pernas esticadas na frente dele. Um meio sorriso no rosto e um olhar de fascinação absoluta em seus olhos.

—Você terminou, — eu murmurei.

—De memória. — Sam se virou para mim.

Eu não a havia esquecido, mas ela estava confusa em minha mente. Aqui ela era real, e eu sofria tanto por tê-la perto como eu estava sendo tão distante.

Seu cabelo caiu em ondas brilhantes para os ombros. Seus olhos estavam alinhados, seus lábios nus. Ela usava jeans escuros que se agarravam às pernas que eu lembrava enroladas em volta de mim, e botas pretas curtas que adicionavam alguns centímetros à sua altura.

Enfiei as mãos nos bolsos, sentindo-me estranhamente mal vestido pela primeira vez. —Charlie me contou sobre o seu show na galeria. Parece um grande negócio. Eu fodi para cima, pressionando você para vir comigo. Me desculpe, eu não entendi.

Ela assentiu. —Está bem. Mas não é tudo que estou animada. Ela respirou fundo. —Eu estava olhando para o leilão que publicamos e alguns dos comentários sobre ele. Havia centenas deles. As pessoas amam *Phoenix.* Era tão alto vê-los se envolver nos conceitos, nos personagens. Eu percebi que amo esse trabalho, Lee. Eu amo criar personagens e traze-los à vida. Se isso é de alguma

forma menor do que o que eu aprendi na França... —ela deu de ombros. —Eu estou bem com isso.

—É por isso que você vinculou este perfil ao seu site?

—Sim. — Sam olhou ao redor da sala, seu olhar persistente em cada uma das imagens por sua vez. A luz das sobrecargas reduziu a vida das imagens nas paredes. —Você estava certo. Parte de mim estava com medo de reconhecer isso. Mas se alguém - Jonathan, Clayton, meu pai, qualquer um na indústria - tiver um problema com o meu trabalho, isso é muito ruim. Eu não estou mais me escondendo.

—Sam, pelo que vale, seu pai te adora. E isso não tem nada a ver com o seu trabalho e tudo a ver com quem você é.

Seus olhos brilharam. —Eu sei. E isso não é só o que eu faço. É parte de mim, da pessoa que eu era.

Meu coração pulou quando resisti ao impulso de entrar nela. —Só a pessoa que você era?

Ela estava cercada por tudo que ela criou. Tudo o que veio de dentro dela. E eu nunca a quis mais.

Seus lábios se curvaram no canto. —O que você está fazendo aqui, Lee?

—Quando fui a Los Angeles, achei que poderia encontrar alguma coisa lá. E eu fiz. Eu percebi que não precisava sair de Titan ou Boston para ter algo que era meu. Porque esse sentimento em mim, isso tentando descobrir o que eu estou procurando... Eu percebi isso.

—O que eu tenho procurado foi você. — Eu me aproximei, incapaz de resistir à emoção que tomou conta de mim. Minhas mãos encontraram seus quadris, meus polegares acariciando o recuo acima deles e a sentindo tremer. —Cada segundo que estou com você parece egoísta. Está tão bom que parece que tudo o que estou fazendo é tomar. Mas eu sei que não é porque vejo seu rosto e sei que você está comigo. Estou tão apaixonado por você, Sam. E não importa como você se sinta, não tenho certeza se posso parar.

—Você quer dizer isso? — Ela sussurrou, e eu assenti. —Eu também te amo, Lee. Estar sem você no mês passado foi uma droga. Eu pensei que eu poderia voltar a como as coisas eram, mas eu não pude. Sabendo que você estava lá fora, e que eu poderia ter tido você... —seu sorriso vacilou. —Você é um ato difícil de seguir, McKay.

As palavras, a ponta trêmula em sua voz me fez desejar fazer cem coisas que eu não podia. Sussurrando minhas desculpas em seus ouvidos até minha garganta ficar rouca. Arrastando-a em meus braços e beijando-a até que ambos estávamos doendo. Puxando-a para um canto escuro e mostrando a ela com meu corpo, minhas mãos, o quanto eu sentia falta dela - como ninguém poderia tomar seu lugar.

—Então, o que vem a seguir? —, perguntou ela.

—Eu vou voltar—, eu disse a ela. —Para Boston e Titã. Max e eu conversamos no avião a caminho de casa. Fizemos um acordo de plataforma que garantirá que não ficaremos sem dinheiro por pelo menos dois anos. Com esse financiamento, decidimos contratar uma nova administração oficial para se certificar de que nada atravessa as rachaduras. Vou me concentrar em expandir nossa marca,

acompanhando oportunidades como o filme da *Fênix*. Falando nisso, poderíamos usar alguém para fazer arte conceitual, depois que você terminar o show da galeria. Estendi a mão para tirar uma mecha de cabelo do rosto dela.

Ela corou com culpa. —Na verdade, eu fiz uma pesquisa sobre o programa de bolsas de estudo da MassArt de volta quando você estava falando sobre doar dinheiro para eles. Acontece que eles estavam realmente procurando por um instrutor de sessões. Alguém saiu para um curso no semestre de outono e eu vou estar preenchendo para ensinar.

—De jeito nenhum.

Ela assentiu. —Eu os enviei meu portfólio - tanto o meu trabalho da França quanto o conceito artístico - eles adoraram. Disse o fato de que eu fiz as duas coisas, a mistura de técnicas, para a atual geração de alunos. Ou algo assim.

—Você é incrível.

—Por que?

Eu fiz uma careta. —Há apenas um problema. Eu estava planejando ter meu segundo quarto renovado em um estúdio. Mas eu preciso de um colega de quarto que esteja na arte para que valha a pena.

Ela arqueou uma sobrancelha. —Meu aluguel é mês a mês, então em duas semanas, pode haver um companheiro de quarto disponível.

Seus lábios se curvaram em um sorriso que fez minha alma doer por sentir falta dela.

—Graças a Deus. Liguei para este empreiteiro para restaurar as molduras e seria um desperdício sem alguém para admirá-las.

Eu a beijei porque não pude evitar.

Sua boca aqueceu sob a minha, me dando as boas vindas em casa.

Fazia muito tempo desde que eu a tinha visto e o que era pretendido ser uma saudação que se transformou em mais quando minhas mãos deslizaram para sua bunda, puxando-a contra mim e balançando meus quadris em direção a ela.

—Ok, este é um estabelecimento familiar. Pelo menos por hoje à noite. Nós nos separamos. Eu sorri para Charlie, que estava do outro lado da sala, os braços cruzados na frente dela e um sorriso no rosto.

Quando finalmente voltei a olhar para o rosto aturdido de Sam, perguntei: —O que você está pensando?

—Tudo. Que eu te amo. Que mal posso esperar para ver o estúdio. Que eu sinto sua falta e eu meio que quero socorrer este lugar para que possamos alcançá-lo de verdade.

Eu limpei minha garganta. —Isso é um monte de pensamentos. Deixe-me saber se você quer ajudar a decidir o que fazer primeiro. Eu me aproximei dela. —Então, isso é um sim para morar comigo?

Sua boca se curvou. —Este é um sim.

—Doce. E nós podemos ter o pijama do Dawson's Creek? Levantei minhas sobrancelhas. —Mas menos conversa existencial e mais sexo existencial?

Ela bufou, e foi o melhor som que eu já ouvi na minha vida.

Até que ela disse: —Combinado.

EPÍLOGO

RILEY

4 meses depois

—Riley, como você se sente ao saber que a Titan Games está pronta para dobrar sua receita no próximo ano graças ao lançamento do *Omega* ?

—Titan Entertainment—, eu corrigi. —Não somos mais apenas sobre jogos.

—Certo. Agora são filmes também. Qual é o próximo?

—Música. Doces. Brinquedos sexuais. Quem sabe.

O sorriso da repórter brilhou quando ela fez uma anotação em seu papel.

—Eu estou dando a você o caminho para dentro—, eu insisti.

—Porque você não vai me dar a pista real dentro. — Ela se inclinou. —O que é isso? Realidade virtual? Eu ouvi um boato de que é o próximo tipo de jogabilidade. Estará disponível na plataforma Cobalt? Aparentemente, o conjunto de jogos Titan é o mais popular em todo o site. O número de membros está explodindo.

—Fico feliz que poderíamos ajudar nossos amigos no Cobalt. É um esforço de equipe.

De certa forma, esse acordo foi meu legado. Eu entreguei a maior parte das responsabilidades de contratação ao nosso novo diretor administrativo. Enquanto eu estava expandindo nossas relações com Hollywood, Max poderia se concentrar em seu próximo grande projeto de jogo.

—Estou interrompendo? — Sam parou ao lado do estande da LIVE.

—Não mesmo. — Cheguei a puxá-la para a cabine. —Minha namorada, Sam—, eu me ofereci. —Ela é professora de arte—, acrescentei.

Sam revirou os olhos. —Dificilmente.

Desde o show no LIVE, ela expandiu seu website para incluir seus dois estilos de arte. Epic também tinha reservado ela para fazer alguma arte para um novo filme de super-heróis, previsto para ser lançado um ano depois de *Phoenix.*

Clayton, o cara que a tinha arrebatado para um show de arte em sua galeria em Boston depois de ver seu trabalho no restaurante, recusou quando soube do trabalho comercial de Sam.

Mas quando ela disse a ele que ele precisava tomar uma decisão sobre o show porque ela tinha uma linha de ofertas de trabalho de Hollywood, ele tinha caído na linha.

—Arte, né? Você já fez algum trabalho com Titan? - perguntou a repórter.

—Nós emprestamos ela por algumas semanas. Mas ela não nos deixaria ficar com ela. Ela é muito talentosa para ficar amarrada.

—Estou emocionalmente amarrada—, Sam jogou para trás.

—Aww. Isso é fofo. —Minha mão riscou sob a borda de sua camisa - debaixo da mesa onde ninguém podia ver - e meu polegar acariciou sua pele.

Seus olhos brilharam, até mesmo pedir que ela me chutasse debaixo da mesa. —Nós *estamos* trabalhando em uma história em quadrinhos juntos. Ele lhe contou essa parte?

Eu olhei para ela enquanto a repórter perguntava: —Sério? Este é um novo projeto?

Sam piscou para mim e meu coração se expandiu no meu peito. —Tem cerca de doze anos de atrasos—, explicou Sam, —mas antes tarde do que nunca.

Palavras mais verdadeiras.

—Então, — a repórter começou, e eu desviei minha atenção de Sam tempo suficiente para encontrar seu olhar. —Alguma última palavra para os fãs esperando pelo novo filme?

Havia alguns truques que tínhamos nas mangas, mas David me mataria - ou me processaria - se eu os deixasse sair.

—Serão longos dez meses. Mas os fãs da franquia vão adorar. —Agradeci a repórter e Sam e eu saímos da cabine.

—Obrigado por me pegar no trabalho.

—AO VIVO não é o seu trabalho—, brincou ela.

—Mas não posso deixar repórteres entrarem no Titan HQ.

—Não é um forte secreto.

—É basicamente um forte secreto—, insisti, seguindo Sam para o meu Tesla.

O carro estava um degrau abaixo do Bentley, mas ainda estava esfriando. A coisa não fez nenhum som e você praticamente salvou o planeta toda vez que você coloca em marcha.

Além disso, significava que eu poderia bancar as bolsas de estudo da MassArt, que Sam e eu decidimos fazer juntos usando o dinheiro do leilão em nome da mãe de Sam.

—Como foi sua tarde com Payton? — Eu perguntei enquanto deslizávamos para dentro.

—Foi ótimo. Nós pintamos com Tristan. Ou, tecnicamente, eu coloco tinta à base de água em seu dedo e deixo ele manchar em sua bandeja.

—Você deixa ele pintar? Você não me deixa pintar.

—Isso é porque você provavelmente só vai tirar minhas roupas e pintar em cima de mim, e... — sua voz sumiu quando ela alcançou seu cinto de segurança.

—Não é uma idéia tão ruim, afinal, é? — Eu liguei o carro e saí para a estrada. —Eu não suponho que você saiba que dia é.

—Que dia?

—Nosso aniversário de seis meses.

Sua boca foi redonda. —Seis meses desde que começamos a namorar? Espere, estamos namorando?

—Eu sei que sou um bom namorado. Mas você é realmente uma namorada terrível. — Desliguei o ar-condicionado, deixando a brisa do verão soprar pela janela aberta.

—Eu avisei—, ela jogou de volta.

—Nós vamos trabalhar nisso.

—Espere. Se você estivesse realmente sendo bom namorado, você não contaria a partir do momento em que nos conhecemos?

—Nesse caso, seria o nosso... aniversário de doze anos e meio? — Ela riu. —Mas nós não estávamos namorando então.

—Talvez não. Mas eu te amei então. Então isso tem que contar para alguma coisa.

Eu olhei para ver Sam sorrindo.

Seus shorts deixaram a maioria de suas longas pernas nuas. Sua camiseta caiu de um ombro. Ela olhou como uma sirene enviada para convencer viajantes fracos a vender suas almas ou seus bens.

Eu queria dar tudo a ela.

Sam tinha se mudado comigo há três meses, e eu não poderia imaginar como era bom tê-la por perto o tempo todo.

Eu limpei minha garganta. —Se é o nosso aniversário de doze anos e meio, vou ter que intensificar. Tudo que eu tinha para você era flores.

—Você é melhor. Eu estou falando de joias. Animais de estimação exóticos. Talvez uma pequena ilha do Caribe.

No meio da nossa casa, fui até um parque perto do rio e desliguei o carro.

Nenhum outro carro estava à vista. Um único corredor passou à distância, mas não perto o suficiente para nos ver.

—O que você está fazendo aqui?

—Eu tenho algo para você. — Eu alcancei o porta-luvas e produziu uma folha de papel dobrada.

—O que é isso? —, Ela perguntou, com os olhos arregalados.

—Veja por si mesma.

Eu mudei meu assento para trás, meu coração batendo quando ela abriu.

—É uma história em quadrinhos.

—Apenas algumas partes. — Tentei não parecer nervoso enquanto a observava ler, seus lábios se curvando em um meio sorriso.

—Eu amo isso—, disse ela, emoção enchendo sua voz.

—Eu não sabia se nós sempre teríamos a chance de fazer uma juntos. Então eu fiz isso sozinho. —Fiz uma pausa, observando o

olhar dela se mover sobre a página novamente. —Eu estava fodidamente infeliz sem você em LA, você sabe. Na verdade, comecei a pensar que desejava ter me tatuado, afinal de contas.

Seu olhar se elevou ao meu, amor e travessura foram rabiscados em cada centímetro de seu rosto. —Eu ainda posso.

—É sempre bom salvar algo para o décimo terceiro aniversário—, argumentei, estendendo a mão para puxá-la para cima de mim.

Meus dedos acariciaram sob o short e eu enchi minhas mãos com sua bunda.

—Como isso se compara às joias? Animais de estimação. A ilha?

—Vai fazer—, ela sussurrou, se contorcendo no meu colo.

Quando eu deslizei um dedo por sua calcinha e em seu calor úmido, ela gemeu.

—Eu me lembro da primeira vez que vi você em shorts como estes. Eu me perguntaria como seria tocar em você. Foi tudo muito doce. Principalmente doce, —eu emendei. —Eu não sou mais doce.

—Você pode ser quando você quer ser.

—Eu não quero ser—, eu sussurrei em seu ouvido.

EPÍLOGO 2

SAM

11 meses depois

—Onde está minha gravata?

—Na cadeira.

—Não aquela. Minha *gravata* borboleta.

Eu escondi o bufo quando enfiei a cabeça para fora do banheiro do hotel.

Meu namorado ficou no meio do quarto em shorts e meias, parecendo perplexo, mal-humorado...

E sexy AF.

Eu enfiei a ponta da minha toalha entre meus seios, resignando-me a secar meu cabelo depois de lidar com a crise atual.

Se fosse qualquer outro cara, eu o teria chamado de maluco. Mas para Riley, estressar sobre coisas como roupas era como ele mostrava seus nervos.

—Você não precisa de uma gravata borboleta—, eu disse, parando na frente dele e tomando seu rosto entre as minhas mãos.

Seu olhar azul ártico veio pousar no meu rosto. —O que você quer dizer?

—Você precisa tirar a borda. — Eu levantei na ponta dos pés e puxando sua boca para baixo para a minha.

Funcionou como um encanto.

Riley é um cara da boca. Ele gosta de falar com ela, sorrir com isso e...

Sim.

O ponto é que a melhor maneira de fechar Riley é beijá-lo.

Nunca foi uma dificuldade. Nem uma vez no ano e meio que estivemos juntos.

Ele me levantou facilmente, e minhas mãos gananciosas cavaram os músculos de suas costas enquanto ele me carregava pelo chão até que batemos na parede.

—Boa. Idéia. —Ele gemeu no meu ouvido, enviando arrepios na minha espinha enquanto eu sorria com antecipação.

Considerando que meu namorado passa muito tempo em uma mesa, não tem como ele ser tão gostoso. É algum tipo de vodu escuro que ele faz em escalada.

Independentemente disso, sou apenas a beneficiada grata.

Eu mal conseguia lembrar de um tempo antes de esse cara me excitar.

Como eu nunca me afastei dele, nunca saberei.

Na verdade, isso foi uma mentira. Eu fui embora porque me machuquei. O tipo de dor que é amplificado por adolescente drama, hormônios, e questionando se você seria suficiente para alguém que brilha tanto.

A única coisa que poderia nos fazer passar era hora.

Tempo e amor.

Eu peguei seu short, conseguindo empurrá-lo quando minha toalha caiu. O algodão branco e fofo pendia do meu corpo, preso entre nós por um momento até que, com um grunhido, Riley o jogou no chão.

Meu punho fechou em torno dele e mordi minha língua com a sensação de seu comprimento duro, meu polegar vagando para brincar com a bola de metal que soprou minha mente o tempo todo.

Às vezes eu me arrependia de Riley não ter sido o meu primeiro.

Mas então me lembrei que ele era meu primeiro em tudo que importava.

—Eu já te disse ultimamente como você é sexy, *mi sirena* ? — Ele sussurrou no meu ouvido.

—Lembretes são bons—, eu gemi.

Ele murmurou no meu ouvido, e se eu estivesse molhada antes, eu estava encharcada agora.

Se não fosse o suficiente para estar namorando um cara inteligente, excêntrico e charmoso e - como anunciado - nunca

esqueceu uma ocasião especial? O fato de que ele estava aprendendo espanhol para mim garantiu isso.

Riley me levantou em seus braços, usando a parede para equilibrar enquanto pressionava seu pênis entre as minhas pernas. Ele deslizou para dentro e nós gememos juntos, um feito facilitado não pelo seu tamanho, mas pelo fato de eu estar escorregadia como o inferno.

Um alarme disparou ao fundo. —Merda—, eu ofeguei. —Max e Payton e Tristan vão estar aqui em breve para nos pegar.

—Eu posso me apressar—, ele raspou contra a minha garganta. —Você pode?

Eu balancei a cabeça, e quando ele mudou o ângulo para que ele encostasse no meu clitóris, eu gritei.

Se eu soubesse na alta escola que ficar nua com Riley McKay teria sido tão monumental, fisicamente e emocionalmente esmagador, nada - incluindo o olhar de horror em seu rosto no teatro naquela noite - teria me parado.

Mas às vezes, você precisa esperar pelas coisas que deseja. Trabalhar para eles.

Para construir para eles...

Minha boca se abriu quando ele me encheu, mais fundo do que antes. —Merda, isso é bom, —eu ofeguei.

Nossos quadris combinavam com o ritmo um do outro, correndo para um final suado.

Quando nós dois fomos para a borda juntos, nós levamos um segundo para descer, ofegante.

—Sua gravata está lá—, eu disse, saindo de seus braços e apontando por cima do ombro.

Ele piscou de volta para mim, limpando a garganta. —O quê?

Eu sorri quando puxei seus lábios nos meus. O gosto dele era inebriante e familiar e cem por cento em casa.

—Perfeito. Nós temos isso.

—Você percebe que não pode mudar nada agora—, murmurei.

Riley se mexeu em seu smoking no assento ao lado. —Mas e se as pessoas não gostarem.

—Recebemos ótimas críticas. Tomates podres estão comendo isso. E você está esquecendo alguma coisa.

—O que é.

—Nós vimos isso e é incrível—, eu sussurrei.

Riley e eu tínhamos visto o corte final, apesar de ter sido um favor de David, que insistiu que não devíamos dar uma espiada.

Max esperou até agora para vê-lo, o que era um testemunho da maneira como ele tinha amadurecido desde que tinha Tristan. O garoto, difícil de acreditar que ele tinha mais de um ano agora, pulou feliz no colo de Payton no meu outro lado.

—Você está pronta para isso? — Payton se inclinou para mim, sua voz um sussurro conspirador.

—Você já se acostumou com isso? — Eu perguntei a ela, tomando um momento para olhar ao redor do teatro. Tinha de haver duzentas pessoas lá, incluindo a maioria dos funcionários da Titan, os diretores e a gerência sênior da Epic, e, claro, o elenco encabeçado por Jane Casey, que era toda sorridente na fila da frente.

—Não. — Ela mudou o filho dela em seu colo e ele sorriu para ela.

Foi incrível ver o sucesso deles e a amizade deles evoluir. Ainda assim, não era como se o futuro de Titã em Hollywood estivesse montado neste filme. Riley já havia vendido opções para não um, mas dois outros jogos do Titan, e ele admitiu na noite passada que a Epic estava planejando seguir em frente com um filme da *Omega* no ano seguinte.

Como eu, Riley tinha passado por suas próprias coisas, e isso o mudou. Na maioria das vezes, isso o fazia melhor; ele não gostava de deixar as pessoas para baixo ou de deixá-las para trás.

No entanto, eu também testemunhei ele se tornar mais disposto a tomar suas próprias chances. Abertura sobre o que ele precisava e queria.

Eu aprendi com ele também.

No ano passado, comecei a construir um nome para mim, ambos minhas paisagens e minha arte comercial.

Eu sempre achei que cair era um risco muito grande.

Mas realmente? Depende de quem você cai.

As luzes diminuíram e a mão de Riley apertou a minha. Eu olhei para o perfil dele no escuro. Os ângulos do cabelo dele. O contorno afiado do nariz dele. Os lábios cheios, desenhados com nervos.

A excitação correu por todas as partes de mim até a minha pele formigou. —Eu ainda não posso acreditar que a estréia acabou no meu aniversário—, eu sussurrei para ele.

—Uh-huh. — Ele me enviou um sorriso distraído.

Os créditos iniciais começaram e eu senti Riley mudar ao meu lado. —Ei, Sam?

—Sim.

—Eu tenho que te dizer uma coisa.

Eu me virei para ele com os olhos arregalados. —Não pode esperar? — Murmurei, olhando para trás na próxima fileira de VIP's.

—Não. Não pode.

Sua boca desceu sobre a minha e minhas sobrancelhas subiram.

Eu não pude protestar que estávamos em um lugar público. Não podia fazer nada além de ceder aos lábios, duro e quente e sabendo de uma maneira que me fez molhar instantaneamente.

Eu senti seus dedos acariciarem os meus, então...

Algo frio.

Eu me afastei, olhando para a minha mão.

Brilhava no escuro.

Meu peito apertou, meu estômago torcendo em nós. —Que diabos?

Eu levantei minha mão, de queixo caído enquanto eu observava o solitário gigante.

O rosto bonito de Riley olhou intensamente para mim. —Eu percebi que se conseguir que você fosse minha esposa fosse metade tão difícil quanto conseguir que você fosse minha namorada, eu teria que aplicar alguma pressão. — Sua voz baixa era quente, cheia de amor e uma pitada de incerteza. —Ring não obstante, a última palavra ainda é sua.

Olhei para trás, percebendo que todos na fila seguinte estavam nos observando, não o filme. Nenhuma pessoa parecia irritada. Atrás de mim, Payton sorriu.

Voltei-me para ver Riley respirar, se preparando. A partir desse momento, foi tudo ele. O teatro sumiu. As luzes, o quarto, as pessoas, o filme que ambos ajudamos a fazer.

Houve só ele.

Sempre havia sido ele, percebi enquanto me perdia nas profundezas daqueles olhos azuis.

—Sam Martinez. Eu te amei desde que me lembro. Eu pretendo continuar fazendo isso. O que você faz-

—Feito— Eu disse a palavra antes que ele pudesse terminar, e o beijei antes que ele pudesse respirar.

Tenho a sorte de dizer que me apaixonei não uma vez, mas duas vezes.

Quando você sabe tem alguém para te ajudar a levantar? Isso é uma queda vale a pena.

Todo maldito tempo.

Fim